

1120

DM
ALEI/MJ.1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

O Negativo na Adolescência visto através do Rorschach

Maria José Aragão Aleixo


nº 12856

Orientadora: Profª Doutora Maria Emília Marques

**TESE DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E
PSICOLOGIA CLÍNICA**

2008



 Instituto Superior de Psicologia Aplicada
 Rua da Escola Politécnica, 64
 1200-008 Lisboa, Portugal
 Tel: +351 21 311 17 50 • info@ispa.pt

Nº 17928
 Data: 5/2/09

Agradeço aos directa e objectivamente implicados:

À Professora Maria Emília Marques por ter aceite a orientação deste trabalho e pelo estímulo, disponibilidade e apoio no processo,

Ao Departamento de Psicologia e de Formação da PRP, nas pessoas do Mário, da Joana, Paulo, Vasco, Engº Lourenço e a todos os adolescentes a frequentar o FJC que se disponibilizaram para colaborar neste estudo,

Aos meus pais, pela oportunidade oferecida.

Agradeço também a todos os outros que de maneira informal me acompanharam neste processo com sugestões, discussões, “palpites”, incentivos e muita paciência para ouvir “...agora não dá, tenho de ver se trabalho na tese...”

Muito obrigada a todos

RESUMO

O presente trabalho procura explorar as manifestações do Negativo no processo adolescente, recorrendo à metodologia Rorschach.

Através da análise dos protocolos Rorschach de 4 adolescentes entre os 14 e os 15 anos, procuramos identificar, a partir das respostas, eixos em torno dos quais o Negativo se organiza, bem como indicadores que possam configurar manifestações do Negativo de valor estruturante e destruturante.

Palavras-Chave: Negativo, Adolescência, Rorschach

ABSTRACT

This work explores the expressions of the Negative during Adolescence, from the grounds of Rorschach methodology.

Through the analyses of the Rorschach's protocols of 4 adolescents between 14 and 15 years old, we seek to identify the main themes for the organization of the Negative, as well as indicators that can provide expressions of the Negative that have a structuring and non- structuring value.

Key-Words: Negative, Adolescence, Rorschach

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. SOBRE O NEGATIVO	3
2. SOBRE A ADOLESCÊNCIA	14
3. SOBRE O NEGATIVO NA ADOLESCÊNCIA	22
4.OBJECTIVO DO ESTUDO	31
5. A METODOLOGIA RORSCHACH	32
5.1. Aspectos históricos e racional clínico	32
5.2. O material	35
6. SUJEITOS E PROCEDIMENTOS DE RECOLHA	38
7. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	40
7.1.1. Análise do Protocolo Rorschach de Ana	41
7.1.2. Análise dos dados do Psicograma Ana	62
7.2.1. Análise do Protocolo Rorschach de Bruno	68
7.2.2. Análise dos dados do Psicograma Bruno	80
7.3.1. Análise do Protocolo Rorschach de Catarina	84
7.3.2. Análise dos dados do Psicograma Catarina	96
7.4.1. Análise do Protocolo Rorschach de Diogo	99
7.4.2. Análise dos dados do Psicograma Diogo	113
8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	117
8.1. Discussão do Protocolo Ana	118
8.2. Discussão do Protocolo Bruno	123
8.3. Discussão do Protocolo Catarina	126
8.4. Discussão do Protocolo Diogo	128
9. CONCLUSÕES	131

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136
11. ANEXOS- Protocolos	142

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objectivo procurar as expressões do Negativo no processo adolescente, enquanto organizador da relação do sujeito com a realidade externa e com a sua realidade interna.

Sem categorias definidas à partida, num trabalho exploratório, que “vai para ver o que há”, tendo como referência a conceptualização do Negativo que apresentamos de seguida, iremos proceder a uma análise dos protocolos Rorschach de quatro adolescentes, dois rapazes e duas raparigas, entre os 14 e 15 anos, procurando identificar, em cada protocolo, a emergência de manifestações do Negativo.

A escolha da fase da adolescência para procurar expressões do Negativo, aconteceu naturalmente, dada a sua condição de ponto de viragem expressa no verso “*Agora que sou adolescente, já sou meia gente...*”, que não diz, mas deixa implícita a outra metade que ainda falta ser.

Esta rima de um colega de Liceu aos 15 anos numa composição sobre a Adolescência, que nem sabíamos ter registado, começou a piscar como um estribilho sonoro e fluorescente, que interrompia entre leituras e tentativas de organizar o pensamento sobre alguns casos, muitos anos mais tarde.

Comparar o processo de desenvolvimento ao percurso de uma viagem é, sem dúvida, uma banalidade. Mas se o imaginarmos como viagem marítima do tempo dos Descobrimentos, o período da adolescência corresponderia seguramente à dobragem do Cabo das Tormentas, com todos os seus monstros marinhos, dificuldades de navegação, e risco de naufrágio, a encontrar eco nas exigências das tarefas próprias do processo adolescente, nos inevitáveis comportamentos de transgressão e “risco” necessários ao crescimento. É na

dobragem do Cabo, durante toda a viagem, que o barco corre o maior perigo de naufragar. Porém, vencidos os escolhos, enfrentado o temível Adamastor, o navio segue viagem, depois de dobrar o Cabo que “das Tormentas” passou a chamar-se “da Boa Esperança”, certamente por referência à expectativa do encontro de novos mundos.

O Rorschach, instrumento captação da natureza dos processos mentais foi o instrumento escolhido para aceder às expressões do Negativo na adolescência

O trabalho está organizado em nove capítulos. Ao longo dos três primeiros capítulos iremos proceder a uma revisão de literatura em torno dos temas da Adolescência e do Negativo. Apresentamos, de forma detalhada, os objectivos do estudo no quarto capítulo. No capítulo 5 abordaremos a metodologia Rorschach e no seu seguimento apresentamos os sujeitos e procedimentos de recolha. O sétimo capítulo corresponde à apresentação e análise dos protocolos Rorschach, seguindo-se um capítulo de discussão dos resultados encontrados. Encerramos o trabalho no capítulo 9, que corresponde às conclusões.

1. SOBRE O NEGATIVO

O Negativo é introduzido inicialmente por Freud (1925/1972) como aquilo que é recalçado, “o que não está lá”, referindo-se aos lapsos. Quando ao reformular a sua teoria salienta que inconsciente e recalçado não são sinónimos, sem pôr em causa a natureza inconsciente do recalçado, abre o domínio do inconsciente. O inconsciente passa a ser tomado como tudo que é de natureza psíquica, mas não é consciente, e trabalha independentemente da consciência. Da noção de reservatório, passa-se ao reconhecimento do inconsciente como um sistema com uma organização própria, e um regime de funcionamento específico.

No artigo de Freud sobre o Negativo, é possível distinguir (Amaral Dias, 1999; Green, 1993) uma categoria que remete para um julgamento de atribuição, em que o bom se opõe ao mau, e uma outra categoria que remete para o julgamento de existência, na distinção entre o que existe e não existe. A primeira categoria – juízo de atribuição ou valor - está claramente relacionada com a questão da satisfação, associada ao Princípio do Prazer/Desprazer e fundamenta o desejo de incorporar o bom e, na versão negativa, a recusa em integrar o mau e a intenção de o rejeitar no exterior. A categoria do julgamento de existência surge ligada ao Princípio da Realidade, e a sua função é decidir se o que existe no inconsciente, também existe na realidade (Green, 2005).

A mesma categorização encontra apoio em Cuioli (citado por Green, 1993). O linguista distingue essencialmente dois registos para o Negativo: o do mau, inadequado, desfavorável, a rejeitar, e aquele que comporta um vazio, um hiato, uma ausência.

A passagem duma compreensão do Negativo associada à ideia da insatisfação para uma compreensão dominada pela noção de ausência reflecte a própria evolução teórica de Freud, com a passagem da 1ª Tópica, centrada sobre as questões da sexualidade, onde a

expressão do inconsciente se faz pelo negativo que é a insatisfação e se manifesta sob a forma de sintomas que vão do lapso à formação reactiva, com a passagem à 2ª Tópica, em que passa a centrar-se na dualidade entre Pulsão de Vida e Pulsão de Morte. (Amaral Dias, 1999).

Um outro autor a referir sobre a temática do Negativo é Kaes. No seu artigo de 2003 identifica a ausência de representação ou representabilidade, o destino “nocivo” do funcionamento psíquico e a experiência de ausência e de falha, sobre a qual se apoia a positividade que estrutura a vida psíquica, como as três conotações do Negativo para Guillaumin e organiza a sua própria distinção teórica entre três modalidades do Negativo, que associa a diferentes formas do vínculo inter-subjectivo. Assim, o Negativo de Obrigação corresponderia a uma necessidade da mente de produzir o Negativo, sob as formas de rejeição, negação, recusa, desmentido, renúncia – mecanismos agrupados por Green (1986) sob a designação de “Trabalho do Negativo”, - como condição necessária à realização de um trabalho de ligação. A utilização deste tipo de mecanismos, asseguraria a preservação de um “interesse maior” da organização psíquica. Distingue também aquilo que chama de Negativo Relativo por se situar relativamente a uma possibilidade: alguma coisa que foi e já não é; ou não foi e poderia ser; ou que tendo sido, não o foi suficientemente, ou poderia ter sido de outro modo. É um Negativo como espaço potencial da realidade psíquica, diz respeito à existência mental de um espaço de não-vivido. De acordo com Santner, “os sintomas registam não somente as tentativas fracassadas do passado, mas, ocupam o lugar de alguma coisa que está *lá*, que *insiste* na nossa vida, apesar de nunca ter chegado à completa consistência ontológica. Assim, os sintomas são, em certo sentido, os arquivos virtuais dos *vazios* – ou, talvez melhor, defesas contra os vazios – que persistem na experiência histórica” (citado por Sousa, 2005, p. 6). Por último, Kaes refere-se ainda ao Negativo Radical como uma categoria do impossível, daquilo que não é, ou não está no espaço psíquico. Corresponderia à

modalidade que se deixa representar nas figuras do branco, do desconhecido, do vazio, da ausência e do não-ser.

Com o seu trabalho, Green pretende mostrar que o Negativo não é tanto uma categoria nova, ou uma adição teórica a um corpo já existente, mas mais uma interpretação inédita que atravessa a teoria.

O autor designa por “Trabalho do Negativo” um conjunto de operações psíquicas, das quais o recalçamento seria o protótipo, juntamente com variantes como a negação, a clivagem, o desmentido e a forclusão. Subjacente à utilização deste tipo de mecanismos defensivos estaria uma forma de julgamento, já que todos exigem que a realidade e actividade psíquicas passem a ser tratadas exclusivamente pelas formas “Sim” ou “Não”, à maneira de um interruptor ligado ou desligado, sem outra possibilidade de regulação. O carácter disjuntivo e mutuamente exclusivo é a marca dos mecanismos agrupados pelo autor sob a expressão de “Trabalho do Negativo” e distingue-os doutro tipo de mecanismos defensivos como o isolamento, sublimação, formação reactiva entre outros. No seu artigo de 1986 Green salienta que o Trabalho do Negativo não diz apenas respeito aos mecanismos de defesa do Ego, mas estende-se a todas as instâncias do aparelho psíquico e um pouco mais tarde, em 1993, propõe quatro formas distintas que o Negativo pode assumir:

- Positivo e Negativo como dois positivos de valor contrário, lutando por uma supremacia
- Simetria desprovida do contexto de luta, simples contrário do Positivo, de valor equivalente, mas inverso
- Estado de coisas que contrariamente às aparências, continua a existir mesmo quando não é perceptível pelos sentidos, não somente no mundo exterior, mas também no mundo interior. Reenvia à noção de ausência, e de latência. Positivo e Negativo são aqui registos de existências diferentes.

- Nada

O autor insiste, no entanto, numa ideia de Negativo, que não se esgota no preenchimento das lacunas referidas por Freud. O Negativo, para além das possíveis qualidades de complementaridade e/ou simetria em relação ao Positivo, e da sua capacidade de conferir retroactivamente ao Positivo um sentido que jamais poderia ser atingido exclusivamente a partir da consideração dos seus aspectos, constitui-se enquanto realidade própria, que não se define pela oposição. “Il faut alors comprendre que le statut du négatif présente cette particularité d’être à la fois envers du positif, connotation d’un type de valence contraire à ce qui est affirmé en premier, mais qu’il est aussi révélation d’un être radicalement autre que celui du positif, de telle sorte que l’approche de celui-ci par les moyens qui lui sont appropriés ne suffira jamais à en cerner la nature”. (Green, 1993, p.56). Procurando caracterizar a questão, compara o negativo a um trabalho na sombra, que longe duma qualidade efêmera e evanescente, se exprime consistentemente através da compulsão à repetição, naquilo que considera um modo de funcionamento fundamental do pulsional.

Nas suas pesquisas, o autor encontra o Negativo em considerações de Winnicott acerca da relação terapêutica negativa. Winnicott (citado por Green, 1993) sugere acerca do “aspecto negativo das relações” um modelo em que as experiências traumáticas que puseram à prova a capacidade de espera do bebé em relação à resposta desejada da mãe, conduzem, quando a resposta falha, a um estado em que só o que é negativo é real. A marca destas experiências estende-se a toda a estrutura psíquica e torna-se independente de aparecimentos e desaparecimentos futuros do objecto. O negativo impõe-se, então, como relação objectal organizada independente da presença ou ausência do objecto. Green leva ainda mais longe as referências ao Negativo no trabalho de Winnicott, referindo como exemplo o conceito de objecto transitivo enquanto resposta à angústia da separação. O sofrimento, raiva e impotência associados à experiência da separação, podem resultar numa espécie de paralisia psíquica, ou

o sujeito consegue encontrar forma de lidar com a angústia através da criação dum objecto transitivo, que simultaneamente é e não é o seio. A criação do objecto implica uma conjunção/combinacão que ultrapassa a tradicional oposiçãõ entre ser e não ser, a que se refere o julgamento de existênciã preconizado por Freud.

Esta dupla valência do Negativo, por um lado potencialmente estruturante ou criativa e por outro destruturante é um ponto comum a Green e a Bion, e é também sob esta perspectiva de análise que iremos orientar o presente trabalho.

Na sua proposta sobre o desenvolvimento do pensamento, Bion (1984/1963) faz equivaler a pré-concepção a uma expectativa vazia. O objecto da pré-concepção é um objecto negativo. A pré-concepção ψ (ξ) corresponde a um estado de expectativa. É um estado da mente adaptado a receber um espectro de fenómenos limitado. A correspondência entre a pré-concepção e a realizaçãõ dá origem à concepção. Em que (ξ) representa o elemento insaturado. Quando ocorre o emparelhamento da pré-concepção com a realizaçãõ, (ξ) é substituído por uma constante.

O emparelhamento da pré-concepção com a realizaçãõ satisfaz a expectativa, mas alarga a capacidade de ψ (ξ) para mais saturaçãõ. (Bion, 1984/1963).

A pré-concepção constitui o mecanismo básico do processo em que ocorre o crescimento mental. Ela está aberta e em busca de uma experiência particular com a qual possa unir-se e emparelhar-se. Esta união torna-a emocionalmente real e está associada à experiência subjectiva de realizar algo, ou seja, compreender o seu significado. O elemento que está em busca de ser pensado representa um aspecto insaturado, que quando encontra a realizaçãõ adequada se torna saturado, passando a ser referido como concepção. Tendo-se tornado numa concepção, o pensamento está delimitado, mas pode, por seu turno, tornar-se insaturado, numa nova pré-concepção, pronta a unir-se a uma nova realizaçãõ específica, e a tornar-se saturada, ou realizada.

Todo este processo é o crescimento dos pensamentos em complexidade e profundidade, numa direcção que produz ideias novas e mais ricas, em que o grau de abstracção vai aumentando (Symington & Symington, 1999/1997).

Nesta versão, as concepções surgem associadas a uma vivência emocional de satisfação, já que resultam da junção de uma pré-concepção com a sua realização. Mas, experiência da frustração é tão parte da realidade como a experiência da satisfação, e da união entre uma pré-concepção e uma frustração pode resultar um pensamento (Bion, cit. por Amaral Dias, 1999), ou não...

Em termos de pré-concepção, um objecto que satura completamente a área insaturada da mente cria um efeito de não transformação ao nível do pensamento. A maximização da insaturação seria um sinal promotor de crescimento e da organização de pensamentos e conceitos. O aparelho pré-conceptual no contacto com o objecto actua simultaneamente no nível saturado e no nível insaturado. A questão fundamental é saber qual o limiar que o aparelho pré-conceptual tem à insaturação. (Amaral Dias, 1999).

O modelo fornecido por Bion é o do bebé cuja expectativa do seio se associa à realização de um não-seio disponível à satisfação. Esta associação é vivenciada como um não-seio, ou um seio ausente dentro dele. Face a esta experiência de frustração abrem-se duas possibilidades: evitá-la ou tolerá-la e tentar transformá-la. Se a capacidade de tolerar a frustração é suficiente, o não-seio no interior do bebé torna-se um pensamento e desenvolve-se um aparelho para pensá-lo.

No decurso deste processo, a ausência tanto evoca a criação de um pensamento como resulta numa não coisa má, que pode, por isso, ser expelida. O pensamento é como que o negativo do objecto real e só pode ocorrer porque o objecto real está ausente.

O autor introduz uma distinção conceptual entre o “no-thing” (não coisa), que remete para a ausência da coisa, e o “nothing” (nada) que remete para a inexistência (Green, 1993,

Amaral Dias, 1999). Associa os conceitos à experiência da análise em que o efeito da não compreensão ou incompreensão e a má compreensão, encontrariam equivalência na diferença entre o “nothing” e o “no-thing”. O mal entendido, na sua ambiguidade, permitiria a possibilidade de surpresa na descoberta de um outro e novo sentido. A não compreensão poria termo ao desenvolvimento de todo o processo compreensivo. Seria na passagem no “nothing” ao “no-thing” que se abriria a possibilidade de lidar com a falta e elaborar a frustração.

Onde o objecto já não é, começa a experiência emocional, que pode ser transformada em algo com significado, se a frustração e a dor mental associadas puderem ser toleradas. Mesmo quando o acasalamento é possível, a coincidência entre realização e pré-concepção não passa de uma aproximação, no melhor dos casos bastante aproximada, mas ainda assim distante. Qualquer coisa à maneira da noção dos limites na Matemática, um valor para onde a função tende sem, em rigor, chegar exactamente a atingir. A imperfeição nesta coincidência é em si mesma potencialmente geradora de frustração, e se não for tolerada pode impedir o emparelhamento. Podemos ainda chegar a pensar que, para cada realização que assegura o emparelhamento, se abriram outras possibilidades, que tiveram de ser excluídas, e esta exclusão pode ser, por si mesma, geradora de insatisfação.

O dilema psíquico fundamental para Bion pode resumir-se, assim, às opções face à frustração. Numa das opções a frustração é evacuada, por identificação projectiva excessiva, num processo em que a mente expelle os elementos que não podem ser assimilados e elaborados na sequência de experiências geradoras de frustração, mas os elementos evacuados tendem a regressar e a mente tem de realizar novas evacuações, em que já não são apenas os elementos indesejados, mas aspectos da própria mente que são sujeitos à expulsão, resultando num empobrecimento mental progressivo. Em alternativa, há uma tentativa de elaborar a frustração, o que implica, pelo menos inicialmente, uma certa capacidade para tolerá-la.

Na resposta ao dilema fundamental de Bion, Amaral Dias (1999) distingue entre o negativismo ou negatividade, e a exploração do Negativo, como um problema em relação aos que persistem na falta e aos que conseguem viver na ausência. O Negativo tem uma correlação directa com a capacidade estruturante do sujeito, e a Negatividade, onde se organiza o sintoma, resulta da impossibilidade fazer actuar as capacidades estruturantes. Do ponto de vista do psiquismo o contrário do Negativo não seria o Positivo, mas a Negatividade, ou seja, a incapacidade de elaboração da frustração e da separação entre o sujeito e o objecto.

Na reformulação da mesma questão Green (2005) considera que o trabalho do Negativo diz respeito à relação com o objecto no cruzamento entre as pulsões destrutivas por um lado e as pulsões de vida, por outro. Para o autor, os processos psíquicos estão sujeitos a uma oscilação permanente entre a função objectalizante, e uma função contrária, que chama função desobjectalizante. A função desobjectalizante, sob o domínio da pulsão de morte, não se aplica apenas a objectos ou seus substitutos, mas ao processo objectalizante em si mesmo. Na sua base estaria uma aspiração a um nível zero, frequentemente associada ao conceito de narcisismo negativo.

Na intolerância à falha introduzida pela ausência do objecto, o desinvestimento, que supostamente liberta de qualquer tipo de dependência do outro, organiza-se como resposta de solução. Assim, a destruição opera em silêncio e insidiosamente através do desinvestimento, num processo de empobrecimento progressivo do Ego, que conduz a à perda de consistência, integridade e organização.

Acerca da questão, Sousa (2005) refere-se à apatia, enquanto processo de desligamento e fechamento, como uma medida de impermeabilização à realidade. A indiferença e passividade em relação ao que acontece seriam espelho de uma lógica em que se desinveste tudo o que pode causar sofrimento, ficando assim impedido o contacto com a realidade. Enriquez (citada por Souza, 2005, p.8) descreve este movimento defensivo como

“uma tentativa de controle do corpo, da pulsão e do pensamento, a fim de se atingir uma insensibilidade afectiva que é única situação psíquica possível de ser assumida para manter a coesão narcísica”.

Entretanto, no outro lado da resposta ao dilema de Bion, está a capacidade estruturante do Negativo. Como vimos, o modelo do crescimento psíquico apoia-se na capacidade para tolerar a “(in)coincidência”, para estar aberto à não-coisa. O processo de pensar, como recorda Amaral Dias (1999) implica a criação de símbolos e vínculos entre os símbolos e o símbolo reenvia-nos implicitamente a uma falta. A comunicação simbólica organiza-se sobre a ausência do objecto e os vínculo que se estabelecem, organizam-se sobre o vazio. A conceptualização de Bion ao abrir os vínculos amor (L), ódio (H) e conhecimento (K) a um espectro que vai de] - , + [, indica que se pode estar tão próximo quanto possível de L+, sem atingir a sua máxima potencialidade. Há sempre um campo aberto, sempre a possibilidade de descobrir um novo L+ ou um novo L-. Em Bion, o sinal (-) associado aos vínculos representa a negatividade e o sinal (+) representa a exploração do Negativo.

Ainda do lado estruturante do Negativo, importa referir a noção capacidade negativa que Bion (cit. por Symington & Symington, 1999/1997, p.194) encontrou em Keats para caracterizar os atributos necessários a um grande poeta, numa passagem numa carta do escritor aos irmãos: “..... refiro-me à capacidade negativa, isto é, aquela que permite a um homem ser capaz de permanecer na incerteza, mistério, dúvida, sem qualquer esforço, sem qualquer esforço irritável que vise alcançar facto ou razão...”.

French (2000) refere-se à capacidade para tolerar a ambiguidade e o paradoxo e para conter as pressões internas, sem ter necessariamente de lhes reagir. A capacidade para permanecer na incerteza seria uma condição para a emergência de novos pensamentos e percepções. A capacidade negativa diz respeito à capacidade de conter a incerteza e tolerar permanecer desconhecido, e com isso descobrir uma nova possibilidade. Implica poder

funcionar no limiar, num espaço intermédio entre o conhecido e o desconhecido permite oscilar entre a certeza e a incerteza, atravessar para o desconhecido para regressar com um novo produto. O não saber e não agir deixa espaços que são essenciais ao estabelecimento da capacidade criativa.

A ideia é antiga e aparece em diversos contextos. A antiquíssima filosofia chinesa do Taoísmo faz apologia desta capacidade e já desde o século III, encontramos no Tao Te King de Lao Tse inúmeras referências escritas que valorizam o não-agir e reconhecem o vazio enquanto espaço potencial. No texto místico do sec. XIV de autor desconhecido “A nuvem do não-saber”, o autor indica um caminho para a experiência de Deus que passa por ser capaz de “permanecer na escuridão” e numa “nuvem de desconhecimento”.

Num outro domínio, ocorreu-nos pensar a valência estruturante do trabalho do Negativo com a descoberta do zero. Introduzido na Europa durante a Idade Média, com os algarismos arábicos divulgados por Fibonacci, a sua descoberta, referida apenas entre os babilónicos, os hindus e os maias e representa um salto extraordinário em termos de abstracção. Até à descoberta do zero, a numeração servia para representar quantidades, elementos que existiam. Os triângulos rectângulos existiram desde sempre, até Pitágoras os fixar com o seu teorema, a gravidade também existiu sempre, até a maçã cair na cabeça de Newton. As descobertas, na ciência, como na arte são experiências de reconhecimento “...tão nova que nem sabia que os poemas eram escritos por pessoas, mas julgava que eram consubstanciais ao universo, que eram a própria respiração das coisas, o nome deste mundo dito por ele próprio, toda a minha vida tentei escrever esse poema imanente.” (Sophia, 1989). Experiências de reconhecimento em que o que se descobre coincide com o que é. Quando esta coincidência acontece, qualquer coisa de pré-existente, ganha um nome, uma forma, ou uma fórmula. Aquilo a que Bion, se referiu como nomeação, e que impede que a

experiência se perca. Na ciência, a experiência ganha também alguma possibilidade de repetição, controlo e previsibilidade.

A descoberta do zero, exigiu uma atenção ao que NÃO existia, não estava. Na psicologia vimos como a ausência abre espaço ao desejo e ao pensamento, na matemática é a atenção à ausência, à falta e ao vazio que fundamenta a descoberta do zero, definido como a cardinalidade de um conjunto vazio, e que abre novas possibilidades matemáticas. Parece-nos bem curiosa a notação gráfica para escolhida para representar o zero, uma linha curva fechada, oval ou circular, quando todos os outros algarismos do sistema decimal indo-arábico, à excepção do oito, são representados por linhas abertas. Fechar o vazio? Circunscrever a falha?

2. SOBRE A ADOLESCÊNCIA

O conceito de adolescência enquanto objecto de estudo da psicologia e psiquiatria é relativamente recente, remonta ao final do séc. XIX. O seu reconhecimento oficial no meio científico é formalizado em 1967, com a criação da Sociedade Americana de Psiquiatria da Adolescência por W. A. Schonfeld, professor de psiquiatria da Universidade de Columbia. (Coimbra de Matos, 2002a/1976).

Etimologicamente a palavra adolescência vem do latim *adolescere* que significa crescer, e designa a etapa da vida humana que ocorre na transição da infância para a maturidade física, psíquica e social que caracterizam a idade adulta. (Morel, Hervé & Fontaine, 1998/1997; Jeammet, 2002; Marcelli & Braconnier, 2005/2004).

Na psicanálise clássica falava-se numa recapitulação do Édipo e da necessidade do adolescente fazer o luto pelo corpo infantil e o luto das imagos parentais, para assim, caminhar em direcção a uma progressiva autonomia (e.g. Blos, 1989, 1998; A. Freud, 1958; Lowenwald, 1962; Sugar, 1968, citados por Fleming, 1992). Nesta concepção seria o processo de luto pelos objectos do passado que permitiria ao adolescente novas identificações e novos investimentos em objectos externos à família. Blos (1998/1962), recorrendo ao modelo do processo de separação-individuação de Mahler, define a adolescência como uma segunda individuação.

As teorias e práticas psicológicas têm procurado estabelecer as delimitações do processo adolescente naquilo que ele representa de essencial, quer ao nível das dimensões externas, quer ao nível das dimensões internas. Dentro do paradigma psicanalítico é possível distinguir dois agrupamentos conceptuais dominantes em relação à adolescência: os modelos de compreensão predominantemente estrutural e os modelos de compreensão predominantemente

desenvolvimental. (Marcelli & Braconnier, 2005/2004). Dentro deste último, Marques (2001/1999) distingue ainda um modelo ligado às descontinuidades e outro às transformações. Para os autores apoiantes duma qualidade eminentemente estrutural específica à adolescência, o funcionamento psíquico e sobretudo as manifestações psicopatológicas observadas nesta idade, encontram-se na estreita dependência das organizações psíquicas ligadas à emergência pubertária que traz o aumento da tensão pulsional. Por outro lado, para os autores e teóricos apoiantes de um ponto de vista desenvolvimental, segundo uma perspectiva essencialmente ontogenética, a adolescência é teorizada como fase fundamental no processo da subjectivação, em que a psicopatologia é conceptualizada essencialmente como reveladora de falhas (i.e. problemáticas deixadas em suspenso na infância, e.g. P. Blos, A. Coimbra de Matos, P. Giovacchini), o modelo é o do processo de separação e das angústias que dele derivam, ou o do processo de diferenciação com a maturação do Ego.

Abandonando perspectivas de cariz mais depressivo na linha de Blos (1998/1962) e outras que sublinham o peso dos diversos lutos (pelo corpo infantil, pelo investimento das imagos parentais infantis, etc) no processo adolescente (Laufer 1964/1980, citado por Marques, 2001/1999), preferimos pensar a adolescência como período de transição entre a infância e a idade adulta, marcado por transformações, e emergência de novos aspectos ao nível das relações de objecto e da identidade. Na linha de outros autores (Marques, 2001/1999; Coimbra de Matos 2002, 2003; Matos, 2005) entendemos a adolescência como um processo que se desenrola num tempo e num espaço psíquico e social determinado, que exige um trabalho psíquico de formação, construção e consolidação de novas estruturas, objectos e objectivos, que devem ser fundados sobre os antigos.

Nesta perspectiva de desenvolvimento, é a emergência do processo pubertário que marca o início da nova etapa. Limitada no tempo, a puberdade, configura um processo de transformações anatomo-fisiológicas relativamente rápidas, claramente definido em termos de

início e fim, pelos sinais fisiológicos objectivamente identificáveis como o crescimento de pêlos, aparecimento dos seios, menarca, primeira ejaculação, etc, que inauguram o acesso à genitalidade.

As transformações corporais introduzem a necessidade de novas relações com o corpo, familiares, pares e papéis sociais. A puberdade traz um corpo sexualmente amadurecido, com um potencial adulto para acção das pulsões agressivas e libidinais, evidenciando o desfasamento com a maturação psíquica da adolescência propriamente dita, de timings mais morosos.

Coimbra de Matos (2003/2002), define quatro tarefas específicas ao processo adolescente, que implicam a passagem de uma conduta passiva, mais característica da infância, onde a gratificação era obtida a partir do objecto, para uma postura de exploração e busca activa. Iremos analisar seguidamente as implicações de cada uma destas tarefas.

1. Adaptar-se e usufruir do novo corpo erótico,
2. Substituir a predominância do vínculo de protecção e apoio dirigido aos pais, pelo vínculo amoroso, dirigido ao par sexual,
3. Reorganizar a relação com o grupo de pares,
4. Confrontar-se com a morte.

Relativamente à primeira tarefa, o investimento no espaço corporal assume contornos diferentes para rapaz e rapariga. O ser no masculino desenvolve-se sob o signo do “cheio” e do “duro”, sinónimo de força e poder. O saber fazer e a acção prevalecem sobre tudo o resto. O corpo do rapaz é um instrumento cuja eficácia no âmbito da fruição e acção tende a sobrepor-se aquilo que o corpo pode definir, conter e simbolizar intimamente. É um “órgão actuante” por excelência, perspectivado na globalidade ou, interpretado na sua dimensão fálica. O ser no feminino evolui sob o signo corporal do “côncavo” e do “flexível”, figuração da capacidade para receber, conter e gerar. Encruzilhada permanente das relações entre o

interior e exterior, aquilo que é próprio e o que pertence a outrem – cópula ou gravidez – o corpo feminino ora reclama para si e assimila, ora expulsa, sempre em busca de um equilíbrio. As realizações esperadas são antes do mais afectivas (em relação consigo mesma e com aquelas que nelas participam). Aquilo que a mulher sente orienta a sua acção, o que confere ao corpo um papel muito mais do que instrumental. (Pommereau, 1998/1997). A transformação pubertária coloca em cena a problemática da identidade sexuada. A ambiguidade ou indecisão relativamente ao ser masculino ou feminino, possíveis durante a infância, deixam de ser sustentáveis, a puberdade obriga a uma renúncia à onipotência infantil e impõe uma escolha. A escolha do masculino ou feminino, com a passagem de uma pulsão auto-erótica para uma função de reprodução e descoberta e escolha de um objecto heterossexual, marcam a organização sexual definitiva, (Marques, 2001/1999).

Quanto à segunda tarefa, contrariamente à perspectiva que reclama o peso do luto pelas imagos parentais, Coimbra de Matos (2002b/1982), recorda-nos que os objectos parentais continuam investidos, mas perdem significado enquanto objectos de necessidade. No decurso da transformação, é o objecto sexual que se torna o mais importante e necessário. No caminho da dependência para a autonomia face ao parental, a autonomia não corresponde à eliminação total da dependência, mas à diversificação e maior distância em relação aos objectos de dependência. A mudança de objecto de relação acompanhada de uma mudança de objectivos, são aspectos da maior importância, nesta fase em que ocorre “mudança do objecto protector e incestuoso (anaclítico e edipiano) para o objecto contemporâneo, escolhido e exogâmico e a mudança de objectivos narcísicos, de amor captativo, para objectivos genitais de amor criativos” (p.147).

No que diz respeito à reorganização da relação com os pares, recordamos que durante a adolescência o grupo assume uma importância particular, ao funcionar como experiência intermediária entre a vivência familiar da infância e o vivido afectivo da idade adulta, quase

como local de estágio na preparação para a comunidade adulta. (Braconnier & Marcelli, 2000/1998; Coimbra de Matos, 2002).

No que respeita ao confronto com a morte e com a angústia perante a finitude da sua existência individual, também Douville (2000) refere a adolescência como o momento de um encontro forçado com qualidade irreversível do tempo.

O trabalho e desafio fundamental, para o adolescente seriam a integração da transformação pubertária, no seu funcionamento psíquico. A tarefa assume contornos particularmente difíceis, já que uma característica da adolescência, como nos lembra Matos (2005a/1998) é o desfasamento entre o rápido crescimento fisiológico e a lenta maturação dos processos psíquicos. Na leitura pulsional que o autor faz desta etapa do desenvolvimento, destaca a tendência para o Princípio do Prazer dominar sobre o Princípio da Realidade – num sentido oposto à proposta de Bion que fundamenta o crescimento mental na capacidade de tolerar e transformar a frustração decorrente da falha, condição inevitavelmente imposta pela realidade.

Se pensarmos o processo pubertário como uma via (rápida) de sentido único, já que objectivamente, uma vez iniciado não comporta possibilidade de retrocesso, teremos de considerar o processo adolescente como um entrecruzar de diversas direcções, em que para cada direcção estão disponíveis dois sentidos (tendência infantil/tendência adulta). O desenvolvimento humano é caracterizado por tendências opostas e regressivas que procuram regressar ao mesmo. Em cada momento da mudança, estabelece-se um conflito entre o desejo de conservar vínculos primitivos e regressar a um estado de narcisismo nirvânico absoluto e a força da libido progrediente que anseia por satisfações mais evolutivas (Granel, s/ data).

Cada direcção, nos seus dois sentidos possíveis, comporta as dúvidas e angústias sempre ligadas a qualquer acto de escolha, ainda que não consciente. Por cada escolha no sentido positivo, ficou no reverso qualquer coisa de que se abdicou, cada conquista, tem

inscrita, a perda que lhe corresponde. Na adolescência, muito em particular, joga-se entre um terreno já conhecido e o avanço para um estado de coisas ainda só em vislumbre, a um tempo investido como atraente, deslumbrante e desejado, mas receado e temido como assustador. A fragilidade no sentimento de identidade conduz a um exacerbar da natural angústia face à mudança, que é vivida como ameaça de perda da identidade, e determina condutas de resistência à mudança, que procuram reassegurar que tudo permanece na mesma e que as estruturas não se modificam.

A necessidade de integrar a transformação pubertária do corpo, no funcionamento psíquico, implica a capacidade de manter um sentimento de continuidade da existência num corpo em mudança. “A capacidade para continuar a sentir-se o mesmo ao longo da sucessão de mudanças constitui a base da experiência emocional da identidade. Implica manter a estabilidade em circunstâncias diversas ao longo de todas as transformações e mudanças na vida” (Grinberg & Grinberg, 1998/1976, p. xiv). Durante a adolescência a experiência de identidade é flutuante, depende do domínio, em cada momento de identificações projectivas e introjectivas. Esta flutuação produz a instabilidade emocional tão caracteristicamente observada. Uma vez que se baseia em processos dissociativos, os estados mentais sucessivos têm muito pouco contacto uns com os outros. Nos momentos de maior incerteza, continuam a surgir as dúvidas em relação às diferenciações interno-externo, bom-mau, masculino-feminino, que caracterizam a evolução pré-genital.

Braconnier & Marcelli, (2000/1998) referem-se a um trabalho psíquico caracterizado fundamentalmente por três tempos: um primeiro tempo de espera pelas transformações físicas que corresponde à entrada na adolescência marcada pelo início da puberdade. A este, segue-se um período de mudança, primeiro física, mas também psicológica com a necessidade de romper com os desejos, interesses e modelos de identificação antigos, e por fim familiar e social, marcada pela intensa necessidade de procurar fora do círculo familiar novas fontes de

satisfação. Para os autores, é precisamente este trabalho de escolha e renúncia que alguns adolescentes não aceitam “recusam-se a escolher, ficando eternamente numa posição de indecisão, de espera, de adolescência retardada e, de algum modo, prolongada” (p.xxii). A mudança desperta não só angústia face ao novo e desconhecido, como sentimentos depressivos, associados à perda de antigos vínculos e mesmo de aspectos do próprio Self. Em qualquer processo de mudança, há elementos que evoluem enquanto outros permanecem estáveis, numa dupla dinâmica, em que as partes que se mantêm assimilam e integram o novo, permitindo a mudança, ao mesmo tempo que é mantido um sentimento coerente de identidade. Aliás se fossemos à procura de uma marca registada, seria a destabilização, atravessada por forte ambivalência entre funcionamentos de tipo infantil e tipo adulto, nomeadamente no que diz respeito a questões equacionadas ao longo do eixo dependência-autonomia.

Por isso, os avanços e recuos, que não são, em si mesmo preocupantes, são oscilações que fazem parte do processo. Não há maneira, senão experimentando e vivendo, não se consegue atravessar a dormir, nem passar procuração para alguém ir lá resolver. Para se sentir separado é mesmo preciso separar-se, para perceber quem é e como, é preciso às vezes ser diferente, dos pais e das suas expectativas, dos pares, e outras vezes é preciso ser igual, no grupo. A destabilização, desorganização e regressão, provocadas pelo aumento do pulsional, pelas modificações corporais e pelo trabalho de descomprometimento da infância coexistem com as reorganizações defensivas, progressão e construção de novas identificações e formas de relação e impõem ao adolescente o experimentar obrigatório dos limites físicos, intelectuais, sociais e psicológicos (Braconnier & Marcelli, 2000/1998; Marques, 2001/1999; Jeammet, 2002; Marcelli & Braconnier, 2005/2004).

Preocupantes mesmo são as demissões, (quase) sempre irremediáveis, na forma de mortes (psíquicas) discretas, sem certificado de óbito que as ateste. “A falta de crescimento e

mudança equivale ao estancamento psíquico, à esterilidade emocional; por outras palavras, à morte psíquica” (Grinberg & Grinberg, 1998/1976, p.81).

3. SOBRE O NEGATIVO NA ADOLESCÊNCIA

Assumimos a adolescência como um processo de transformação e transição entre dois estádios do desenvolvimento humano, naturalmente percorrido pela ambivalência, oscilação, conflito e transgressão de limites. É o “já” e o “ainda” entre a dependência e autonomia, o que já não sou e onde ainda não sou, o que é familiar, o que é ainda desconhecido, no fundo, a oscilação, mais ou menos suave, ou abrupta entre regressão e progressão, permanência e mudança. Como pensar então a distinção entre o que é patológico ao longo do processo, e o que faz parte das “atribulações do normal”?

Braconnier e Marcelli (2000/1998) alertam para a necessidade de distinguir entre as manifestações inerentes ao trabalho psíquico da adolescência, aquilo que é do domínio específico destas transformações, e os indícios de traços patológicos capazes de entravar este trabalho de transformações. Assim, propõem que relativamente à análise das condutas ditas “de risco” sejam tidas em conta o seu carácter repetitivo, a sua duração, o carácter cumulativo das manifestações de sofrimento, o aparecimento de novas condutas que se juntam às anteriores, e a ocorrência concomitante de acontecimentos de vida negativos quer para o próprio adolescente quer para o seu meio próximo (doença ou acidente dos pais, desemprego, etc).

Na mesma linha, Laufer (2000/1995) define oito critérios que utiliza para definir se um comportamento se enquadra numa “variação do comportamento normal” ou se deve ser encarado como “sinal e perigo”: recuo para formas de comportamento infantis, com compromisso do avanço para comportamentos adultos; rigidez de comportamentos; predominância de relações sociais que perpetuam as relações de infância, sobre relações que favorecem o avanço para a idade adulta; importância relativa de pares/amigos e de pais na

vida do adolescente, capacidade de expressar sentimentos em consonância com os acontecimentos; capacidade de distinguir criações próprias das reacções do mundo exterior; atitude em relação ao futuro: predominantemente desejado ou temido; interferência das fantasias no funcionamento do adolescente.

Escolhemos situar-nos um pouco a montante destas manifestações, já que os seus significados podem ser bastante diversos, consoante o nível de funcionamento psíquico em que se inscrevem. A este respeito gostaríamos de deter-nos sobre a oscilação que se verifica nos adolescentes entre a inibição e a retracção do comportamento e necessidade de se expor, experimentar, verificar a solidez e a firmeza dos limites, tanto os que nascem do mundo interno, como os que fazem parte do exterior.

A inibição constitui uma estratégia frequente, capaz de mascarar diversos modos defensivos e pode ter um valor positivo nalguns sujeitos, para quem representa um processo semelhante ao da latência. Nestas situações, organiza-se como resposta pontual face à excitação, inscrita numa problemática neurótica, em que o impacto do pulsional se joga em termos da perda de objecto reactivada pelo conflito edípiano. A excitação introduzida pelo objecto é vivida de forma intrusiva, e, num registo mais narcísico, o sujeito defende-se pelo investimento da representação de si e pela negação da existência do outro e a inibição traduz o evitamento sistemático da reactivação dos movimentos pulsionais. Num registo diferente, a inibição pode remeter para uma situação mais grave e reveladora de problemáticas antigas que dificultam a abordagem do Édipo (Emmanuelli & Azoulay, 2001).

No extremo oposto da inibição, encontramos a passagem ao acto, ou acting, que na mesma linha subentende uma forma de tensão interna que impele o sujeito a desembaraçar-se através da acção, predominantemente psicomotora. Face à incapacidade de transformação de uma realidade sentida como desprazerosa, ou hostil, o acting organiza-se como um funcionamento psíquico inconsciente, que tem como objectivo manter o conflito psíquico fora

da consciência mórbida, sem hipótese de significação e portanto, de resolução. Ao desembaraçar-se do conteúdo psíquico incómodo, através da projecção e da acção, o sujeito alivia a ansiedade ou a dor depressiva. No entanto, ao alienar essas partes de si, ao mesmo tempo que diminui a ansiedade necessária para passar do acto à compreensão, está não só a empobrecer-se psiquicamente, como a criar condições para repetir compulsivamente a acção. (Matos, 1996, 2001, 2005a, 2005b; Pommereau, 1998/1997). A distinção teórica proposta por Matos entre acting e actuar, reforçada no trabalho de António (2006) faz corresponder ao actuar uma forma de representar o conflito ao serviço do processo evolutivo. Tem fundamentalmente um valor de comunicação e destina-se à compreensão e resolução do conflito. A codificação simbólica inerente, bastante próxima da representação que está na sua origem, situa quase sempre este mecanismo no limite da interpretação. Contrariamente ao acting, o actuar ocorreria por insuficiência momentânea de mecanismos psíquicos mais elaborados e a ajuda na procura do sentido psicológico destes comportamento pode funcionar no sentido da promoção do crescimento psíquico.

Tendo em conta a diversidade de significados a que as manifestações podem corresponder, de acordo com o funcionamento interno subjacente, orientamos a nossa preocupação para o risco psicológico, associado à adolescência e propomos pensar sobre as oscilações que ocorrem ao longo do eixo investimento narcísico-investimento objectal e no carácter promotor de crescimento, ou não, que estas podem assumir.

A adolescência constitui um momento no decurso do qual a possibilidade de conflito entre os eixos do investimento narcísico e do investimento objectal é exponenciada. Amplificam-se dois movimentos de natureza contraditória: a abertura em relação ao outro e a necessidade aguda de independência a autonomia. Esta questão, que para alguns é um conflito gerador de pensamento e afectos, para outros constitui-se um paradoxo capaz de bloquear os processos de pensamento.

Com o início da puberdade e as suas transformações fisiológicas que induzem sentimentos de estranheza e não reconhecimento de si, a possibilidade de assegurar a continuidade e a permanência do investimento sobre si próprio, depende em grande parte da qualidade e solidez dos alicerces narcísicos dos sujeitos.

Uma realidade interna suficientemente securizante oferece ao adolescente, quando necessário, uma possibilidade de regressão que não é sinónimo de desorganização. Se o adolescente se sente ligado aos seus pais por vínculos seguros, em que predomina o amor e a aceitação, também progride mais em autonomia e na construção da sua identidade. Quanto mais em criança, o jovem interiorizou uma relação de confiança e segurança com o ambiente que o rodeava, mais será capaz de ter a sua própria capacidade de se securizar e de entrar em contacto com os seus recursos pessoais e de prazer e mais será capaz de vir a ser autónomo e de se abrir ao outro. Contrariamente, quanto mais inseguro, mais dependente é do exterior, do olhar do outro e do seu desejo de controlar o exterior e o outro através da percepção do seu comportamento externo, visível, em detrimento das suas capacidades psíquicas internas (Jeammet, 1994).

Na constituição do narcisismo o objecto assume um papel estruturante fundamental. A adequação do objecto às necessidades da criança permite-lhe manter uma ilusão de onnipotência. Nestas condições a diferenciação self-objecto processa-se de forma conflitual, dando ao sujeito uma margem de autonomia relativamente ao poder de atracção exercido pelos objectos. Pelo contrário, uma tomada de consciência demasiado precoce da impotência por parte da criança e da necessidade que o ambiente provenha a sua satisfação tem um efeito negativo no estabelecimento de fundamentos narcísicos. A fragilidade narcísica decorrente desencadeia o recurso a defesas importantes face ao objecto, ou pelo contrário uma ancoragem exagerada ao objecto externo (Emmanuelli & Azoulay, 2001).

As defesas prevalentes entre os sujeitos que apresentam um funcionamento narcísico, entre as quais destacamos o retraimento narcísico e a idealização do eu, (que pode acompanhar-se processos de idealização do objecto, que concorrem igualmente para a idealização do sujeito, através de movimentos de identificação projectiva), permitem assegurar uma dupla função: lutar contra as reactivações pulsionais, vividas como uma ameaça de descontrolo a remeter para a fragmentação e manter sob controlo o envolvimento nas relações. Na perspectiva narcísica, o potencial risco relacional pode ser entendido a partir de duas vertentes: a dependência face ao objecto e o confronto com a diferença potencialmente reveladora de uma falha, por comparação ao outro.

Relativamente à importância de distinguir um narcisismo que não serve “para ganhar balanço” no sentido de evolução para o investimento objectal, dum narcisismo mais construtivo, menos fechado sobre si. Retemos a noção introduzida por Green (2005) de “narcisismo de vida”, associado a uma função objectalizante e “narcisismo de morte”, orientado para uma função desobjectalizante, com a marca da recusa em investir.

Os aspectos positivos do narcisismo permitem ao sujeito manter a sua unidade psíquica e desligar-se da dependência em relação ao objecto, sem cortar radicalmente a relação com ele. A retirada libidinal, juntamente com a idealização e o desdobramento contribuem para estruturar o aparelho psíquico. O narcisismo positivo admite o paradoxo constituído pela exigência simultânea de autonomia e de ligação ao objecto.

Os aspectos negativos do narcisismo revelam-se no acentuar do corte com o exterior, na defesa e desinvestimento em relação ao mundo objectal gerador de um empobrecimento do Eu com consequências no defeito de fantasmização. O sobre-investimento dos limites cria dificuldades na circulação Eu – Não Eu, criando risco de corte entre o Eu e os objectos externos, bem como entre o Eu e os objectos internos.

Oliveira (2005) recorda-nos a concepção de Bion, segundo a qual coexistem simultaneamente, uma área da mente sujeita à função simbólica, capaz de conter as experiências emocionais, e uma outra área, dita psicótica, não pensante e não criativa, capaz de reagir perante o estranho com angústias de carácter catastrófico. As experiências da realidade interna e externa são simultaneamente tratadas, por um lado pela função pensante da mente, capaz de lhes atribuir um significado e de aprender com a experiência, e por outro, numa área da mente incapaz de promover a integração da nova vivência, e da transformação inerente.

A coexistência destas áreas da mente, com os seus funcionamentos próprios, é transversal a todo o desenvolvimento. Mas, durante a infância, a proximidade relacional com as figuras cuidadoras, possibilita a existência de um espaço onde se pode tornar possível lidar com as angústias sentidas como mais destruturantes. A impossibilidade do bebé cuidar de si próprio gera desprazer derivado do acumular de tensão pulsional. O desprazer exige a organização duma estrutura psíquica complexa para lidar com esses desequilíbrios. A mãe pode funcionar como função α , ao conter, transformar e devolver de uma forma integrável, os elementos β projectados pelo bebé (Bion, 1989/1963). A mãe através das suas percepções e reacções expressivas assume a função de recepção e comunicação de estados emocionais primordiais da existência, constituindo-se num instrumento afectivo para a elaboração e transformação das vivências do bebé. Com a sua capacidade de empatia, a mãe permite que o bebé organize as suas pulsões libidinais e agressivas e inaugure o simbólico (Albornoz & Nunes, 2004).

Amaral Dias (2004) chama a atenção para a variação inversa entre a intensidade da identificação projectiva e o grau de desenvolvimento da função α . A mente, que sobrecarregada de elementos β , não tem capacidade de transformação pela função α , porque não é capaz de introduzir um elemento de modificação da frustração, fica dependente do outro, através da identificação projectiva, para realizar essa tarefa. A partir do

desenvolvimento da função continente, o autor propõe o desenvolvimento de diferentes linhas na psicopatologia. De acordo com o autor, na organização neurótica houve uma identificação à função continente e construiu-se uma linguagem que dá conta do processo simbólico de articulação entre o significante e o significado. Na linha psicótica estariam os indivíduos que utilizam de forma sistemática a clivagem do ego, a preclusão (termo que prefere a forclusão), o desmentido, e a rejeição da mente no interior de uma realidade onde não é atribuído nenhum significado. Situa as patologias borderline numa posição intermédia em que o objecto, via identificação projectiva, é posto no lugar do pensamento do sujeito.

A adolescência traz um enorme alargamento de experiências e exige a resolução de tarefas específicas. Estes dois aspectos, por si só, colocam o adolescente em situação de maior vulnerabilidade. Por outro lado, o movimento dominante desta fase, no sentido da passagem de um estado de dependência, para uma cada vez maior autonomia, exige que a função α esteja solidamente desenvolvida a nível interno sob risco de organização para soluções patológicas.

Meltzer (1977/1972), identifica os eixos de desenvolvimento que atravessam a adolescência, entre a clivagem do self e a integração, em relação com os objectos, que numa multiplicidade de objectos parciais se transformam numa família de objectos totais, no mundo psíquico interno, graças à integração.

Em termos de desenvolvimento, haveria um atenuar dos processos clivagem rígidos, característicos da latência, para dar lugar a uma maior fluidez que permitisse a integração de um sentimento de identidade mais estável e organizado, característico das personalidades adultas. Mas o “relaxar” da clivagem excessiva da latência, abre espaço à emergência de dúvidas em relação à diferenciação entre interno-externo, bom-mau, masculino-feminino, etc. O adolescente vai oscilando entre movimentos de clivagem e integração.

Dos processos de clivagem resultam estados da mente com muito pouco contacto entre si, e a fuga para o grupo, aparece como a solução que permite externalizar sobre os seus elementos, as diversas partes do self. A função do grupo é conter aquilo que foi disperso pelos processos de clivagem, e com o atenuar da angústia é possível integrar num novo arranjo.

A questão do novo, assume durante a adolescência uma especial importância. Com a falência das antigas, seguras e bem conhecidas formas de relação consigo e com o outro, que deixam de fazer sentido enquanto respostas adequadas às solicitações que entretanto emergem, torna-se urgente encontrar novas e diferentes respostas, novas formas de organizar, orientar, “rentabilizar” recursos internos. Mais uma vez, Meltzer (1986) nos vem lembrar que a emergência do novo é vivida com turbulência, já que sempre que uma emoção dá origem a uma ideia nova, é despoletada uma mudança catastrófica, que se acompanha de ansiedade catastrófica, seguindo a reorganização de todo o quadro de compreensão do nosso mundo interno e externo. Mas é através da criação do novo, que o mundo é transformado, e o criador expande a amplitude do seu funcionamento mental (Giovacchini, 1984). A frustração, como vimos anteriormente é inevitável. A possibilidade de a tolerar e poder encontrar aspectos estimulantes, a explorar, é a condição do movimento criativo. A essência deste processo é a produção de alguma coisa que não existia antes. Pode ser a descoberta de um novo quadro de referência, ou duma melhor hipótese de solução para um problema. A realidade é alargada pelo produto criativo.

Por vezes o movimento criativo acompanha-se de sentimentos de onipotência, geralmente associados à ideia de produzir qualquer coisa a partir do nada. Sabemos que isso não é possível, o que acontece são combinações novas de elementos já conhecidos, novas formas de utilizar de forma recursos que não estavam a ser utilizados, ou estavam a ser usados de outras formas.

A pequena história contada por Gonçalo M. Tavares, na voz do Sr. Brecht parece-nos bem a ilustração do que pode ser o processo criativo na adolescência, como forma de reinvenção pessoal e alargamento de identidade, na sequência de repetidas e mal sucedidas tentativas de lidar com as exigências duma realidade, também em transformação.

“Um pássaro foi atingido com um tiro na asa direita e passou por isso a voar na diagonal.

Mais tarde foi atingido na asa esquerda e viu-se obrigado a deixar de voar, utilizando apenas as duas patas para andar no chão.

Mais tarde foi atingido por uma bala na pata esquerda e passou por isso a andar na diagonal.

Uma outra bala atingiu-o, semanas depois na pata direita, e o pássaro deixou de poder andar.

A partir desse momento dedicou-se às canções”.

(Gonçalo M. Tavares, 2004, p.15)

A oscilação entre movimentos de cariz mais psicopatológico e movimentos criativos, no sentido de crescimento, expansão mental é uma “marca registada” do processo adolescente. O desenvolvimento dito normal vai funcionando numa sucessão de “ous”, porque é difícil fazer apenas “es”. Perceber a fixação no lado psicopatológico é procurar o lado destruturante do Negativo, um lado que Green situa a funcionar na sombra, no sentido da separação e do pensamento disjuntivo e para o qual Amaral Dias encontrou a designação de Negatividade.

4. OBJECTIVO DO ESTUDO

Este estudo procura explorar as manifestações do Negativo no processo adolescente enquanto organizador da relação do sujeito com a realidade externa e a sua realidade interna, a partir da metodologia Rorschach.

Através da metodologia Rorschach, instrumento de captação da natureza dos processos mentais, iremos procurar aceder às expressões do Negativo na Adolescência, nas suas manifestações de valor estruturante, criativo e de expansão, associadas à capacidade negativa e nas manifestações de valência potencialmente destruturante ou de “Negatividade” (Amaral Dias, 1999).

Pretendemos que seja um trabalho exploratório, para o qual não definiremos à partida outros eixos para a organização do trabalho do Negativo para além da relação consigo e com o outro. Propomos, a partir da análise dos protocolos dos adolescentes estudados:

- Descrever que o Negativo assume sob a expressão das respostas Rorschach dos protocolos de 4 adolescentes entre os 14 e os 15 anos.
- Identificar temáticas-chave em função das quais o Negativo se organiza durante a Adolescência, a partir da sistematização das respostas Rorschach.
- Sistematizar, a partir das respostas Rorschach, indicadores que possam ser entendidos como configurando manifestações do Negativo de valor estruturante e destruturante.

5. A METODOLOGIA RORSCHACH

5.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E RACIONAL CLÍNICO

Desenvolvido pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach, o autor apresenta em 1920 uma prova composta por dez cartões com manchas de tinta, que permitia estabelecer um diagnóstico psicológico da personalidade em crianças, adolescentes e adultos.

A interpretação que propõe, à época, decorre da interacção entre os dados, sem que nenhuma variável possua um significado independentemente do contexto global. Nessa altura não existiam grelhas, nem uma teoria particular de suporte à interpretação. As sistematizações são posteriores. Neste sentido, destacamos a contribuição de Schafer, que em 1954 estabelece o primeiro sistema coerente de interpretação psicanalítica, particularmente orientado em torno dos mecanismos de defesa (Morhain, 1991; Anzieu, 2003/1997; Marques, 2003). A influência de Schafer é precedida, em França, por Lagache que estabelece uma aproximação entre a situação psicanalítica e a situação projectiva. Na concepção deste autor, a situação Rorschach faria apelo à rêverie e ao jogo e utiliza a expressão “*rêverie imageante*” para dar conta de um processo em que estão implicadas simultaneamente a imagem e a imaginação. Mais tardiamente, Anzieu justifica a utilização em psicologia projectiva de um modelo de interpretação fundado sobre uma teorização psicanalítica sublinhando as semelhanças entre a instrução e o modo de relação característicos, na sua opinião, tanto da situação projectiva como da situação analítica. (Morhain, 1991; Marques 2003).

Actualmente e no seguimento de trabalhos iniciados na década de 70 por Rausch de Traubenberg (1998), Chabert (2000/1998, 2003/1997) propõe uma sistematização que nas palavras de Marques (2003) “renova e aprofunda as possibilidades que o instrumento

Rorschach tem para ser considerado como um utensílio dominado pela coerência e congruência entre teoria (psicanalítica) e metodologia”. (p.13).

Três elementos distintos se cruzam na situação projectiva Rorschach e deste cruzamento nasce a sua especificidade: o sujeito, o clínico e o teste. Sobre este tríade, Mohrain (1991) procede a um desdobramento, distinguindo no sujeito aquele que se exprime e por outro lado, aquilo que do sujeito é expresso. O material teste, dez cartões com manchas de tinta, com os seus aspectos estruturais e sensoriais objectivos e as dimensões simbólicas para que remetem, ocupa o lugar de objecto mediador na relação entre o sujeito e o clínico. Acerca desta relação, Chabert (2003/1997) alerta para a dupla dinâmica em que se jogam os fenómenos transferenciais: como mecanismos de deslocamento que permitem a expressão de conteúdos internos através da mediação do material e na reactivação, durante a aplicação, de modalidades relacionais particulares, com a referência latente às relações com as figuras parentais. A instrução “o que poderia ser isto?” confere à situação um duplo apelo, por um lado convida o sujeito a ligar-se ao real e à percepção, mas simultaneamente à imaginação e à projecção. Neste sentido, tem sido considerado, na aproximação à noção de “objecto transitivo” proposta por Winnicott, objecto real investido de significados subjectivos pela criança, elemento de dupla pertença, entre a realidade interna e externa (Mohrain, 1991; Rausch de Traubenberg, 1998/1970; Marques, 2001/1999, 2005; Chabert, 2003/1997).

Marques (2001/1999) propõe um compreensão da situação Rorschach assente sobre a necessidade de identificar o objecto, mancha Rorschach, de maneira simbólica. A autora argumenta que tanto o recurso à noção de projecção, como à de percepção são insuficientes para perceber o que se passa na situação Rorschach. Pelo lado da percepção, facilmente se compreende que a resposta Rorschach não corresponde apenas a reencontrar um objecto real, com semelhanças com as representações ou os objectos internos de cada sujeito. Por seu lado, a noção de projecção enquanto processo, não tem necessariamente em conta as características

do objecto nem a comunicação que o sujeito estabelece com ele. Na verdade, o material com as suas dez manchas de tinta que têm dimensões perceptivas precisas é um elemento da realidade exterior, uma percepção, mas tem características e qualidades psíquicas, as manchas, que são ambíguas quanto ao significado. “Assim, a percepção no Rorschach tem, ao mesmo tempo, elementos precisos da realidade externa, que apresentam, por um lado, um carácter de estabilidade pelas suas características estruturais e sensoriais, mas, por outro lado apresentam um carácter inquietante e desestabilizador pelo estranho, desconhecido e disruptivo do seu significado” (Marques, 2001, p.204). À luz desta condição, a autora propõe uma equivalência entre a situação Rorschach e a noção de mudança catastrófica de Bion. Face à situação Rorschach, a tarefa do sujeito implica um trabalho de simbolização em que a procura a ligação e integração entre interno e externo e é a transformação das dissonâncias que surgem no processo, faz emergir um produto novo.

5.2. O MATERIAL RORSCHACH

O material Rorschach consiste em dez cartões, organizados em sequência, constituídos por manchas de tinta negra e policroma, organizadas simetricamente em torno de um eixo.

Cada cartão apresenta particularidades de cor e de forma, ao nível do conteúdo manifesto, com implicações ao nível do conteúdo latente (Chabert, 2003/1997). Assim, quanto à dimensão estrutural, que diz respeito à configuração das manchas nos cartões, estes diferenciam-se pelo seu carácter unitário ou bilateral, sendo que os primeiros, a nível das implicações latentes remetem para a organização da imagem de corpo, enquanto os cartões bilaterais remetem para a representação de relações. É também possível, a partir da configuração da mancha, distinguir os cartões quanto ao seu carácter fechado ou aberto, sendo que aos cartões abertos se associam referências do feminino e do materno, enquanto ao aspecto compacto e associado à presença de apêndices saliente, sejam frequentemente associadas referências fálicas. Relativamente à dimensão sensorial, distinguem-se com base características cromáticas 3 tipos de cartões: os cinzentos, os vermelhos e pastel. Aos cartões vermelhos associa-se frequentemente a reactivação de movimentos pulsionais, e aos cartões pastel está associado o papel de indutor de afectos.

Para facilitar o recordar destes aspectos organizámos um breve quadro síntese com base no material recolhido a partir de Rausch de Traubenberg (1998/1970) e Chabert (2003/1997).

Cartão	Aspectos objectivos	Evocações latentes
I	-Situação de apresentação, de entrada, contacto com o psicólogo e a prova.	-Reactiva relação com a mãe pré-genital

	- Cinzento-escuro, unitário, simultaneamente aberto e fechado, com participação de 4 espaços brancos	- Mobiliza a projecção de imagem de corpo.
II	-Estrutura aberta e organização bilateral da mancha. - Cinzento, com participação do vermelho e detalhe branco central	-Reactiva projecção de relações. -Reactiva expressão do pulsional agressivas/libidinal - Branco frequentemente visto como um buraco, a remeter para uma falha corporal fundamental ou para a angústia de castração.
III	-Estrutura aberta e organização bilateral da mancha. - Cinzento, com participação do vermelho	-Reactiva projecção de relações.
IV	- Mancha compacta em cinzento intenso.	-Mobiliza a projecção do corpo; -Evoca imagens de força e potência; expressão do paterno e do masculino.
V	- Mancha unitária, fechada e cinzenta	- Mobiliza a projecção do corpo
VI	- Mancha unitária, cinzenta, fechada com apêndice saliente.	- Implicações sexuais. A dimensão fálica é a mais utilizada
VII	- Mancha cinzenta, bilateral e aberta, com grande participação do branco.	- Implicação simbólica feminina e/ou materna. - Associado ao vazio e à falta, mobiliza angústias de fragmentação e desintegração
VIII	- Introdução da cor pastel, dentro de limites bem definidos, em cartão	- Solicitação à comunicação e contacto com o mundo exterior;

	bilateral	
IX	- Interpenetração de cores pastel em cartão bilateral simultaneamente fechado e aberto, com participação do espaço branco.	-Simbolismo materno pré-genital; -Interior do corpo;
X	- Colorido e disperso; -Último cartão da prova	-A dispersão põe à prova a capacidade de unificação;

Quadro 1 – Síntese dos aspectos objectivos e evocações latentes específicos de cada cartão.

6. SUJEITOS E PROCEDIMENTOS DE RECOLHA

Os protocolos Rorschach foram recolhidos em Junho e Julho de 2005, entre os formandos do Programa de Formação de Jovens Ciclomotoristas que se disponibilizaram voluntariamente para a aplicação, após lhes ter sido apresentado o objectivo e enquadramento do trabalho.

Desde 1998/99 que se tornou possível a adolescentes de 14 e 15 anos, obter uma licença especial para condução de veículos com 50 cc de cilindrada, emitida pela Direcção Geral de Viação mediante a aprovação em exames teóricos e prático da responsabilidade da PRP, sequentes à frequência de uma formação ministrada pela Prevenção Rodoviária Portuguesa (PRP), - o Programa Formação de Jovens Ciclomotoristas (FJC). Até essa data, a habilitação legal para condução deste tipo de veículos, estava exclusivamente dirigida para a faixa etária a partir dos 16 anos e não obrigava à frequência de qualquer tipo de formação.

O programa, que tem como objectivos principais: promover a aquisição de conhecimentos, comportamentos e atitudes essenciais à condução legal de um ciclomotor na via pública, contribuir para a segurança rodoviária, promovendo a prevenção de acidentes; interiorizar uma atitude de rigor, disciplina e preocupação com a segurança (PRP, 2004), tem uma duração mínima de 18 horas, das quais 7 horas são destinadas à componente teórica e 8 horas destinadas à componente prática, inicialmente em circuito fechado, e depois na via pública. Ambas as partes estão a cargo de um formador da PRP, que acompanha o grupo de candidatos, durante todo o processo.

O curso conta ainda com a intervenção de um psicólogo, que orienta uma dinâmica de grupo de 2 horas, que tem como objectivo principal tornar conscientes as motivações ligadas ao risco e à segurança e reflectir acerca dos factores internos que influenciam a condução (Horta, 2005). Por outro lado, o psicólogo procura realizar uma observação dos candidatos

que seja complementar à do formador, para despiste de eventuais situações de risco e/ou psicopatológicas e encaminhamento para os respectivos serviços de saúde competentes. Neste sentido, após a dinâmica segue-se um a aplicação colectiva da Escala de Risco Suicidário de Stork, a Escala de Ansiedade de Zung, e da prova projectiva de Zulliger.

O nosso contacto com os adolescentes em questão foi limitado à aplicação do Rorschach. Do total dos protocolos recolhidos, seleccionámos aleatoriamente 4, com o único critério de ter 2 raparigas e 2 rapazes. Ambas as raparigas tinham 14 anos e os rapazes 15. Nenhum dos adolescentes tinha história de reprovações escolares e todos tinham terminado o 9º ano e estavam em vias de prosseguir o ensino regular no 10º ano, à excepção de Catarina, a mais nova entre os 4 que tinha nessa altura terminado o 8º ano, estando em vias de prosseguir para o 9º ano.

7. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS PROTOCOLOS RORSCHACH

Neste capítulo procuramos descrever as formas que o Negativo assume na expressão das respostas Rorschach dos 4 adolescentes estudados.

Organizámos o capítulo de forma a apresentar para cada um dos adolescentes uma análise do protocolo resposta a resposta, seguida de uma análise dos dados do psicograma.

Procedemos a uma análise relativamente livre sem, no entanto, perder de vista os organizadores propostos por Chabert (2003/1997) de representação de si e das relações, para a análise de conteúdos latentes.

Na análise dos dados do psicograma, não iremos proceder a uma análise exaustiva de cada um dos elementos que o compõem. Realizámos este processo individualmente, em registo detalhado, mas consideramos a sua apresentação redundante pela sobreposição com informação disponibilizada a partir da análise resposta a resposta. Optámos por deter a nossa atenção apenas sobre os elementos que considerámos contribuir para complementar a informação obtida a partir da análise resposta a resposta na sequência dos dez cartões. Na análise dos dados do psicograma conjugámos, por um lado, a análise à luz dos critérios normativos, por outro lado, considerámos importante a leitura dos elementos no contexto específico de cada protocolo. Assim, a leitura organiza-se numa perspectiva inter e intra individual que será sempre referida.

7.1.1. ANÁLISE DO PROTOCOLO RORSCHACH DE ANA

CARTÃO I

Cartão I

1. *Acho que isto podia ser um lobo (G).*

(A cara toda com as orelhas e os olhos -Dbl Inf- e o pêlo de lado).

Gbl FE A/Ad

Abordagem global (G) com lobo, imagem ameaçadora. Referência a olhos, possível elemento de valor paranóide, que se irá repetir mais à frente. A integração do branco sugere uma sensibilidade à falta, à falha, ao que não está lá (um dos sentidos do Negativo), aqui integrado num todo de forma adequada. A referência ao pêlo, num E de tipo textura de valência regressiva remete para a procura de contacto. Um contacto que supomos simultaneamente desejado e temido, dado o carácter ameaçador da representação “lobo”, sugestivo de agressividade oral. Autores como Anzieu e Rausch Traubenberg, citados por Chabert (1997/2003) referem o cartão de entrada em prova como remetendo para a relação com a mãe pré-genital.

A Ana inicia a resposta com uma referência total, acabando com a particularização de um detalhe (cara), como se a interpretação de uma imagem de corpo inteiro se tornasse insustentável ao longo do processo de resposta.

Cartão I

2. *Ou então dois papagaios (G).*

(Com o bico e a barriga).

G F- A

Continua com o conteúdo animal e utiliza novamente toda a mancha, mas desta vez numa resposta com uma qualidade formal inadequada. O eixo central na mancha, em vez de servir de suporte a uma imagem de corpo unificada, torna-se a linha que divide a mancha em “dois do mesmo”, sugerindo um mecanismo de clivagem. A referência a bico e a barriga na resposta “papagaios” pode ser entendida como remetendo respectivamente a aspectos masculinos e femininos a coexistir em simultâneo na mesma figura.

À semelhança do que acontece na resposta anterior, recorre à referência de elementos parciais (“cara”/”bico e barriga”) para figurar a ideia de figura inteira.

Cartão I

3. Ao mesmo tempo parecem assim olhos de rato (Dbl Sup), já fiz uns olhos assim. Esta é esquisita, nunca tinha visto.

Dbl F-Ad

Retoma o tema dos olhos, na mesma localização, como se a integração na resposta I não tivesse resultado suficientemente tranquilizadora. Desta vez, escolhe uma nova estratégia para lidar com a falha implicada no espaço branco e circunscreve a resposta exclusivamente à área Dbl, para voltar novamente ao conteúdo de detalhe: “olho”, que como referimos pode ser interpretado como associado a uma carga paranóide. Parece no entanto importante ter em conta que se trata do cartão de entrada na situação Rorschach, que implica uma dinâmica em que a própria vai ver e ser vista.

Cartão I

4. Esta parte aqui, sem contar com isto, metade da copa de uma árvore, também sem contar com as partes brancas.

(Aqui com as folhas a cair. É a única coisa de harmonioso).

(Não gostei muito desta imagem, acho que é de ser lobo).

G/ F- Bot

O branco está novamente presente na resposta. Depois de integrado, e interpretado de forma circunscrita, desta vez é referido na resposta para ser excluído. A Ana experimenta todas as possibilidades que encontra para lidar com o problema.

Tenta desta vez uma abordagem global da mancha, que acaba por se revelar incompleta, já que na realidade não faz uso de toda a imagem, e o G tentado inicialmente transforma-se num G barrado. Parece ter dificuldade em identificar na imagem inteira uma figura inteira. É metade de uma copa de árvore, um fragmento de árvore, sem contornos definidos, de qualidade formal inadequada. Depois dos conteúdos animais das respostas anteriores, passa para um conteúdo botânico, cada vez mais longe do humano. A referência a folhas a caírem, num movimento passivo que sugere desagregação e decadência, vai de encontro ao movimento desintegrativo a que assistimos no processo de resposta ao cartão.

Comentário síntese ao Cartão I: Começa de forma relativamente adequada e vai-se desorganizando ao longo do processo de resposta. Há um esforço manifesto para lidar com a situação, que se revela nas novas e persistentes tentativas de resposta, por vezes à custa da restrição da área a interpretar, que acompanha um outro tipo de restrição, na passagem de conteúdos inteiros para conteúdos de detalhe. A dificuldade em garantir uma imagem corporal unificada, fá-la oscilar entre a representação de objectos inteiros e objectos parciais. O insucesso nos seus esforços torna-se evidente nas qualidades formais inadequadas, apesar das restrições na área percebido e nos conteúdos.

O espaço branco assume particular importância ao longo do processo de resposta ao cartão, sugerindo grande sensibilidade ao tema da falha. Fazendo referência ao branco nas respostas 1, 3 e 4, a Ana ensaia de cada vez uma nova forma de lidar com o problema, como se não tivesse ficado satisfeita com as soluções anteriores.

CARTÃO II

Depois da sequência anterior em que termina de forma desorganizada, com um G barrado, numa árvore incompleta e de má forma, com as folhas a cair, organiza-se inicialmente para o novo cartão. A organização é conseguida à custa da restrição da área perceptiva em função das características sensoriais.

Cartão II

*5. Aqui uma borboleta, aqui ao fundo (Verm Inf).
(corpo, asas).*

D F+ A

Resposta de figura animal inteira e de boa forma, em que apesar do vermelho não ser explicitamente referido, é integrado na resposta. A vivência que desperta é provavelmente intensa, donde imediatamente isolado, e integrado numa resposta formalmente adequada.

Cartão II

*6. Aqui um pássaro, nesta parte branca (Dbl).
(um pássaro a voar).*

Dbl Kan A

Logo a seguir ao vermelho, parece ser o branco a perturbá-la. À semelhança do que acontece no cartão anterior, o espaço branco, que remete para a problemática da falta, é aqui circunscrito perceptivamente e interpretado. O movimento activo projectado na resposta pássaro, sugere um mecanismo próximo do acting em que o espaço vivido internamente como uma falha, ou vazio é animado por um movimento activo. Salientamos que as três primeiras respostas a este cartão se referem a animais voadores, mas apenas o pássaro visto em Dbl aparece dotado de movimento.

Cartão II

7. *A parte preta toda, um morcego.*

D F- A

Continua a mesma lógica de apreender animais nas diferentes cores. O morcego, no entanto, resulta numa qualidade formal inadequada, já que une as duas manchas cinza ignorando o branco lacunar que impede o fechamento perceptivo. Possivelmente as dificuldades na representação de uma figura inteira, capaz de resistir ao sentimento interno de falha/fragmentação, conduzem a uma integridade forçada que contraria e se sobrepõe à realidade perceptiva.

Não responde à solicitação de relação induzida pelo carácter bilateral da mancha, o que não surpreende se pensarmos a representação de uma unidade íntegra e coesa, que não conseguiu ainda atingir, como um “pré-requisito” à representação da relação.

Cartão II

8. *E ao mesmo tempo, um coelho aqui em cima (D Preto Sup). Só a cabeça de um coelho esquisito. Um coelho velho, não sei...*

(por causa dos olhos, tem um ar agressivo).

Do F+ Ad

Tenta recuperar da resposta anterior, regressando ao mecanismo da dupla restrição: na área perceptiva e no conteúdo da resposta, que passa a um detalhe animal. Ao nível da qualidade formal é uma tentativa bem conseguida, no entanto, o “tom” de dificuldade nas respostas anteriores “infiltra-se” nas características projectivamente atribuídas ao coelho: esquisito, velho e agressivo.

Cartão II

*9. Estas partes aqui (Verm Sup), parecem duas galinhas.
(as duas patas, a cabeça, o corpo).*

D F- A

Continua em D, desta vez circunscreve o vermelho superior para dar forma a duas galinhas, figuras inteiras que se revelam inadequadas ao nível da qualidade formal.

Cartão II

*10. Esta parte só aqui parece a cabeça de um pinguim.
(Com o bico aqui só, aqui pouco nítido –Verm sobre Preto- parece um olho fechado).*

Dd F- Ad

Recorre mais uma vez à dupla restrição: área interpretada e conteúdo de detalhe – mas novamente sem sucesso. A cabeça de pinguim, cotada com F- dá sinal de um compromisso no reconhecimento e/ou na integração de aspectos da realidade perceptiva.

Comentário síntese ao Cartão II: Mais uma vez se assiste a uma evolução no processo de resposta ao cartão que começa com uma abordagem inicial adequada que se vai desorganizando ao longo das repostas seguintes.

A ausência da projecção de relações num cartão especialmente dedicado à sua indução, quer pela característica estrutural de bilateralidade, quer pelas características sensoriais, com o contraste vermelho, negro, branco a remeter para aspectos pulsionais intensos de natureza agressiva e/ou sexual, surge associada a uma projecção da imagem de si pouco integrada, ainda a oscilar entre a figura inteira e os aspectos parciais. Nesta dinâmica, continua a recorrer ao mecanismo de dupla restrição: restrição da área interpretada acompanhada da passagem a conteúdos de detalhe.

CARTÃO III

Cartão III

11. *Parecem duas pessoas a dançarem (G).*

G K H Ban

Face à bilateralidade e às figuras humanas que se impõem a partir da mancha, identifica pela primeira vez no protocolo figuras humanas, a que não atribui género, vistas numa relação (K) convergente, de carácter erotizado. Acerca deste cartão, Anzieu (citado por Chabert, 1997/2003) faz referência ao casal parental.

Cartão III

12. *Isto aqui parece um bocado estranho, mas parece um bebé, um embrião (Verm Sup).
(parece um embrião, com o cordão umbilical, pequenino e enrolado, e por causa das duas mulheres).*

D Kp H

Na sequência das figuras humanas em relação surge o embrião num detalhe vermelho. O embrião é descrito como “pequenino e enrolado” sugerindo uma posição de vulnerabilidade e traz um cordão umbilical (marca entre a ligação e a separação). É nesta sequência de resposta que as figuras anteriormente indiferenciadas quanto ao género passam a ser identificadas como mulheres. A amplitude do salto entre um tipo de relação mais próxima da genitalidade, na resposta anterior e a relação simbiótica representada pelo embrião nesta resposta merece uma certa crítica, pela própria Ana, que inicia a resposta com o comentário “Isto parece um bocado estranho...”.

Cartão III

13. *Isto aqui parece-me um rim. Estes dois. (Verm Central).*

Acho que nesta parte as pessoas seguram dois cestos. Aqui parecem-me sapatos altos bicudos (das pessoas). Acho que são duas mulheres, e daí os bebés, com o cordão umbilical.

Ainda organizando a resposta sobre um detalhe vermelho, acrescenta uma resposta de anatomia, com uma boa qualidade formal, a dominar sobre o aspecto sensorial.

Comentário síntese ao Cartão III: O segundo cartão bilateral com integração do vermelho serve de suporte para a primeira representação relacional. O intenso contraste entre o tipo de relação expressa na resposta 11 onde podemos interpretar o par que dança como representando o nível da relação genitalizada, e a resposta seguinte onde um embrião em posição de imaturidade com o cordão umbilical, remete para um conflito mais precoce entre a simbiose e a separação, sugere um mecanismo de clivagem activo. As respostas oscilam entre o 8 e o 80 nos extremos que a relação pode assumir em termos de desenvolvimento. Balança entre a maturidade e a autonomia e a dependência infantil, num movimento oscilatório característico da adolescência. Não é por isso de estranhar que este seja seleccionado como um dos cartões mais positivos, na prova das escolhas. Destaca o seu carácter “harmonioso”, mas suspeitamos que a preferência esteja ligada a esta grande amplitude de oscilação, onde encontra expressão para o processo de transformação que atravessa.

CARTÃO IV

Cartão IV

14. Parece-me um gigante, um gigante com umas asas, sentado...

G KCllob (H)

Responde à solicitação de força e potência evocada pela mancha, com um Clob que deixa entrever a tonalidade disfórica associada à ameaça contida na imagem que identifica com figura do maravilhoso (gigante com asas). Os atributos masculinos associados à virilidade e potência surgem sob a forma de detalhe, nas referências a cabelo grande e rebelde e nariz comprido

Atribuí ao gigante um movimento passivo “sentado...,a descansar”, numa dinâmica actividade/passividade que parece anular o seu carácter poderoso, e eventualmente ameaçador, como uma espécie de mecanismo de conversão no contrário com que neutraliza a possível ameaça.

Cartão IV

15. Em cima de uma cadeira (D Central Inf).

(ou um tronco de árvore a fazer de cadeira)

D F + Obj

Parece que tem imenso cabelo (ondulado, grande e rebelde) e um nariz comprido. Tem umas botas grandes. Parece-me estar a descansar

Utiliza o D central para a cadeira onde o gigante descansa, conteúdo objecto a servir como suporte à “passivização” do gigante.

Comentário síntese ao Cartão IV: No cartão classicamente associado com o paterno e o masculino, um cartão unitário, negro compacto, onde as noções de força e potência são frequentemente identificadas, refere figura de um gigante, sugerindo reactividade ao conteúdo latente. No entanto, e de forma paradoxal, a valência ameaçadora é como que neutralizada pela passividade e abatimento que associa à figura, criando uma dinâmica de força/fragilidade, actividade/passividade intermitente.

Para lidar com a angústia despoletada pelo cartão, recorre a um mecanismo diferente da dupla restrição utilizada nos cartões I e II. Utiliza a cinestesia num movimento criativo que diversifica as possibilidades, em vez de limitar e restringir a área a interpretar.

CARTÃO V

Cartão V

16. Parece-me um morcego visto detrás.

(Acho que está a voar. Está detrás porque não vejo a cara dele).

G Kan A Ban

Aborda globalmente a mancha com a banalidade “morcego” que apresenta contudo a particularidade de ser visto de trás, “não se consegue ver a cara”. Esta particularidade sugere por um lado que há ainda algo a faltar na imagem, que não é visível na sua totalidade, por outro lado sugere também uma posição avessa, indisponível para a relação “voltado de costas” para o outro. Ana, anima o morcego com um movimento activo, eventual compensação do sentimento de incompletude deixado, a lembrar a solução encontrada para o Dbl do cartão II (resposta 6).

Cartão V

17. Aqui a parte do fim (D Lat), de perfil, faz-me lembrar uma ratazana qualquer que vi num filme.

D F - A

Insiste na procura de uma imagem inteira, mais satisfatória e tranquilizante, para isso recorre a uma abordagem de detalhes na mancha. O esforço é no entanto mal conseguido em

termos de qualidade formal, deixando novamente transparecer as dificuldades na representação de uma imagem de si unificada.

Cartão V

18. Esta parte das asas parece-me uma nuvem.

D F± Nat

Para esta reposta parte ainda duma referência ao morcego inicial “esta parte das asas”, para numa abordagem parcial dar uma reposta de “nuvem”, elemento etéreo, de contornos e consistência indetermináveis. Continua à procura da figura inteira do início do cartão, mas a fragilidade identitária com que se debate não dá tréguas e revela-se a cada nova resposta.

Cartão V

19. (>) Aqui, parece-me uns pauzinhos de caracol... (D Inf).

Do F+ Ad

Mais uma vez recorre ao mecanismo de dupla restrição: área perceptiva e conteúdo, para assegurar uma forma de boa qualidade, mas o objectivo é conseguido à custa da identificação exclusiva de aspectos parciais.

Cartão V

20. E ao mesmo tempo (Λ) as pernas do morcego (D Inf).

Do F+ Ad

Volta ainda ao morcego da resposta inicial, continuando a limitar a área interpretada e reduzindo conteúdo da resposta a um aspecto parcial.

Comentário síntese ao Cartão V: No cartão que remete para a representação da imagem de si, a nível corporal num primeiro momento, mas também no sentido psíquico, enquanto self (Chabert, 1997/2003), um cartão unitário, próximo da realidade objectiva ensaia 5 respostas, 5 tentativas de representação. O morcego inicial aparece no princípio das respostas seguintes, a mostrar como em cada resposta está a ensaiar uma solução mais satisfatória. A representação de si parece uma tarefa difícil. A figura inteira quando de boa qualidade formal, é ainda sentida como incompleta, e a alternativa possível é a fragmentação em elementos parciais. As últimas respostas podem ser interpretadas como uma tentativa de controlar a angústia associada a um sentimento de fragilidade, falta de consistência e definição, e de difusão na representação de si.

Assistimos novamente a um movimento 8/80 entre a extrema difusão e falta de consistência e contornos na nuvem e a rígida delimitação dos detalhes “pauzinhos” e “pernas”.

CARTÃO VI

Cartão VI

*21. A parte de cima parece a cabeça de uma raposa que tem nós no pêlo (D Sup).
(o pêlo não está todo no mesmo sítio, está desalinhado).*

D FE Ad

Inverte aquele que tem sido o seu modo de apreensão habitual, iniciando em D e passando depois para uma abordagem global, num cartão de configuração unitária.

A resposta “cabeça de raposa” na saliência que se destaca na parte superior de uma mancha de forte conotação sexual e fálica, comporta o já bem conhecido mecanismo de dupla restrição: área interpretada e conteúdo de detalhe. A sensibilidade ao esbatimento, dominada por uma

boa forma, expressa em pêlo, remete para uma dimensão regressiva de procura de contacto que contrasta com o conteúdo raposa, animal a que geralmente se associa um carácter manhoso e ameaçador. A resposta sugere uma reacção à solicitação sexual latente no cartão, em que o contacto seria simultaneamente desejado e temido, num conflito que faz emaranhar “nós” e criar “desalinho”.

Cartão VI

22. Esta parte aqui parece um tapete de pele, acho que ele todo parece um tapete de pele (G).

G F E A

(é todo simétrico, como pele cortada, e a gradação das cores também me faz pensar).

Comentário Simetria

Continua, alargando a área percebida e desvitalizando o animal, que apesar de inteiro, passa agora a tapete de pele, perdendo o carácter ameaçador.

Comentário síntese ao Cartão VI: Cartão unitário e compacto, com marcada presença da dimensão sexual. Reage ao conteúdo latente restringindo a área a interpretar enquanto recorre a um conteúdo de detalhe e mostrando permeabilidade ao esbatimento de textura, revelador de sensibilidade ao contacto, controlada por uma boa forma. A sequência de apreensão nas respostas é invertida nesta cartão, em que inicia com o detalhe, para passar à figura inteira, vista na globalidade da mancha, no entanto para operar esta aparente evolução desvitaliza a figura no processo, passando de um conteúdo de detalhe animal para um tapete de pele de animal morto.

CARTÃO VII

Cartão VII

23. Parecem-me dois coelhos. Parece que estão vestidos com duas saias. Parece que são um bocado arrogantes. Parece que se confrontam quase, ou que se invejam. Estão meios virados um para o outro. Talvez sejam coelhas, é um bocado mais típico de mulheres, acho eu.

(Aqui a cabeça, com a mão virada para o lado e depois a saia. Arrogantes. Estão viradas de lado, como que a observar a outra, com vontade de magoar, ou de fazer mal à outra).

G Kan A

Responde ao aspecto bilateral da mancha, com um G organizado em que encena uma relação entre dois coelhos animados por relação de tipo humano de carácter divergente e agressivo. Identifica as figuras ao género feminino, respondendo à solicitação latente ao cartão, classicamente associado ao materno e ao feminino. Apesar do deslocamento para animais, a verbalização em que atribui uma intencionalidade invejosa e destrutiva às coelhas, corresponde a uma expressão muito crua da rivalidade feminina.

Na prova das escolhas refere este cartão como um dos que menos gosta. O impacto do cartão pode ter interferido na produtividade, já que é o único cartão da prova com apenas uma resposta.

Comentário síntese ao Cartão VII: Em cartão bilateral, cinza, aberto, com grande participação do branco, classicamente associado ao feminino e ao materno, Ana parece responder à solicitação latente. Organiza uma relação entre figuras animais inteiras, que identifica a figuras femininas. O progresso no reconhecimento de figuras inteiras, com género atribuído, acompanha o ónus da representação de uma relação conflitual de intensa rivalidade feminina, à semelhança do que acontece no seu próprio processo adolescente, em que a consolidação da identidade feminina adulta implica o conflito com o materno.

CARTÃO VIII

Cartão VIII

24. *Parecem dois tigres, estas partes (Rosas Lat).*
(parecem estar a subir qualquer coisa).

D F+ A Ban

Sem se desorganizar com a introdução da cor pastel, dá uma resposta de conteúdo animal, apreendida em D. A resposta corresponde a uma Ban pela elevada frequência com que é vista.

Cartão VIII

25. *Aqui uma borboleta (Laranja + Rosa Inf).*

D F + A

Continua com a mesma estratégia, a apreender em localizações D animais inteiros com qualidade formal adequada.

Cartão VIII

26. *Uma foca a levantar a cauda (D Sup)*
(aqui o corpo e a cauda).

D Kan A

Novamente um animal inteiro, desta vez animado por um movimento activo.

Cartão VIII

27. *Isto parece-me o mar, esta parte mais escura o horizonte...*
(parece-me um pedaço de mar, aqui a pingar. O horizonte na junção do céu com o mar,

mas aqui é na junção de dois mares).

D KobC Nat
Comentário Ligação

A animação anterior antecede um movimento, bastante menos controlado. Ana desorganiza-se numa resposta em que junta céu e mar, dois elementos da natureza sem limites definidos, que se interpenetram e “pingam”, sem suporte capaz de os conter.

Comentário síntese ao Cartão VIII: No primeiro cartão pastel, um cartão bilateral, que compensa o surgimento da cor com limites cromáticos bem definidos entre as manchas, Ana mais uma vez começa o processo de resposta de uma forma bastante adequada, desorganizando-se ao longo do percurso. Dos animais inteiros iniciais, apreendidos correctamente em Ds, passa para um animal animado. Este movimento precede um outro, bastante mais intenso, incontido e desintegrativo, que acompanha da passagem de conteúdos animais para conteúdo de Natureza.

CARTÃO IX

Cartão IX

28. Parece-me um copo de água, na parte mais clara (Dbl).

Dbl F+ Obj

Inicia o cartão com um copo de água, num percepto de boa forma, que integra o detalhe branco (Dbl). A água que pingava no final do cartão anterior, da junção entre os dois mares, encontra aqui um continente. A sensibilidade ao branco lacunar, espaço vazio, que

novamente surge, pode aqui assumir um novo papel de continente, como um vazio pronto a ser preenchido por um conteúdo que “pinga”.

Cartão IX

29. Com dois homens a disputarem por ele. Parece que fazem um braço-de-ferro, não sei... (Laranja + Dbl).

D K H

A relação humana surge pela segunda vez na prova, desta vez em torno da temática da competição. Os homens disputam o pelo copo, objecto continente, da resposta anterior. A relação humana aqui apresentada, coloca dois elementos masculinos numa relação de disputa e rivalidade, a lembrar as coelhas no Cartão VII que sabemos pela Prova das Escolhas que “se invejam pelas coisas que têm”.

Cartão IX

30. A parte verde parece-me um hipopótamo com asas, parece-me triste. (a cabeça e aqui as asas).

D Kan A

Na sequência da evocação duma relação de disputa, refere um hipopótamo com asas, sobre o qual projecta uma vivência de tristeza. Notamos que pela segunda vez, atribui asas a uma figura de peso e grandes dimensões, à semelhança do que aconteceu no gigante do Cartão IV. Também à semelhança do Cartão IV, o hipopótamo representa uma figura de força potência, que contraste paradoxalmente com o estado de tristeza que lhe atribui, lembrando o cansaço do gigante que sentado e enfraquecido, perdia o carácter forte e de eventual ameaça.

Cartão IX

31. Isto aqui parece-me uma jarra, ou um copo ao contrário (D Rosa central), e os

hipopótamos apoiam-se nele.

D F - Obj

Num cartão em que o apelo regressivo é muito forte, surge uma jarra, novo objecto continente, que aqui perde as suas funções continentes, ao ser utilizada “virada ao contrário”, ganhando função de apoio para os hipopótamos tristes. A deriva no processo de resposta faz-se sentir na evolução da sequência de conteúdos, bem como na derrapagem da qualidade formal.

Cartão IX

32. Aqui ao lado duas bolas saltitonas (Rosas)

D Kob Obj

Deslocamento de aspectos pulsionais de natureza sexual para as bolas em movimento.

Cartão IX

33. Mas o desenho todo parece-me um leão, ou um rinoceronte, mais um leão, acho eu...

(Aqui o nariz e aqui a parte do bigode do leão –D Verde-, aqui os olhos –D Laranja- e aqui a boca –D Rosa-).

G F- A/Ad

Procura encerrar o cartão com uma resposta global, que se revela forçada e de má qualidade formal. A procura de unidade “a qualquer custo” compromete os aspectos perceptivos, revela-se também mal sucedida ao nível do conteúdo escolhido de detalhe animal, em que mais uma vez utiliza aspectos parciais para figurar a unidade.

Comentário síntese ao Cartão IX: Cartão marcado pela interpenetração das cores, simultaneamente fechado, mas aberto em cima e bilateral, favorece associações regressivas. A

Ana parece fazer uma associação directa com última resposta ao cartão anterior, em que os mares se juntam e escorrem, encontrando um objecto contentor no copo da primeira resposta.

Num cartão que favorece a regressão, classicamente associado ao materno pré-genital, notamos insistência em conteúdos relacionados com objectos contentores, alvo de disputa entre os dois homens da resposta seguinte, e ensaiados mais à frente na resposta jarra, que sem cumprir o seu potencial de contenção ganha uma utilização criativa, e incomum, voltada ao contrário para servir de apoio aos hipopótamos tristes. Destacamos a tenacidade da pulsão sexual que encontra expressão no movimento das bolas saltitonas e parece ameaçar o sentimento de integridade, atendendo à resposta forçada, de má qualidade formal, mas na totalidade da mancha, com que encerra o cartão.

CARTÃO X

Cartão X	
<i>Esta é a mais difícil, não é? As outras imagens são muito pegadas, estas não.</i>	
	Crítica Subjectiva
34. <i>Aqui parecem-me duas pulgas (D Cinza).</i>	
	D F + A Ban
35. <i>Aqui dois escaravelhos a levarem... (D Azul + Verde).</i>	
	D Kan A
36. <i>uma folha (D Azul + Verde).</i>	
	D CF Bot
37. <i>Aqui parecem dois ratos a saltarem (D Cinza, sem Amarelo).</i>	
	D Kan A

O comentário à dificuldade do cartão pode ser interpretado tanto como referente ao seu aspecto estruturalmente disperso, como ao final da situação de aplicação.

Organiza-se para as respostas em D, com animais apreendidos correctamente em termos formais, alguns animados por actividade adequada.

Cartão X

38. E aqui, o grande, uma pessoa, um homem com bigode, com ar zangado. Daqueles ruivos. Tem uma coroa (D Cinza Sup) e os olhos azuis. Tem as bochechas rosadas (D Amarelo + Rosa) e um enfeite na testa (D Laranja).

(Os olhos a azul a juntarem-se... Parece zangado, a juntar as sobrancelhas, o cabelo ruivo -D Rosa- e o bigode -D Verde-).

D bl kp Hd

Ao finalizar, força novamente uma imagem global, em que inclui o espaço branco, num esforço de integração mal sucedido em termos formais. Novamente o seu esforço para representar uma unidade, revela também fragilidade, ao ignorar os aspectos perceptivos forçando a aglutinação de detalhes e ao recorrer ao um conteúdo de detalhe em que utiliza aspectos parciais para figurar uma figura inteira. De salientar que a última resposta da prova, é uma figura humana, desta vez identificada com o masculino, onde os atributos de natureza narcísica (coroa e enfeite na testa) marcam uma forte presença, sem no entanto fazer desvanecer o sentimento de descontentamento e insatisfação expressos no “ar zangado”.

Comentário síntese ao Cartão X: Inicia o último cartão, aberto de manchas coloridas dispersas com uma crítica subjectiva à dificuldade do cartão, ficam em aberto as hipóteses de a dificuldade estar relacionada com os aspectos estruturais e sensoriais do cartão e/ ou com o final da situação de aplicação que faz terminar a de ligação que entretanto se estabeleceu entre ela o clínico e o material.

7.1.2. ANÁLISE DOS DADOS DO PSICOGRAMA ANA

Numa primeira abordagem, destacamos o elevado número de respostas R=38, mais do que sugerir implicação na prova, o valor dá conta de uma forte necessidade de expressão.

Da análise dos modos de apreensão registamos um G% de 18% correspondente, a uma proporção G: 3D, dentro dos limites proporcionais indicados por Rausch de Traubenberg (1998). A autora refere que um R total elevado, acarreta um aumento de D, passando a relação a ser de 1G: 3D. A análise das respostas G ao longo do protocolo mostra diversidade nas utilizações (G simples, impressionistas, organizados), reveladora de disponibilidade para recorrer a diferentes formas de abordagem. As respostas G predominam nos cartões fechados, como seria de esperar em conformidade com os aspectos perceptivos.

A elevada frequência com que integra os espaços brancos, dá conta do sentimento de fragilidade interna, reactivado pelas descontinuidades da mancha. O detalhe branco tem sido classicamente associado às noções de falha e carência de um continente seguro, vazio, perda e separação. São tentadas todas as possibilidades para lidar com o espaço branco, sentido como falha, numa adolescente com marcadas fragilidades na organização de um sentimento de integridade e inteireza.

I 1 - [Gbl FE A/Ad] (olhos) elemento de valência persecutória

I 3 - [Dbl F- Ad] (olhos) elemento de valência persecutória

II 6 – [Dbl Kan A] (pássaro a voar) preenche o espaço vazio com uma acção. A falha é compensada pelo acting.

IX 28 – [Dbl F+ Obj] (copo com água) o branco passa a ter uma função, em vez de ser animado por uma acção, numa relação continente/conteúdo.

X 38 – [D_{bl} Kp Hd] (cara de homem zangado) o branco é integrado de maneira muito forçada, na tentativa de descrever uma figura inteira capaz de organizar os diversos elementos, num cartão marcado pela dispersão.

As diversas abordagens sugerem vigor, persistência e alguma criatividade na tentativa de lidar com as dificuldades levantadas por este aspecto da mancha.

De salientar igualmente a ocorrência de três Do

II 8 – [Do F+ Ad] (cabeça de coelho)

V 19 – [Do F+ Ad] (pauzinhos de caracol)

V 20 – [Do F+ Ad] (pernas de morcego)

Sempre associados a conteúdos de detalhe animal, estas respostas ocorrem num mecanismo de dupla restrição em simultaneamente limita a área interpretada e refere elementos parciais. Ao atentarmos nas respostas, percebemos que surgem no seguimento da falência na identificação de figuras inteiras, de integridade corporal preservada.

Da análise dos determinantes formais concluímos que o valor de F% (50%) se encontra no limite inferior da norma, e valor de F+%, (25%) bastante abaixo, devido à elevada incidência de respostas F- , reveladoras de figuras pouco integradas.

I 2 – [GF-A] (dois papagaios) – Utiliza o eixo central para desdobrar a manchas em dois do mesmo sem relação entre si.

I 3 – [DbIF-Ad] (olhos de rato) – Interpretação exclusiva do espaço branco para conteúdo de valência paranóide. A restrição da área interpretada acompanha-se de restrição do conteúdo a um elemento de detalhe.

I 4 – [G/F-Bot] (copa de árvore) – G barrado para bocado de árvore com folhas a cair num movimento passivo de desagregação.

II 7 – [DF-A] (morcego) – ignora o espaço branco e força uma imagem unitária num cartão bilateral.

II 9 – [DF-A] (duas galinhas) – Limita o vermelho

II 10 – [DdF-Ad] (cabeças de pinguim)

V 17 – [DF-A] (ratazana) - Depois da insatisfação com a primeira resposta ao cartão (morcego de costas).

IX 31 – [DF-Obj] (jarra ou copo ao contrário)

IX 33 – [GF-Ad] (leão) – Força uma abordagem global para terminar o cartão, que não tem em conta os aspectos perceptivos.

Salientamos que a ocorrência de F- é dominante no final dos cartões I e II em que se vai desorganizando ao longo do processo de resposta e já não consegue recuperar.

No que respeita à análise dos conteúdos, destacamos um A% muito elevado (60%), a par de um valor relativamente baixo de H% (10%) a remeter para a operação excessiva dos processos de deslocamento. Destacamos ainda a desproporção A: Ad, (17: 8), bem longe do rácio 4:1 (Rausch de Traubenberg, 1998), a elevada frequência de conteúdos Ad, reveladora de dificuldades na representação da figura inteira, surge como estratégia defensiva de limitação perceptiva e associativa para lidar com a ansiedade.

A análise do Tipo de Ressonância Íntima (TRI), resultante da comparação das grandes cinestésias com as cores ($K : \sum C$) revela um TRI introversivo de tipo misto, caracterizado pela dominância das grandes cinestésias sobre as cores ($K > C$), embora de forma pouco acentuada ($3K : 2\sum C$). Este resultado é sugestivo de um investimento privilegiado sobre o mundo interno. Uma visão mais detalhada sobre as respostas de grandes cinestésias revela:

III 11 – [G K H Ban] (duas pessoas a dançar) – Projecção de relação lúdica, erotizada.

IV 14 – [G KClob (H)] (gigante com asas sentado) – Anima o gigante com um movimento passivo que contraria e minimiza a ideia de força, potencia e eventual ameaça (expressa no Clob).

IX 29 – [D K H](homens a disputar copo) – Projecção de relação agressiva, de rivalidade.

Quanto às cores que participam no TRI uma presença no vermelho e duas no pastel, verificamos que nunca se expressam de uma forma pura, nem se impõem como cotação principal, surgindo sempre associadas a outras modalidades de expressão:

III 13 – [D FC Anat] (rins) – Mediado pelos aspectos formais, o vermelho serve de base a resposta de anatomia.

VIII 27 – [DkobCNat] (céu e mar) – gere a introdução da cor, isolando respostas em D, até o processo de resposta se desorganizar...

X 36 – [D CF Bot] (folha) – integrada na resposta.

As respostas cor revelam de mobilidade nas abordagens, sinal de que Ana não está fixada num registo pré-determinado e tem capacidade de reagir às especificidades do estímulo. O FC na resposta anatomia é bom sinal, de controlo, mas também de capacidade de expressão. O CF na folha parece negligenciável enquanto domínio do sensorial sobre a forma, pelas características do estímulo e pela frequência com que a resposta aparece.

Fórmula Complementar (FC) resultante da comparação das pequenas cinestésias com os esbatimentos, apresenta um sentido consonante com o TRI, mas com muito maior expressividade, sendo o número de pequenas cinestésias consideravelmente superior ao valor dos esbatimentos ($11k > 1.5 \sum E$). Esta indicação acentua o sentido já sugerido pelo TRI, de uma linha condutora de um investimento centrado no mundo interno.

Decompondo a FC ressaltam-se os seguintes aspectos das pequenas cinestésias:

Kan

II 6 – [Dbl Kan A] (pássaro a voar) – Em cartão bilateral, o kan não corresponde à projecção de relação. Anima o pássaro visto no detalhe branco central de movimento activo, num acting com que procura compensar o sentimento de vazio evocado.

V 16 – [G Kan A Ban] (morcego a voar, visto de trás) - A vista de trás traduz a dificuldade na projecção duma imagem de si inteira e claramente integrada. A dificuldade é compensada

através da animação por um movimento activo, à semelhança do que aconteceu com o kan anteriormente referido.

VII 23 – [G Kan A](duas coelhas que se invejam) – o kan serve o deslocamento para figuras animais de uma relação marcada pela rivalidade feminina.

VIII 26 – [D Kan A] (foca a levantar a cauda) – o movimento animal neste cartão antecede um movimento mais intenso e desorganizativo em VIII 27

IX 30 – [D Kan (A)] (hipopótamo triste) – o kan serve a projecção de uma tonalidade emocional disfórica.

X 35 – [D Kan A] (escaravelhos a levar folha) – kan não relacional, para actividade adequada aos conteúdos evocados, e aspectos perceptivos.

X 37 – [D Kan A] (ratos a saltarem) – kan não relacional.

Dos 7 determinantes Kan utilizados, apenas o do cartão VII tem valor relacional e é utilizado na projecção duma relação de tipo agressivo associada à rivalidade feminina.

Kp

III 12 – [D Kp H] (embrião) – representação de valor regressivo a remeter para a relação simbiótica.

X 38 – [D_b1 Kp Hd] (homem zangado) – a encerrar a prova, projecta o descontentamento.

Kob

VIII 27 - [D KobC Nat](mar a pingar) – já comentada.

IX 32 – [D Kob Obj] (bolas saltitonas) – movimento que remete para o pulsional sexual.

Relativamente ao pólo sensorial de FC verificamos a inexistência de determinantes de cor acromática e a presença de 3 respostas de esbatimento:

I 1 – [GblFEA/Ad] (lobo)

VI 21 – [DFEAd] (cabeça de raposa)

VI 22 – [GFEA] (tapete de pele)

As três respostas cotadas com FE de tipo textura remetem para a procura de contacto, contrastando com os conteúdos de animais potencialmente ameaçadores.

7.2.1. ANÁLISE DO PROTOCOLO RORSCHACH DE BRUNO

CARTÃO I

Cartão I

1. *Um morcego.*

(Aqui o corpo e aqui as asas).

G F+ A Ban

Inicia a aplicação recorrendo a uma abordagem convencional que minimiza o seu envolvimento na nova situação. O morcego, figura animal inteira de boa forma, é vista na totalidade da mancha, atestando capacidade de adaptação ao real. Pela elevada frequência com que a resposta morcego é encontrada nessa localização, considera-se uma banalidade.

Cartão I

2. *Uma tarântula.*

(Aqui o corpo, e isto a preto dá ideia das patas, menos estes bocados – cria um Dd. Não sei se é uma tarântula).

G/ F- A

De uma abordagem global da mancha passa a um modo de apreensão em que exclui uma parte, criando um G barrado para uma resposta de qualidade formal inadequada. Identifica uma tarântula, figura animal inteira, de que particulariza detalhes durante o inquérito. No entanto, acompanha a explicação de dúvida e hesitação “não sei se é uma tarântula”, numa certa crítica ou eventual desejo de distância da tarântula percebida. Salientamos que é um dos cartões referidos negativamente durante a prova das escolhas, por não ter “cores alegres” e ser “um animal agressivo”.

Comentário síntese ao Cartão I: O cartão de início de contacto com o material Rorschach apresenta uma mancha negra e unitária pontuada por quatro espaços brancos. A reacção inicial de Bruno foi adaptativa, produzindo uma resposta convencional, de figura animal inteira, que integra correctamente os aspectos estruturais e sensoriais da mancha. No entanto, não consegue manter o registo de aparente adaptação face ao impacto criado pelo material e pela situação, acabando por resvalar para uma resposta de má qualidade formal, num animal de carácter ameaçador, que apesar de ser percebido como figura inteira, exclui detalhes da mancha.

CARTÃO II

Cartão II

3. Talvez a forma do mundo, de uma parte do mundo.

(O mundo visto num mapa, com os seus bocadinhos – D Preto).

D F± Geo

Evita o vermelho, eventual solicitação à relação e aos aspectos pulsionais de natureza agressiva e/ou sexual, optando por uma apreensão exclusivamente restrita à zona cinzenta. A forma indeterminada e conteúdo geografia sugerem uma tomada de distância defensiva contra as solicitações latentes. A precaução verbal com que inicia a resposta, sugere hesitação e permite ganhar tempo para organizar o material numa resposta que começa com o mundo, para de seguida particularizar que se trata apenas duma parte do mundo, vista à distância de um mapa, composta por “bocadinhos”. Se atendermos à possibilidade de ler a resposta à luz do organizador da representação de si, estamos perante um adolescente dominado pelo sentimento de dispersão, em que reconhece apesar de tudo, uma unidade coerente, ainda que de contornos incertos, entre as partes desligadas.

Comentário síntese ao Cartão II: A resposta de Bruno ao primeiro cartão com integração do vermelho, bilateral e aberto, um cartão especialmente dedicado à indução da projecção de relações, caracteriza-se precisamente pela ausência de relações, associada a uma projecção da imagem de si pouco integrada, ainda a oscilar entre a figura inteira e os aspectos parciais. A ausência de projecção de relações, bem como o evitamento dos detalhes vermelhos da mancha, marcam uma acentuada inibição das dimensões simbólica, pulsional e relacional no processo de resposta.

CARTÃO III

Cartão III

4. Lembra aquelas flores que comem algo em movimento. Não sei se são carnívoras. São aquelas flores que se fecham sobre algo que está a passar e pum!

(como ela abriu a boca, a borboleta vem aqui ver e pronto, ela fecha.)

Gbl kob Nat

A integração do branco na apreensão global sugere uma sensibilidade à falta, falha. O determinante movimento aparece aqui associado a uma temática de destrutividade de nível oral. A hesitação e dúvida na precaução verbal “não sei”, que já se vem tornando habitual, sugere uma certa crítica e/ou desejo de distância face ao carácter angustiante da representação.

Cartão III

5. Isto é uma borboleta. (D Verm Central).

D F+ A Ban

A reposta borboleta, uma boa forma de animal inteiro, vista convencionalmente, surge associada à resposta anterior, numa temática nada convencional, que não deixa espaço à expressão da “pulsão epistemofílica”. A borboleta é devorada pela flor que “come algo em movimento”, quando “vai ver” o que se passa.

Cartão III

6. Parecem duas estátuas. São parecidas.

(Duas estátuas de pessoas. Parecem estátuas de africanos, pela forma delas. Dá ideia que são lisinhas e polidas).

D F+ A Estátua

Num cartão onde se impõe o reconhecimento de figuras humanas, com um apelo latente à projecção de relação, o melhor que consegue é a identificação de duas estátuas de pessoas. Reconhece a o aspecto formal, de boa qualidade, no entanto desvitaliza as figuras impedindo qualquer possibilidade de movimento e relação. A centração em aspectos formais, que excluem o movimento e a relação, pode ser entendida como defesa em relação à intensa angústia despoletada pela representação anterior.

Comentário síntese ao Cartão III: O segundo cartão bilateral marcado pela integração do vermelho serve de suporte para a primeira representação relacional. Bruno integra o branco, espaço vazio a ser preenchido, para encenar uma situação marcada pela voracidade. Na sequência, a solução que encontra, para emergência do pulsional brutal e destrutivo é a desvitalização das figuras humanas, convertidas em estátuas de pedra “lisinhas e polidas”.

CARTÃO IV

Cartão IV

7. Dá ideia de ser uma espécie de algo sobrenatural.

(Aqui a cabeça. Sobrenatural porque em vez de ter algo com mãos, tem umas pinças. Aqui as pernas e os pés).

G FClob (A)

Choque Clob

Num cartão que mobiliza as valências de força e potência, classicamente associado aos aspectos relacionados com o masculino e o paterno, a angústia despoletada pela mancha, evidente no Clob ainda que dominado pela boa forma, é gerida com o recurso a uma resposta, vista na totalidade da mancha, que remete para o domínio do sobrenatural, dimensão distinta e afastada do real. Recorrendo às já habituais precauções verbais “dá ideia”, identifica uma figura inteira de que discrimina os aspectos parciais.

Cartão IV

8. Aqui no meio dá a ideia que é um caminho sem fim.

(D Central – é muito longo, e pequenino aqui, estreitinho).

D F+ Obj

A ideia do caminho sem fim, visto no eixo central da mancha, “muito longo, pequenino e estreitinho”, sugere uma possibilidade difícil e penosa, mas ainda assim uma possibilidade, de acesso às temáticas latentes do cartão. É o caminho do seu processo adolescente.

Comentário síntese Cartão IV: No cartão classicamente associado com o paterno e o masculino, um cartão unitário, negro compacto, onde as noções de força e potência são

frequentemente identificadas, a intensa reactividade de Bruno ao conteúdo latente, leva-o a deslocar a poderosa figura identificada para o domínio distante do sobrenatural. Na sequência, consegue isolar no eixo central da mancha, um caminho a percorrer, estreito e longo, que supomos o caminho de acesso à simbólica latente, que na resposta anterior teve necessidade de remeter para um domínio distante do real.

CARTÃO V

Cartão V

9. *Parece ser uma ave.*

(Aqui a cabeça, patas e asas).

GF+ A

Aborda o cartão com uma apreensão global da mancha para uma resposta de figura animal inteira, de boa qualidade formal, indicadora de uma correcta integração da imagem corporal e da representação de si.

Comentário síntese ao Cartão V: No cartão que remete para a representação da imagem de si, a nível corporal num primeiro momento, mas também no sentido psíquico, enquanto self (Chabert, 1997/2003), um cartão unitário, próximo da realidade objectiva, Bruno organiza uma resposta adequada às características do estímulo, atestando correcta integração da unidade corporal. No entanto, a inespecificidade sugerida pela expressão genérica ave, sem discriminação mais fina sugere um certo vago na representação da identidade.

CARTÃO VI

Cartão VI

10. *Uma espécie de santuário ao ar livre, com tipo, um cruz.*

(Aqui é uma cruz – D Sup – tipo Fátima, e aqui um espaço muito aberto. Digo aberto, de não ser fechado).

G F+ Obj /Abst

Um bocadinho de solidão.

(Tudo excepto D Sup – por ser muito pequeno, e não ter algo à volta. Está sozinho).

Abstracção

Num cartão com carácter sexual marcado, em que predomina a dimensão fálica, recorre à mesma estratégia de remeter a resposta para uma dimensão próxima do sobrenatural, aqui especificamente para o domínio do religioso. A resposta com que engloba a totalidade da mancha numa intelectualização religiosa a tender para a abstracção procura inibir o simbolismo latente, sentido internamente como perturbador. As coisas do masculino parecem assim ficar distantes, numa outra dimensão, em que o acesso apesar de possível é difícil e a vivência é penosa.

A abstracção “um bocadinho de solidão”, merece um triplo reparo. Por um lado, pela expressão “um bocadinho” como que a delimitar um sentimento provavelmente invasivo, ao mesmo tempo que procura reduzir o seu impacto a um mínimo. Por outro lado, a ideia de estar só como condição presente face ao sentimento de dificuldade nas questões de natureza sexual, por outro lado como condição do percurso evolutivo no acesso ao masculino adulto.

Comentário síntese ao Cartão VI: Num cartão unitário e compacto, com marcada presença da dimensão sexual, o Bruno reage ao conteúdo latente, remetendo a resposta para o

domínio religioso, neutro, distante e repressor no que respeita às questões de natureza sexual, que despoletam uma angústia que desejaria pacificada.

CARTÃO VII

Cartão VII

11. Penso que também seja assim parecido com umas estátuas, são idênticas.

G F+ Estátua

(Aqui uma espécie de um limite – D Central Inf – e aqui uma estátua e aqui outra. A forma de uma criança, com a cabeça aqui e a forma de um vestido).

Comentário Limite

Aborda a mancha total, com novo conteúdo de estátuas, figuras inteiras de boa qualidade formal, à semelhança da resposta 4, em localizações frequentemente vistas como figuras humanas. Repete o movimento de desvitalização que “petrifica”, a dimensão pulsional e impede a expressão de relações.

O comentário limite, vem sublinhar uma preocupação presente desde o início do protocolo com a definição de limites dentro/fora.

Comentário síntese ao Cartão VII: Em cartão bilateral, cinza, aberto, com grande participação do branco, classicamente associado ao feminino e ao materno, contorna a solicitação latente à projecção de relações recorrendo a conteúdos de estátua. Identifica boas formas humanas e inteiras, que desvitaliza. A referência ao feminino e ao materno no cartão deixa-se entrever pela identificação de crianças com vestidos, nas estátuas.

CARTÃO VIII

Cartão VIII

12. *Parecem dois ursos a tentarem chegar a alguma conclusão, atrás de alguma coisa.*

(Aqui os dois ursos com a cabeça e o focinho e aqui em cima – D Sup – alguma coisa que eles querem. Talvez alimento, pela forma).

D Kan A Ban

Reage à novidade da introdução da cor pastel com uma abordagem convencional, cotada como banalidade, à semelhança do que aconteceu na resposta 1, em que se confrontou com o início da situação Rorschach. Identifica dois ursos, figuras animais inteiras de boa qualidade formal num detalhe da mancha. Os ursos animados de movimento orientam-se para a obtenção de alimento, num registo de satisfação autónoma das suas necessidades de subsistência. A segunda cinestesia do protocolo surge associada à temática alimentar, à semelhança do que aconteceu na resposta 4.

Cartão VIII

13. *Também parece ser uma gruta.*

(Aqui em cima – D Sup – parece uma espécie de uma entrada que dá para um subterrâneo que vai dar aqui – D Médio – com uma espécie de um buraco aqui ao meio – DdbI).

D bl CF Nat

Na sequência de uma resposta adaptativa, onde de temática alimentar domina, passa a um modo de apreensão particular, com a integração de um espaço branco que não se impõe perceptivamente numa resposta de carácter muito regressivo, em que o conteúdo gruta remete para a dimensão contentor, materno e feminino.

Comentário síntese ao Cartão VIII: No primeiro cartão pastel, que reenvia ao contacto com o mundo exterior, o Bruno começa por organizar uma resposta adaptativa,

dominada pelo movimento de busca de um conteúdo alimentar, realizado pelos ursos, figuras animais que evocam força, para passar, num intenso contraste a uma resposta de conotação regressiva. Entendemos a sequência como uma oscilação entre um processo mais adulto e autónomo de movimento activo de satisfação das próprias necessidades e um aspecto mais regressivo evocado pelo reconhecimento de um espaço com simbólica de contentor materno precoce.

CARTÃO IX

Cartão IX

14. Um barco.

(D Rosa – aqui o barco, com os flutuadores, um de cada lado).

D F- Obj

Mantém-se no registo regressivo, iniciado com a última resposta ao cartão anterior. A manutenção é facilitada pelos tons pastel, a interpenetração das cores e estrutura aberta em cima, com integração do branco na mancha, num cartão classicamente referido como “cartão uterino”.

Focaliza-se sobre o detalhe rosa, ignorando o resto da mancha, sem conseguir, no entanto organizar uma resposta adaptativa. O percepto barco, tem qualidade formal inadequado e nem o recurso a flutuadores para se manter à tona consegue ajudar. Bruno vai soçobrando engolido pela gruta, mar, flor, à vista de um caminho estreito e sinuoso rumo às questões que parecem à distância do sobrenatural/transcendente.

Comentário síntese ao Cartão IX: Num cartão marcado pela interpenetração das cores, simultaneamente fechado, mas aberto em cima e bilateral, que favorece as associações

regressivas, Bruno não consegue escapar ao movimento regressivo que tinha iniciado já no final do cartão anterior, e, nem a inibição na abordagem da mancha e na construção processo de resposta, conseguem repor o controlo adaptativo.

CARTÃO X

Cartão X

15. *Lembra o mar com criaturas: peixes, caranguejos.*

(Peixes aqui – D Amarelo, D Verde – com as barbatanas; e caranguejos, com as patas – D Preto Lat).

G CF Nat

Opta por uma abordagem global num cartão caracterizado pela dispersão das manchas e pela diversidade das cores, procurando um sentido integrador. Os conteúdos marinhos, em que o determinante cor se sobrepõe às características formais estão em consonância com o registo regressivo que iniciou na resposta 13, e ainda não deixou. Suspeitamos que este mar com as suas criaturas é o que rodeia o “barco” da resposta anterior.

Cartão X

16. *Parece ser uma ilha assim distante.*

(Uma ilha que não está no mapa, porque parece mesmo que não tem nada à volta, é mesmo só aqui).

G F± Nat

Da massa marinha com as suas criaturas emerge uma ilha, território distinto, mas de contornos incertos (F±), isolado “não tem nada à volta”, distante e inexplorado “não está no mapa”. Como o próprio no seu processo de desenvolvimento, ainda distante e isolado,

lembramos o comentário “um bocadinho de solidão” e por conhecer profundamente nos seus limites e potencialidades.

Comentário síntese ao Cartão X: Inicia o último cartão, aberto de manchas coloridas dispersas recorrendo a uma abordagem global para organizar uma resposta de conteúdos marinhos, que por um lado dá conta do desejo de integração num todo coerente das partes dispersas, por outro mantém o registo regressivo que tinha iniciado atrás.

Com a resposta de ilha com que termina a aplicação deixa-nos a ideia de uma unidade que emerge distinta do meio marinho, sentida como território por explorar.

7.2.2. ANÁLISE DOS DADOS DO PSICOGRAMA BRUNO

Na análise do psicograma relativo ao protocolo de Bruno, destaca-se de imediato o número de respostas relativamente baixo ($R = 16$). O valor, sugestivo de um investimento reduzido na tarefa proposta, pode ser expressão de uma indisponibilidade mais ou menos intencional ou de escassez de recursos para uma abordagem mais alongada.

Quando passamos ao estudo dos modos de apreensão, chama-nos a atenção o valor aumentado de $G\%$ (44%). A proporção geralmente encontrada situa-se em torno de $G: 2D$ ou $G: 3D$ em protocolos mais longos. Na análise das respostas G observamos um predomínio de G simples, sugestivos de pouco investimento na abordagem. O único G organizado (III 4) integra o espaço branco para servir de suporte à projecção de uma relação de voracidade. No cartão X , em que a dispersão dos elementos se impõe perceptivamente, o esforço de uma abordagem global ($X 15$ e $X 16$) surge associado a elementos sensoriais que determinam a referência a conteúdos de valência regressiva (mundo marinho), a remeter para a relação primária.

A análise dos determinantes formais revela um valor de $F\% = 69\%$, no limite superior da norma (Rausch de Traubenberg, 1998), a contrastar com o valor de $F+\%$ (73%), relativamente baixo face ao esperado, tendo em conta o $F\%$ tendencialmente elevado, a sugerir uma preocupação com a colagem aos aspectos do material mais concretos e próximos da realidade. A discrepância em relação ao esperado pode ser explicada pela presença de duas respostas $F\pm$, que num protocolo tão curto, se fazem sentir no abaixamento do $F+\%$

II 3 – [DF±Geo] (a forma dum parte do mundo) – O vermelho é evitado com a apreensão exclusivamente circunscrita ao detalhe cinzento. O resultado é uma forma imprecisa e indeterminada, que corresponde à figuração, e não à coisa em si, de uma parte, de um todo.

Notável esforço de tomada de distância, onde não se implique, e que não o comprometa, acompanha o conteúdo Geo.

X 16 – [GF±Nat] (ilha distante) – Conseguimos imaginar apenas qualquer coisa de indeterminado nos contornos, e distante na natureza, a emergir do “mar”, onde bóiam sem distinção aparente, peixes e criaturas.

O valor de F-% encontra-se dentro do esperado.

I 2 – [G/F-A] (tarântula) – a tentativa de definir novos contornos ao morcego anterior, resulta num animal de conotação agressiva e repulsiva, inadequado à configuração da mancha. A verbalização que acompanha a resposta indica hesitação e dúvida, como se houvesse uma certa crítica em relação à adequação da resposta.

IX 14 – [DF-Obj] (um barco) – Para única resposta selecciona um detalhe num cartão onde é fácil uma apreensão global, ou de relação entre partes, e mesmo assim a qualidade formal da resposta é inadequada. As dificuldades com o impacto regressivo induzido pela introdução da cor no cartão anterior, começam a manifestar-se na resposta “gruta” (VIII 13), a que associamos uma simbólica materna pré-genital. Já não volta a sair de ambientes marinhos, e a temática latente ao cartão IX, classicamente referido como o “cartão uterino”, é claramente assumida em X. Nesta resposta, só a custo e com ajuda de flutuadores se vai mantendo à tona perante a ameaça de submersão. A temática da submersão, faz-nos pensar na proximidade com a ameaça de ser engolido pela boca (branca e vazia) da flor carnívora em III 4.

No que respeita à análise de conteúdos destacamos a ausência de conteúdos humanos. Face à dificuldade na representação da figura humana, organiza no entanto duas aproximações com “estátuas” em III e VII. A desvitalização patente nestas respostas cumpre um duplo objectivo: por um lado inviabiliza qualquer possibilidade de projecção de relação – recordamos a carga destrutiva associada à única relação expressa no protocolo (III 4). Por

outro lado a identificação de estátuas torna menos premente a necessidade de identificação sexual. Registamos inicialmente as estátuas surgem sem identidade de género referida.

Também merece nota a ocorrência de três banalidades em apenas 16 respostas a sugerir uma preocupação de colagem ao convencional. Destacamos ainda a utilização de conteúdos Natureza que surgem associados a movimentos de tónica mais regressiva (III 4, VIII 13, X 15, X 16) e ainda o recurso a conteúdos de objecto, utilizados nos cartões que remetem para a temática do masculino (IV 8 e VI 10) e ainda na resposta IX 14, já comentada.

No que respeita ao Tipo de Ressonância Íntima, Bruno apresenta um TRI coartativo (OK : 1 Σ C). Tanto o pólo cinestésico como o pólo cor estão insuficientemente expressos. A ausência de grandes cinestésias dá conta do evitamento na projecção de relações. Aliás, já a ausência de conteúdos humanos tinha alertado para o mesma realidade. O sujeito humano e a sua dimensão relacional parecem irrepresentáveis para Bruno, o que dá conta das suas dificuldades no processo de identificação. As duas respostas cor acontecem nos cartões pastel (VIII 13 e X 15) sendo interessante notar a sensibilidade à solicitação regressiva introduzida por estes tons, desde VIII 13 com “gruta”, de simbolismo contentor, materno e primitivo, não volta a sair de conteúdos marinhos regressivos. Verificamos que apesar da inibição e forte controlo que tem mantido ao longo da prova, emerge nestas respostas uma dominância do aspecto sensorial sobre o controlo formal, sinal de que o seu funcionamento não está completamente rigidificado. Nos cartões vermelhos, que não geram respostas cor, verificamos que o vermelho é evitado em II3 e que apesar de não ser referido ao longo do processo de resposta, podemos inferir o seu impacto a partir da violência de III 4 e da subsequente necessidade de desvitalização em III 6.

A expressão da Fórmula Complementar tem um sentido inverso ao TRI (2k: 0 Σ E), embora, as manifestações de ambos os pólos continuem insuficientes. Decompondo FC, temos que a ausência de respostas de esbatimento e/ou cor acromática remetem para o

evitamento de afectos mais depressivos. Da análise das pequenas cinestésias salientamos a sua associação à temática oral. Assim:

III 4 – III 4 – [Gbl kob Nat] (flor carnívora a comer borboleta) – Integra o espaço branco na única resposta de relação em todo protocolo, sustentada por um determinante kob a remeter para uma voracidade muito primitiva e destrutiva.

VIII 12 – [DkanABan] (dois ursos atrás de alguma coisa) – o objecto de desejo que impele a acção é alimento.

7.3.1 ANÁLISE DO PROTOCOLO RORSCHACH DE CATARINA

CARTÃO I

Cartão I

1. *Um animal, um morcego ou assim... (G).*

(As asas e o corpo com as antenas).

G F+ A Ban

Inicia a aplicação com uma figura animal inteira de boa forma, vista na totalidade da mancha, atestando capacidade de adaptação ao real. Pela elevada frequência com que a resposta morcego é encontrada nessa localização, considera-se uma banalidade. Este tipo de abordagem inicial sugere uma tomada de distância defensiva. Com uma resposta convencional e de forma adequada, a sua implicação na situação de prova é moderada.

Cartão I

2. *Aqui uma mulher com braços e pernas.*

(D central – braços, pernas, cabeça e o vestido).

D F+ H

Uma nova resposta ao cartão dá sinal de investimento na tarefa. Da abordagem global na resposta anterior, passa a uma apreensão no detalhe destacado central com uma resposta de figura humana inteira do sexo feminino, correctamente percebida em termos formais. Durante o inquérito reforça a qualidade feminina na figura com a referência ao vestido.

Comentário síntese ao Cartão I: O cartão de início de contacto com o material Rorschach apresenta uma mancha negra e unitária pontuada por quatro espaços brancos. A reacção inicial de Catarina foi adaptativa, produzindo uma resposta convencional, de figura

animal inteira, que integra correctamente os aspectos estruturais e sensoriais da mancha. Na continuidade do processo de resposta, em si mesma, indicadora de envolvimento na situação, passa de uma abordagem global da mancha, para a apreensão num detalhe, movimento que acompanha com a passagem de um conteúdo animal para um conteúdo humano. Ambas as respostas, representando figuras inteiras, de boa qualidade formal, dão sinal duma adequada integração da unidade corporal. Na figura humana vista em D central, à imagem corporal inteira, acresce a referência à identificação sexual com o feminino, indicador de relevo sobre o seu processo de construção da identidade feminina adulta.

CARTÃO II

Cartão II

3. Dois lagos com peixes. (Gbl).

Gbl F± Paisag

(Dois lagos que se juntam – D preto – e o encarnado lá, Peixes assim redondos).

Comentário de ligação

Na sua resposta de lagos que se juntam com peixes, parece sensível a um certo apelo regressivo. Rausch de Traubenberg, citada por Chabert (2003/1997), refere que apreendido globalmente o cartão pode dar lugar a fantasmas que enviam a uma problemática pré-genital de nascimento. A resposta de peixes dentro de lago, sugerem a representação de uma relação continente-conteúdo. A integração do branco, para um modo de apreensão Gbl, resulta numa resposta de forma vaga, por definir. O sentimento de falta, falha e vazio associados ao detalhe branco gera a referência ao contacto e ligação entre partes, na realidade separadas. Com o comentário de ligação, nega a descontinuidade perceptiva, sentida como intolerável no

contexto simbólico para que remeteu o processo de resposta, induzindo um fechamento forçado.

Comentário síntese ao Cartão II: No primeiro cartão bilateral, aberto e com integração do vermelho, Catarina organiza-se para a projecção de uma resposta evocativa da relação continente-conteúdo, apreendida globalmente. O detalhe branco intermédio que impede o fechamento entre as partes cinzentas origina um comentário de ligação. O comentário, indicador de extrema sensibilidade à descontinuidade, acentua a ideia de falha na qualidade continente da relação precoce. A escolha de um conteúdo Paisagem pode ser entendido como uma tentativa de criar distância em relação à ressonância emocional despoletada pelo cartão.

CARTÃO III

Cartão III

4. Aqui podia ser uma viola daquelas eléctricas.

(D Verm Sup. – as coisas onde se afina, o braço. As outras violas são mais redondas aqui em baixo, mas as eléctricas são mais parecidas com estas).

D F+ Obj

Recorre a uma sequência pouco frequente nos modos de apreensão para a abordagem a este cartão. No seu primeiro movimento, isola imediatamente o D vermelho superior, classicamente associado a aspectos pulsionais de natureza libidinal e/ou agressiva. Paralelamente à apreensão em D, recorre a um conteúdo de objecto, com que desvitaliza a evocação pulsional, numa dupla estratégia que acompanha o isolamento perceptivo. No entanto, a referência à viola, que apesar de objecto é instrumento musical, e portanto, uma via

de expressão com potencial para criação música ou ruído conforme a afinação possível e a habilidade do artista, deixa entrever um pulsional pronto a emergir. A indicação expressa que se trata de uma viola eléctrica e não “das outras”, conforme frisa durante o inquérito, sugere a forte intensidade do pulsional latente.

Cartão III

5. Isto, dois homens.

(Aqui a cara, os braços, as pernas).

G K H Ban

Num cartão onde se impõe o reconhecimento de figuras humanas, com um apelo latente à projecção de relação, reconhece duas figuras humanas inteiras, de boa qualidade formal, identifica ao género masculino. No entanto, não projecta qualquer tipo de relação entre as figuras.

Comentário síntese ao Cartão III: No segundo cartão bilateral marcado pela integração do vermelho, estrutural e sensorialmente, indutor da projecção de relações, não responde à solicitação latente. Começa por isolar e dar um conteúdo de objecto aos detalhes vermelhos, evocativos de um pulsional, que cremos, intenso e difícil de integrar. Na sequência do processo resposta identifica as figuras humanas, dando indicação de uma adequada integração da identidade corporal, mas não avança com a projecção de relação entre elas.

CARTÃO IV

Cartão IV

6. *Isto aqui podiam ser duas caras de cães.*

(Assim aqui – D Lat Inf – parece o pluto dos Mickeys, com o nariz redondo, olhos e boca).

D F+ (Ad)

Num cartão classicamente referido como evocativo da representação de uma imagem de força e potência e autoridade, associadas ao paterno e ao masculino, falha em reconhecer a projecção de corpo, geralmente mobilizada pelos aspectos estruturais da mancha, fechada, e inteira. Circunscreve a área perceptiva a um D, evitando a abordagem global que se impõe no cartão, e desdobra a mancha em duas imagens do mesmo, sem relação entre si. Ao recorrer a um animal de conotação “simpática” da BD infantil, evita e desqualifica os aspectos latentes no cartão.

Comentário síntese ao cartão IV: Aborda um cartão unitário, negro e compacto, onde esperaríamos uma apreensão global de mancha, com uma apreensão de detalhe, onde projecta uma figura amigável da BD infantil, como que a desqualificar e desmentir as valências de força e potência associadas com o paterno e o masculino, latentes na simbólica do cartão.

CARTÃO V

Cartão V

7. *Podia ser uma borboleta, ou animal com asas, não sei.*

G F+ A Ban

Cartão V

8. *Também podia ser um morcego, porque tem as asas maiores, aqui com os dois pés e o corpo.*

G F + A Ban

As respostas borboleta e morcego são ambas consideradas Banalidades pela elevada frequência com que são encontradas na globalidade da mancha. Como figuras animais inteiras correctamente apreendidas em termos formais, atestam uma correcta integração da imagem corporal e da representação de si. No entanto, a hesitação na espécie voadora a ser representada “um animal com asas, não sei” dá conta duma certa inespecificidade ao nível da representação identitária mais detalhada. A oscilação entre borboleta e morcego sugere a representação alternada dos aspectos mais “coloridos” ou mais “negros” que a própria Catarina, possa reconhecer em si.

Cartão V

9. *Também podia ser uma pessoa a mergulhar.
(com as perna e o corpo aqui – D Sup)*

D K H

Depois das apreensões na globalidade da mancha passa a uma apreensão de detalhe em que projecta uma figura humana, sem identidade de género definida, num movimento activo, de mergulho.

Cartão V

10. *Aqui – restante imagem – seria uma piscina.*

D F± Obj

A resposta piscina parece resultar de associação directa com a resposta anterior. Na realidade quase se trata da encenação de um mergulho humano. Mais uma vez, Catarina retorna ao tema da relação continente-conteúdo. Ainda de contornos pouco definidos, o

continente não apresenta desta vez referência a falhas, como acontecia no lago do Cartão II, resta saber se tem a profundidade necessária ao impacto do mergulho.

Comentário síntese ao Cartão V: No cartão que remete para a representação da imagem de si, a nível corporal num primeiro momento, mas também no sentido psíquico, enquanto self (Chabert, 2003/1997), um cartão unitário, próximo da realidade objectiva organiza duas respostas banais que dão conta de uma integridade corporal adequada em dois registos de funcionamento possíveis. Seguidamente passa a uma decomposição da mancha para encenar, novamente, um tipo de relação continente-conteúdo.

CARTÃO VI

Cartão VI

11. *Uma camisa, assim.*

(excepto D Sup – Está virada ao contrário, pendurada pelas pontas. Aqui a gola, o fecho e os braços).

D F- Vest

Num cartão muito carregado de implicações sexuais, evita precisamente a saliência que se destaca na parte superior da mancha, responsável pela forte conotação fálica do cartão. Opta por uma apreensão de detalhe num cartão unitário e compacto, abordando a restante mancha como uma peça de vestuário de qualidade formal deficiente. O cartão é referido como o mais difícil na prova das escolhas.

O evitamento e exclusão do detalhe superior surge aqui como um mecanismo inverso ao isolamento utilizado para as “violadas” no Cartão III. Em ambas as situações isola a parte da

mancha que sente despertar maior angústia, na resposta 4 para nomeá-la e lhe dar algum tipo de tratamento, aqui para evitar a seu tratamento, ignorando a sua existência.

Comentário síntese ao Cartão VI: Num cartão unitário e compacto, com carácter sexual marcado, em que predomina a dimensão fálica, a angústia despoletada pela simbólica latente interfere com a capacidade de adaptação ao real, originando um percepto inadequado do ponto de vista da qualidade formal, apesar do esforço de evitamento do detalhe superior da mancha.

CARTÃO VII

Cartão VII

12. *Duas caras, e o corpo também.*

(Caras, o corpo, a saia. Com aquelas coisas que as que dançam sevillhanas põem nas cabeças).

G F+ H /Hd

Numa abordagem global da mancha reconhece duas figuras humanas inteiras, de boa qualidade formal. No inquérito, percebemos que se tratam de mulheres, a partir da referência às saias e enfeites de cabelo. Nesta identificação de género vai de encontro à solicitação latente do cartão, classicamente referido como cartão materno e do feminino, no entanto parece excessivamente apoiada sobre atributos externos na distinção de género. Notamos novamente que não projecta qualquer tipo de relação entre as figuras, como poderíamos esperar a partir da configuração bilateral do cartão.

Cartão VII

13. Também pode ser um carrinho, daqueles de compras.

(D Central – com a pega para empurrar e o cesto).

D F- Obj

Depois da abordagem global da mancha passa a uma apreensão de detalhe para a resposta de carrinho. Nesta resposta de qualidade formal inadequada e conteúdo objecto, parece tentar dar conta do aspecto continente materno e feminino evocado pela mancha, com a sua configuração aberta e o seu espaço branco no interior.

Comentário síntese ao Cartão VII: Catarina continua contornar a solicitação latente à projecção de relações, num cartão aberto e bilateral. A grande participação do branco associado às suas características estruturais faz com que o cartão seja classicamente associado ao feminino e ao materno. Começa por identificar boas formas humanas e inteiras, de género feminino, mas é na segunda resposta que vai mais directamente de encontro ao conteúdo latente, com a evocação do espaço continente em mais uma representação alusiva à temática da relação continente-conteúdo.

CARTÃO VIII

Cartão VIII

14. Aqui dois camaleões.

(Com o corpo e as patas).

D F+ A Ban

→C

Recorre a uma apreensão num detalhe da mancha, claramente delimitado pela cor, para uma resposta de figura animal inteira, de boa qualidade formal. Pela frequência com que o mesmo tipo de resposta é encontrado nesta localização considera-se uma banalidade. Sem se desorganizar com a introdução da cor, dá uma resposta Ban. Parece a repetição da estratégia utilizada no cartão I, confrontada com uma nova situação, ganha uma distância defensiva, recorrendo a uma abordagem extremamente convencional “sem erro possível”. No entanto, na resposta “camaleões”, animal que muda de cor para se confundir com o ambiente, conseguimos entrever uma sensibilidade ao aspecto cromático, rigorosamente controlada. À semelhança do camaleão, Catarina vai-se adaptar ao ambiente, sem se deixar que ele constitua uma ameaça.

Comentário síntese ao Cartão VIII: No primeiro cartão a introduzir a cor pastel, recorre a uma apreensão num detalhe claramente delimitado pelas características cromáticas, para uma resposta adaptada em termos formais. Sem se deixar desorganizar pela introdução da cor, conseguimos inferir a sensibilidade ao aspecto sensorial do cartão a partir do conteúdo “camaleões”.

CARTÃO IX

Cartão IX

15. *Aqui mato...*

D CF Nat

Se no cartão anterior consegue responder com uma imagem bem delimitada, a interpenetração das cores nesta cartão, dificulta o mesmo tipo de abordagem. Na resposta de mato é impacto sensorial da cor que domina o aspecto formal.

Cartão IX

16. E assim aqui chamas...

D kob C Fogo

(Agora ainda por cima estamos no tempo. Aqui mato porque é verde, e o laranja é logo assim uma cor que me faz pensar em fogo).

Ao impacto puro da cor, junta-se o movimento para uma resposta de fogo a exprimir uma vivência destrutiva intensa, desencadeada por um impacto sensorial insuficientemente mediado pela forma – possível sensibilidade à indefinição dos limites. A emergência deste tipo de afectos e a sua expressão crua, a contrastar com o restante protocolo, pode encontrar explicação no forte apelo regressivo associado a este cartão.

Comentário síntese ao Cartão IX: Depois do cuidadoso controlo no cartão anterior, Catarina não resiste ao impacto sensorial, num cartão fortemente marcado pela interpenetração das cores. O movimento kob expressa uma dinâmica, que associada ao impacto cromático traduz a intensidade de um movimento pulsional muito agressivo.

CARTÃO X

Cartão X

17. Aqui aquelas flores trepadeiras.

(D Preto Sup – Aqui as raízes e aqui a subir um pau).

D F± Nat

Depois da morte pelo fogo no cartão anterior, surge novamente uma planta, desta vez com vida, a evoluir num crescimento ancorado por raízes e apoiado por um suporte.

Cartão X

18. *Duas rãs.*

(Aqui – D Cast Lat – a saltar).

D Kan A

Cartão X

19. *Dois cavalos-marinhos.*

(D Verde – com a parte de trás assim redonda e para dentro e o bico).

D F+ A

As repostas 18 e 19 referem-se a animais inteiros apreendidos correctamente em termos formais. As rãs são animadas por movimento adequado à espécie. A referência a parte redonda e a bico enquanto aspectos parciais nos cavalos-marinhos, remetem respectivamente para aspectos do feminino e do masculino, coexistindo em simultâneo na mesma representação.

Comentário síntese ao Cartão X: Depois da invasão brutal dos aspectos sensoriais no cartão anterior, fecha o registo de destruição e opta por um modo de apreensão que privilegia o carácter estruturalmente disperso do cartão, em que a cor não é integrada em nenhuma das respostas, apesar de ser referida na prova das escolhas.

7.3.2. ANÁLISE DOS DADOS DO PSICOGRAMA CATARINA

O número de respostas (R=19) situa-se dentro da norma proposta por Rausch de Traubenberg (1998/1970) e sugere à partida que Catarina se implicou suficientemente na tarefa proposta.

Quando passamos à análise dos modos de apreensão, verificamos, que também aqui os valores encontrados se situam dentro da proporção prevista de G : 3 D, com predominância para as apreensões globais exclusivamente determinadas pelos aspectos formais da mancha.

Catarina recorre uma única vez à integração do espaço branco, na resposta II 3 [Gbl F± Paisag] (Dois lagos com peixes). A integração do detalhe branco classicamente associado a sentimentos de falta e vazio surge acompanhada por um comentário de ligação, num elemento da paisagem de contornos indefinidos e valor continente.

A análise dos determinantes formais aponta para um valor de F% tendencialmente elevado, a contrastar com o F+%, abaixo do que seria esperado. Este resultado pode explicar-se pela presença de 2 respostas F- e 3 respostas F±. Salientamos que das 3 respostas F± (II 3, V 10, X 17) duas se referem a um meio líquido sem contornos definidos que remete para um continente primitivo.

As respostas F- no protocolo surgem sempre apreendidas em D, numa combinação reveladora de dificuldades particulares, já que à partida a apreensão de um detalhe na mancha seria justificada pelo fácil reconhecimento de uma determinada forma.

VI 11 – [DF-Vest] (uma camisa) – Exclui o detalhe superior, mais claramente associado à referência fálica, provável origem da dificuldade. O mecanismo de evitamento é simétrico do isolamento que utilizou para lidar com os vermelhos no cartão III. Aqui com um pior resultado, o que “não está lá” (negativo) infiltra-se na resposta e revela-se na distorção ao nível da qualidade formal.

VII 13 – [DF-Obj] (carrinho de compras) – no cartão classicamente associado ao feminino e ao materno organiza uma resposta de objecto com valor de continente. Mostra sensibilidade à solicitação latente, mas revela dificuldade em organizar uma resposta adequada em termos formais.

No que respeita à análise dos conteúdos, começamos por referir as 4 Banalidades, indicadoras de uma adequada inserção no colectivo social. Os valores de A% e H% registados situam-se dentro da norma. Das quatro respostas humanas duas referem-se a mulheres, uma a um homem e uma outra representa uma figura indiferenciada. Esta diversidade sugere alguma instabilidade no que respeita à consolidação da identificação sexual. Esta ideia é reforçada pela forma como as referências a figuras femininas se encontram apoiadas em aspectos externos como vestido, e enfeites de cabelo. Acerca dos conteúdos humanos destacamos como especialmente saliente a ausência da projecção relações. Mesmo nos conteúdos animais, tão frequentemente utilizados para servir mecanismos de deslocamento dos conflitos, as relações encontram-se ausentes.

A análise do Tipo de Ressonância Intima revela um TRI ambiguo, em que nenhum dos pólos predomina claramente sobre o outro. Da decomposição da fórmula verificamos a existência de duas grandes cinestésias, nenhuma das quais utilizada como suporte para a projecção de relações.

III 4 – [G K H Ban] (dois homens) – reconhece as figuras humanas, que identifica ao sexo masculino, mas não projecta qualquer tipo de actividade ou relação.

V 9 – [D K H] (uma pessoa a mergulhar) – resposta invulgar em que reconhece uma figura humana em movimento activo. A figura não apresenta género definido.

A análise do pólo sensorial do TRI revela que as duas repostas cor ocorrem ambas no mesmo cartão:

IX 15 – [D CF Nat] (mato)

IX 16 - [D KobC Fogo] (chamas)

O rigoroso controlo na reacção à cor, quando o pastel é introduzido no cartão VIII, restringindo a resposta a uma apreensão de detalhe onde a tendência cor é inferida apenas a partir do conteúdo (camaleão) dá lugar à emergência violenta no cartão IX. Notamos que nos cartões vermelhos a cor não chega a ser referida, mas o seu tratamento pode ser inferido a partir das respostas:

II 3 - (lago com peixes) – referido a propósito dos peixes, não incluído na cotação

III 4 – (violas eléctricas) – Não verbalizado na resposta, é circunscrito logo à entrada no cartão e objectalizado, num movimento de isolamento e desvitalização do pulsional.

A expressão da Fórmula Complementar ($2 \sum k: 0 \sum E$) dá conta de uma dominância das pequenas cinestésias. Mais do que assumir o resultado como indicador de algum tipo de investimento privilegiado sobre o mundo interno, destacamos a ausência de respostas de esbatimento e/ou cor acromática como sugestiva do evitamento de afectos de tonalidade mais depressiva. Na análise detalhada das pequenas cinestésias notamos que ambas se encontram nos cartões pastel, e salientamos a associação na resposta de 16 do determinante Kob a um determinante cor, para uma representação marcada pela destruição.

IX 16 - [D KobC Fogo] (chamas)

X 18 – [D Kan A] (rãs a saltar).

7.4.1 ANÁLISE DO PROTOCOLO RORSCHACH DE DIOGO

CARTÃO I

Cartão I

1. Parece-me para aí um morcego. Estas imagens com manchas parecem-se todas com animais, como são simétricas...

(As asas aqui, e aqui a boca).

G F+ A Ban

Comentário Simetria

Inicia a aplicação com uma figura animal inteira de boa forma, vista na totalidade da mancha, indicadora capacidade de adaptação ao real. Pela elevada frequência com que a resposta morcego é encontrada nessa localização, considera-se uma banalidade. A abordagem convencional sugere uma tentativa de distância relativamente à implicação proposta pela prova. Esta ideia é corroborada pelo comentário simetria, em que através da referência ao eixo central, elemento objectivo da mancha capaz de funcionar como organizador de uma imagem de corpo animal, parece proposto a descartar a solicitação ao movimento projectivo.

Comentário síntese ao Cartão I: Diogo organiza-se face ao contacto inicial com o material e a situação Rorschach, com uma resposta adaptativa de animal inteiro, que integra correctamente os aspectos estruturais e sensoriais da mancha, deixando sinal de uma integração adequada da unidade corporal.

CARTÃO II

Cartão II

2. *Isto parece-me uma cena de um crime, não sei. Um bocado esquisito. Talvez pelo...*

G CF Abstr

(Pelas zonas mais escuras. Talvez também pelos tons de vermelho na imagem).

Choque Cor

O forte impacto sensorial da mancha transparece no conteúdo disfórico e agressivo de uma resposta apreendida globalmente. A abstracção com que procura ganhar distância não é suficiente para controlar a violência do impacto e a submissão dos elementos formais ao determinante cor, evolui na resposta seguinte para a total ausência de controlo formal.

Cartão II

3. *Sangue esbatido*

D C Sg

A resposta parece directamente associada com a anterior. O vermelho aparece aqui sem nenhuma integração de forma numa resposta crua de sangue esbatido, reflexo de um pulsional agressivo e/ou sexual difícil de conter, que emerge com uma intensidade violenta num contexto de angústia de destruição ou, talvez mais especificamente, de castração. O efeito invasivo da cor sobre o Diogo, manifesto na crueza das resposta e na ausência de outros determinantes, sugere dificuldade na contenção dos aspectos pulsionais.

Cartão II

4. *Também parece uma borboleta, ou um insecto qualquer.*

(Esta mancha vermelha – Verm Inf – com estas coisinhas tipo antenas).

D F+ A

Apesar do forte impacto inicial, consegue reorganizar-se para o final do cartão, com uma resposta vista em D, em que a cor, apesar de presente não é referida. A borboleta, animal inteiro com uma forma adequada e próximo da realidade objectiva do estímulo sugere elasticidade na recuperação do registo adaptativo.

Comentário síntese ao Cartão II: cremos que extrema reactividade de Diogo ao cartão possa ter sido determinada não só pelos aspectos sensoriais com o contraste vermelho, negro, branco a remeter para aspectos pulsionais intensos, como pela configuração bilateral, indutora da projecção de relações. Destacamos por um lado a dificuldade de Diogo na contenção dos movimentos pulsionais, expressa nas resposta cruas, de valência agressiva, pouco ou nada mediadas pelos aspectos formais, mas também a aparente facilidade com que se reorganiza, mudando de registo, para encerrar o cartão com uma resposta adaptativa, bastante mais próxima da realidade e do registo convencional.

CARTÃO III

Cartão III

“Não estou a assemelhar a nada...”

Crítica Subjectiva

5. Parece-me uma aranha, com um laço em cima. Esta coisa vermelha em cima, na aranha.

(Aranha aqui por causa dos olhos, tipo uma tarântula – D Preto).

D bl F- A

Com a crítica subjectiva exprime uma dificuldade em abordar o novo cartão. Organiza uma resposta em que procede a uma integração forçada dos diversos elementos, incluindo o branco para uma resposta bastante desajustada no aspecto formal. A solução da aranha com o

laço em que mistura um animal real com um adereço de vestuário humano, pode exprimir uma tentativa de resposta num registo cómico-lúdico a um problema delicado, algo próximo do cartão anterior (mesmos contrastes cromáticos, mesma estrutura bilateral), ou um sinal menos animador, em que se impõe, sem crítica, por um processo de condensação perceptiva e associativa.

Cartão III

6. *O Vermelho só me parece um laço. (D Verm Central).*

D F+ Obj Ban

A resposta banal de laço, ganha contornos pouco convencionais associada à aranha.

Cartão III

7. *Isto aqui vermelho também só me parecem uns casulos pendurados. (D Verm Sup).*

D F- Ad

Na resposta de casulos volta novamente a uma forma inadequada, para um conteúdo com ressonância fortemente regressiva, relativo a um estado de grande vulnerabilidade durante o desenvolvimento precoce, em que protecção é assegurada por um invólucro externo.

Comentário síntese ao Cartão III: Depois do cartão II, em que o efeito invasivo da cor, reactivou dinâmicas internas difíceis de conter, Diogo procura outra forma de organização para um cartão que mantém aspectos próximos em termos de estímulo. Comenta a sua dificuldade logo ao início e a abordagem salda-se por um insucesso em termos formais, que poderíamos supor, controlado num registo cómico-lúdico intencional. No entanto, a resposta final ao cartão inibe esta perspectiva de interpretação mais optimista. As dificuldades de Diogo são reais.

Salientamos que num cartão onde se impõe o reconhecimento de figuras humanas, com um apelo latente à projecção da relação, não surge qualquer resposta de conteúdo humano, nem qualquer projecção de relação.

CARTÃO IV

Cartão IV

8. *Um urso.*

(Visto a partir de baixo, em cima vê-se mais pequeno. A cabeça, os braços e as patas).

D F+ A

Num cartão que remete para valências de potência e força, classicamente associadas ao masculino e ao paterno, a figura de um urso, animal forte que se impõe pelo seu tamanho parece ir de encontro à solicitação latente. Além disso, configura uma representação de animal inteiro e de boa qualidade. O comentário durante o inquérito a indicar que o urso é isto a partir de baixo sugere o seu lugar de inferioridade narcísica confrontado com a angústia de castração.

Cartão IV

9. *Também me parece ser uma daquelas coisas que os camiões têm em baixo para levantar – acho que são pilares pneumáticos.*

(Esta coisa aqui no meio – D Inf Central – parece estar a elevar o urso, e estes pilares servem para elevar grandes pesos. Também pela forma recta, com os apoios de lado).

D Kob Obj

Ainda com referência directa à temática anterior, a conotação fálica é facilmente reconhecível no detalhe da mancha em que organiza a resposta. Esta, ganha a particularidade

de pela primeira vez no protocolo integrar uma referência de movimento. O determinante Kob, atribuído à ideia de um forte de movimento com origem no interior do objecto, aparece classicamente associado à projecção de pressões pulsionais intensas. A sequência em que surge esta resposta de potência exuberante, precedida do urso visto a partir debaixo, sugere um movimento de compensação face ao sentimento de inferioridade narcísica inferido anteriormente.

Comentário síntese ao Cartão IV: Reconhece a projecção de uma imagem de unidade corporal mobilizada pelos aspectos estruturais da mancha, fechada e inteira.

Num cartão classicamente referido como evocativo da representação de uma imagem de força e potência e autoridade, associadas ao paterno e ao masculino demonstra uma intensa reactividade ao conteúdo latente.

CARTÃO V

Cartão V

10. *Parecem-me dois coelhos mortos.*

(Quando se costuma agarrar nos coelhos mortos ficam com as patas estendidas, assim – Dd Lat – e aqui as cabeças).

G F- A

Num cartão associado à identidade e representação de si, em que o efeito compacto da mancha e a organização em torno de um eixo central reenviam à projecção de uma imagem de corpo integrada, Diogo utiliza o eixo médio para dividir a mancha numa resposta apreendida globalmente, em que figura uma representação de dois elementos idênticos. A resposta não respeita os aspectos formais da mancha e é marcada por um forte carácter mórbido.

Cartão V

11. *Ou também um borboleta.*

(Com os tentáculos. Só a zona do meio – D Central – onde está o traço a dividir o corpo, como se ainda não tivessem nascido as asas).

Do F+ A

Num movimento semelhante ao ocorrido no cartão II, depois duma resposta desorganizada pela interferência de aspectos emocionais, organiza-se para uma resposta adaptada em termos formais e de conteúdo, mais próxima da realidade objectiva do estímulo. O eixo central da mancha, que na resposta anterior servia de separação entre dois corpos é interpretado aqui à custa duma apreensão de tipo Do, numa borboleta a quem ainda não nasceram as asas, numa projecção de imagem de corpo, vivida como incompleta. Notamos que durante o inquérito, a referência ao eixo que suporta a borboleta, é referido como “traço a dividir o corpo”, sugerindo uma certa confusão entre o que une e o que separa. A resposta de borboleta ainda incompleta, remete-nos para os casulos do cartão III, como se o Diogo fosse ao longo do protocolo organizando uma espécie de registo ontogenético, na versão insecto.

Comentário síntese ao Cartão V: No cartão que remete para a representação da imagem de si, a nível corporal num primeiro momento, mas também no sentido psíquico, enquanto self (Chabert, 2003/1997), um cartão unitário, próximo da realidade objectiva a inadequação em termos formais, o registo mórbido da primeira resposta e o carácter fisicamente incompleto da segunda figura, a remeter para um estado de desenvolvimento em curso, dão conta do compromisso manifesto na representação de si. Há na sequência do cartão, um movimento em curso de qualquer coisa de incompleto, entre o que já é morto e o

que ainda não acabou de se desenvolver, que com esforço poderíamos remeter para o processo adolescente, na transição entre a infância e o estado adulto.

CARTÃO VI

Cartão VI

12. Parece-me uma auto-estrada...

D F+ Obj

Diogo recorre a uma apreensão em D, pouco usual num cartão unitário, onde a mancha inteira se impõe perceptivamente. Repete o mesmo processo (duas apreensões em D para cartão unitário) que utiliza no Cartão IV, cartão igualmente evocativo de aspectos ligados ao masculino.

Interpreta o eixo central da mancha, como auto-estrada, que permite atravessar as chamas da floresta e chegar a algum destino.

Cartão VI

13. Com floresta queimada dos lados.

D C' Nat

(Parece-me a imagem dum trabalho que fiz sobre a Amazónia. A auto-estrada no meio, com as zonas à volta queimadas, pretas. Uma linha recta, um bocado larga, com diferentes tons de preto à volta).

Num cartão de mancha compacta, onde se esperaria uma apreensão em G, usa o eixo para dividir a mancha dando origem a duas repostas. Na floresta queimada, de contornos indefinidos, emerge uma forte sensibilidade, não mediada pela integração da forma, ao carácter disfórico dado pelo C', aqui associado à destruição.

Cartão VI

14. *Esta parte aqui também me parece um insecto, por causa das mandíbulas.*

(Sim, aqui – D Sup – por causa das mandíbulas e por causa das asas).

D F- A

À semelhança do que aconteceu no cartão II e no cartão V, termina uma sequência onde se nota um forte impacto emocional, que deteriora os aspectos formais na percepção da mancha, ou que simplesmente não os têm em conta, em respostas de conteúdo emocionalmente carregado (crime, sangue, morte, destruição pelo fogo), com uma apreensão em D de conteúdo insecto. Apesar do esforço de recuperação, a tentativa não é completamente conseguida, já que resulta numa resposta de qualidade formal inadequada. A referência às mandíbulas no insecto remete para polaridade oral destrutiva.

Comentário síntese ao Cartão VI: Num cartão unitário e compacto, com carácter sexual marcado, em que predomina a dimensão fálica, a angústia despoletada pela simbólica latente emerge com violência, dando origem a um cenário de destruição. Ao contrário do que aconteceu com outros cartões, desta vez Diogo não consegue reorganizar-se para o fecho do cartão. A carga da resposta anterior interfere e compromete a capacidade de adaptação ao real dando origem a um percepto inadequado do ponto de vista da qualidade formal.

CARTÃO VII**Cartão VII**

15. *Parece-me os bordos de uma lagoa ou assim...*

D C' F Nat

No cartão classicamente referido como cartão materno, parece muito sensível à simbólica latente. Opta por uma abordagem parcial, onde o aspecto sensorial se sobrepõe mais uma vez ao aspecto formal, resultando numa indefinição dos bordos da lagoa, que remete para a dificuldade na identificação de limites estáveis que façam a distinção eu/outro.

A sensibilidade à cor acromática dá conta uma ansiedade difusa, de um certo tom depressivo latente, já que não é reconhecido por associação a conteúdos explicitamente disfóricos.

Cartão VII

16. *Aqui com a parte da barragem.*

(A parte aqui dos bordos, num tom mais claro, parece estar em contacto com a água, e aqui parece a saída da água).

G EF Obj

Continua com a mesma temática de água, bordos e fronteiras e a sobrepôr na organização da resposta, os aspectos sensoriais da mancha aos aspectos formais. A resposta barragem tem um valor de continente materno e feminino, tal como é evocado pela mancha, com a sua configuração aberta e o seu espaço branco no interior. O esbatimento de difusão dá conta, novamente, de fragilidade na identidade, com dificuldade no estabelecimento de limites estáveis e consistentes.

Cartão VII

17. *Ou então uma ilha qualquer.*

(Se for a pensar no rectângulo todo, se a parte de fora também for água, também me

parece uma ilha).

Gbl F± Nat

O branco é aqui integrado, com inversão da figura-fundo, numa abordagem G vago, em que a ilha, é uma unidade que emerge da massa de água, um território distinto, ainda que de contornos incertos.

Comentário síntese ao Cartão VII: Grande sensibilidade à solicitação regressiva do cartão materno/feminino da prova, manifesta na temática recorrente de água, nas respostas a remeter para a representação da relação continente-conteúdo e na indefinição de fronteiras associada à dificuldade no estabelecimento de limites eu/outro, que neste contexto podem ser entendidas como remetendo para a relação simbiótica com a mãe pré-genital e as dificuldades no processo de separação, a pôr em causa o assento da identidade.

CARTÃO VIII

Cartão VIII

18. *Parecem dois cães a tentar subir uma coisa qualquer.*

(Parece cães, pela forma, quatro patas, a tentar subir um monte – D Central).

D F+ A Ban

Organiza-se para o início do novo cartão e reage à novidade da introdução da cor pastel com uma abordagem convencional, cotada como banalidade pela frequência com que é vista na localização, à semelhança do que aconteceu na resposta 1, em que se confrontou com o início da situação Rorschach. Identifica dois cães, figuras animais inteiras de boa qualidade formal num detalhe da mancha

Cartão VIII

19. Deve ser a grande altitude, com água congelada, pela cor é o que aparenta.

D C' F Gelo

Volta ao tema de água, desta vez sob a forma de gelo, a partir do determinante cor acromática.

Cartão VIII

20. Talvez uma aranha aqui.

(D Sup – estas partes mais saídas parecem as pernas de uma aranha).

D F-A

Aranhas ou insectos a fechar cartões, geralmente a seguir a uma resposta mais desorganizada em que o impacto sensorial domina o processo de resposta, são uma sequência recorrente (II, III, V, VI), que aqui aparece repetida. A tentativa de terminar o cartão, num tom idêntico ao do início não é bem sucedida, já que a aranha naquela localização apresenta uma qualidade formal pobre.

Comentário síntese ao Cartão VIII: No primeiro cartão pastel, um cartão bilateral, que compensa o surgimento da cor com limites cromáticos bem definidos entre as manchas, Diogo começa o processo de resposta de uma forma bastante adequada, mas desorganiza-se ao longo do percurso e dos animais inteiros iniciais, apreendidos correctamente em Ds, acaba num animal de qualidade formal inadequada, depois de ter regressado à temática água do cartão anterior onde novamente o impacto da cor acromática, pouco mediado pelos aspectos formais, se revela determinante na organização da resposta.

CARTÃO IX

Cartão IX

21. Aqui parecem três territórios opostos. Não é bem, é tipo três estados que não se dão assim muito bem uns com os outros e que andaram sempre em guerra. Como nos filmes da antiguidade, em que mostram mapas com três cores diferentes que são três reinos.

(As cores marcam três zonas).

G C Abstr

Recorre a uma abordagem global em que utiliza a intelectualização, como estratégia para ganhar distância (“reinos distantes”, e “tempos antigos”) e limitar o impacto emocional intenso despoletado pela cor, que na reposta não aparece mediada pela integração de aspectos formais. O conteúdo da resposta reenvia para uma relação de natureza agressiva e conflitual, em que as três cores representariam três reinos em guerra. O comentário ao cartão na prova das escolhas “tudo acoplado uns aos outros” e ainda a referência clássica em que este cartão remete para a relação com a mãe pré-genital, permite supor o conflito exposto, ao nível da separação-individuação, reforçado pela indefinição dos limites devido à interpenetração das cores, a lembrar as respostas ao cartão VII.

CARTÃO X

Cartão X

22. Isto aqui parece-me um cenário de um circo. Tem cores vivas e parece representar movimento. Uma mistura de pessoas e bichos a dançar, ou assim.

G KobC

(Não sei bem, talvez por exemplo aqui bichos – D Preto Sup – são pequenos e redondos e têm antenas. Não sei, talvez aqui as pessoas – D Amarelo, D Verde – aqui no verde talvez a forma de uma cabeça com uma máscara).

Repete o mecanismo que o faz dar uma resposta de abstracção no cartão anterior. Pressionado pelos elementos cor e pela dispersão estrutural, organiza uma resposta de cena em que engloba todos os elementos, animados por movimento, procurando um sentido integrador. Notamos que pela primeira vez faz referência a pessoas numa das suas respostas, no entanto aparecem pouco discriminadas, sem grande distinção dos bichos do circo.

Comentário síntese ao Cartão X: Para o último cartão, aberto de manchas coloridas e dispersas recorre a uma abordagem global para organizar uma resposta de conteúdo circo, dando conta do desejo de integração num todo coerente das partes dispersas.

7.4.2. ANÁLISE DOS DADOS DO PSICOGRAMA DIOGO

O número de respostas ao protocolo (R=22) situa-se dentro da norma. Na análise dos modos de apreensão encontramos uma proporção adequada entre as apreensões globais (G% = 27%) e as apreensões de detalhe (D% = 59%), porém, destacamos entre as abordagens globais uma forte prevalência de G impressionistas, indicando, desde já (e como se verificou ao longo da análise do protocolo) uma marcada sensibilidade aos aspectos sensoriais do estímulo.

A integração de detalhes intra-maculares ocorre apenas em duas respostas:

III 5 – [D_{bl}F- A] (aranha com laço em cima) – o detalhe branco é integrado numa resposta de má qualidade formal.

VII 17 – [Gbl F± Nat] (ilha) – apreensão global organizada sobre uma inversão figura-fundo.

Ambas as respostas revelam um compromisso da qualidade formal, claramente inadequada na resposta 5 e insuficientemente determinada na ilha da resposta 17.

Merece também referência, apesar da baixa frequência com que ocorre, a cotação Do na resposta:

V 11 – [Do F+ A] (borboleta sem asas)

Esta resposta surge na sequência da referência aos coelhos mortos, no cartão que remete para a representação da imagem de si.

A partir da análise dos determinantes formais encontramos um valor de F% conforme à norma, porém, registamos que o valor de F+% (58%) se situa bastante abaixo do esperado, o que se explica pela presença significativa de respostas inadequadas do ponto de vista formal.

III 5 – [D_{bl}F-A] (aranha com laço em cima)

III 7 – [DF-Ad] (casulos)

V 10 – [GF-A] (coelhos mortos)

VI 14 – [DF-A] (insecto)

VIII 20 – [DF-A] (aranha)

Notamos que todas as respostas correspondem a conteúdos animais, maioritariamente na categoria dos insectos (incluímos também as aranhas), animais pouco evoluídos e com uma conotação que diríamos (correndo o risco de ceder ao movimento projectivo) desagradável ao contacto e repugnante. Os únicos mamíferos, animal mais próximo da representação humana, referidos (coelhos) estão mortos e surgem no cartão que remete directamente para a projecção da imagem de si. Com as aranhas e casulos do cartão III contorna a projecção de figuras humanas, muito próximas da configuração concreta da mancha e a solicitação latente à projecção da relação. Com os restantes insectos e afins termina o processo de resposta aos cartões VI e VIII.

No que respeita à análise de conteúdos destacamos a ausência de conteúdos humanos, sugestiva de dificuldades na representação de si e das relações. A maioria das respostas de conteúdo animal diz respeito a insectos, aranhas e afins, categorias pouco evoluídas e bastante distantes da representação humana. Registamos igualmente a frequência de conteúdos Natureza, Sangue, Gelo, Cena e Abstracção associados a respostas onde se nota uma forte submissão ao impacto dos aspectos sensoriais da mancha. Os conteúdos Abstracção neste contexto correspondem a tentativas de ganhar alguma distância em relação à invasividade do registo emocional induzido pelo material. As 3 respostas Ban (I, III, VIII) sinal de conformidade social e inserção no colectivo e no social, reiteram o sentido de não compromisso no teste da realidade, apesar das respostas de qualidade formal inadequada, já manifesto por um valor de F% conforme às normas.

A análise do TRI, revela um perfil extratensivo puro, marcado pela ausência de cinestésias humanas, a acompanhar a ausência de projecção de figuras humanas que referimos acima, (OK: 7 Σ C). A expressão do TRI indica uma forte submissão aos aspectos sensoriais

do exterior, com frequentes efeitos desorganizadores sobre a qualidade formal das respostas, em detrimento do investimento sobre o mundo interno.

A ausência de K acompanhada da ausência de respostas humanas assinala falhas no registo das identificações primárias.

Para o pólo sensorial contribuem duas respostas em cartões vermelhos e duas em cartões pastel:

II 2 – [G CF Abstr] (cena de crime) / Choque Cor

II 3 – [D C Sg] (sangue esbatido)

IX 21 – [G C Abstr] (territórios opostos)

X 22 – [G kobC Cena] (circo, mistura de bichos e pessoas a dançar)

As respostas ao cartão vermelho parecem ter sido utilizadas mais como meio de descarga do que de compromisso. A reactividade sensorial maciça associada a conteúdos primitivos de ressonância agressiva e destrutiva assinala a falha na capacidade de contenção de um pulsional intenso. Nas respostas aos cartões pastel chama a atenção ausência da integração dos aspectos formais. Os conteúdos representados remetem para vivências bastante distintas, enquanto a resposta ao cartão IX remete para uma situação de conflito, o circo no cartão X não dá conta de uma situação especificamente relacional, sobressaindo antes um impacto fortemente excitante que conforme é expresso na prova das escolhas (é referido como o cartão de que gosta menos) “...representa cor e movimento a mais. Ofusca um bocado. É muito confuso”.

A análise da fórmula complementar ao TRI aponta num sentido convergente. O pólo cinestésico aparece aqui representado pelas únicas respostas no protocolo que integram movimento:

IV 9 – [D Kob Obj] (pilar pneumático)

X 22 – [G KobC Cena] (circo, mistura de bichos e pessoas a dançar)

Em ambas as repostas o recurso a cinestésias menores remete para pressões pulsionais intensas. Diogo não utiliza determinantes cinestésicos como suporte para a representação de relações, deslocadas sobre conteúdos animais. Aliás, a ausência da representação de relações (humanas ou deslocadas sobre animais) é uma das marcas fortes ao longo do protocolo. A única aproximação surge no cartão IX com a representação abstracta dos três territórios opostos com uma história de conflito entre si.

Na fórmula complementar ao TRI, pólo sensorial encontra-se expresso por quatro repostas, três das respostas integram a cor acromática e uma integra um determinante de esbatimento.

VI 13 – [D C' Nat] (floresta queimada)

VII 15 – [D C'F Nat] (bordos de lagoa)

VII 16 – [G EF Obj] (barragem)

VIII 19 – [D C'F Nat] (água congelada)

A sensibilidade ao esbatimento e à cor acromática assinala uma ansiedade difusa e tem sido associada a impressões disfóricas. A maioria dos conteúdos associados não apresenta claramente uma conotação disfórica particular, pelo que a reactividade remeteria para aspectos latentes, não reconhecidos como tal.

As respostas 13 e 19 comportam uma dimensão de vazio e imobilidade sugestiva de retraimento pulsional.

O C' reenvia às relações precoces e o seu aparecimento no cartão VII, cartão do feminino e do materno, a par de um esbatimento de difusão, ambos associados a conteúdos em que está em causa a definição de limites acentua a dimensão insuficientemente satisfeita deste aspecto ao nível da relação primária.

8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo corresponde a uma tentativa de sistematização em que, após análise detalhada resposta a resposta na sequência dos dez cartões e dados do psicograma, procuramos distinguir, a partir dos protocolos Rorschach, para cada um dos adolescentes estudados, as problemáticas em torno das quais se organiza o Negativo.

Para cada protocolo identificamos as principais problemáticas e apresentamos, para cada uma delas, as respostas organizadas. Assumimos que as respostas representam soluções criadas face ao desafio induzido pela situação Rorschach.

Nas situações em que isso é inequívoco, destacamos em relação às soluções encontradas o seu valor mais estruturante, promotor do crescimento mental, mais próximo da noção de “capacidade negativa”, ou as expressões contrárias.

8.1. DISCUSSÃO DO PROTOCOLO ANA

Representação de si enquanto figura inteira de integridade preservada e sexuada

1. Representação de figuras inteiras de integridade corporal assegurada (II 5, VIII 24, VIII 25, X 34).
2. Referência a aspectos parciais da representação para figurar a totalidade (I 1, I 2, IX 33).
3. Representação de contornos indefinidos, e/ou pouco consistentes (V 18) face à qual organiza um movimento inverso, sugestivo de clivagem com (V 17 e V 19).
4. Recurso ao eixo central da mancha como divisória, ao invés de suporte organizador, em mancha compacta (I 2).
5. Restrição da área perceptiva, não acompanhada por F+, após manifestações de desconforto/dificuldade relativas às respostas anteriores (I 4, II 9, V 17).
6. Restrição da área perceptiva acompanhada de passagem a conteúdo de detalhe, na tentativa nem sempre conseguida de assegurar representações correctas do ponto de vista formal (I 3, II 8, II 10, V 19, V 20).
7. Atribuição de movimento activo (kan) como estratégia de compensação para o sentimento de incompletude associado à representação de figura inteira, sugestivo de mecanismo próximo do acting (V 16).
8. Apreensão de figura inteira de qualidade formal inadequada devido à integração forçada de detalhe intra-macular (II 7, IX 33, X 38).
9. Coexistência simultânea de aspectos masculinos e femininos na mesma figura (I 2).

Branco – Falha – Lacuna – Buraco

1. Integração em imagem global com conteúdo de “olhos” de conotação paranóide (I 1).

2. Apreensão circunscrita (por restrição da área percebida) para novo conteúdo “olhos” de qualidade formal inadequada (I 3).
3. Detalhe intra-macular referido como área a excluir na resposta (não integrado, mas referido) (I 4).
4. Apreensão circunscrita animada por movimento (kan) numa estratégia sugestiva de acting compensatório para preencher o espaço vazio (II 6).
5. Apreensão circunscrita de qualidade formal adequada, para um conteúdo com valor de objecto continente (IX 28).
6. Apreensão de figura inteira de qualidade formal inadequada devido à integração de detalhe intra-macular (II 7, IX 33, X 38).

Representação das relações e outros indicadores importantes sobre o tema

1. Ausente (em todo o cartão II, onde seria esperada tendo em conta as características estruturais e sensoriais do cartão).
2. Representação de relação humana de sentido convergente e carácter erotizado (III 11).
3. Representação de relação humana de registo regressivo e carácter de dependência (III 12).
4. Representação de relação conflitual deslocada sobre animais, alusiva a temáticas do materno e do feminino (VII 23).
5. Representação de relação conflitual encenada entre dois elementos masculinos organizada em torno da disputa de um objecto contentor (IX 29).
6. Ambivalência em torno de relações simultaneamente temidas e desejadas (I 1, VI 21)
Sem que chegue a existir representação da relação, já que apenas o objecto de relação é representado, pareceu-nos importante o registo desta indicação.

Feminino e materno

1. Relação conflitual deslocada sobre animais (VII 23).

Masculino e paterno

1. Restrição da área perceptiva com apreensão de detalhe em cartão unitário que remete para o masculino, como primeira resposta, acompanhada de passagem a conteúdo de detalhe (VI 21).
2. Desvitalização (VI 22).
3. Força e potência reconhecidas, mas neutralizadas pela atribuição de “cansaço” ou “tristeza” em dinâmica paradoxal de actividade/passividade, assegurada através da atribuição de movimento a figuras do maravilhoso (permite o ganho de distância que facilita a introdução do paradoxo) (IV 14, IX 30)

Relação continente-conteúdo

1. Elemento com valor de conteúdo que transborda sem encontrar objecto continente (VIII 27).
2. Representação de objecto continente na sequência de resposta anterior (IX 28).
3. Representação de objecto contentor enquanto objecto de desejo em torno do qual se desenrola uma disputa (IX 29).
4. Representação de objecto com valor de contentor que ganha uma utilização diversa como objecto de suporte (IX 30).

Pulsional sexual

1. Circunscrito e isolado (II 5).
2. Simbolizado (IX 32).

As dificuldades na representação da imagem de si parecem remeter mais para a falha de um sentimento de coesão de si, associado ao sentimento de incompletude narcísica, do que propriamente para a luta contra a fragmentação.

É sob uma dupla perspectiva que propomos a compreensão da extrema sensibilidade aos aspectos lacunares, expressa no tratamento dos detalhes intra-maculares. Por um lado como reveladora de uma relação continente-conteúdo insuficiente na sua qualidade contentora, hipótese reforçada a partir das respostas aos cartões VIII e IX. Por outro lado, assumimos esta sensibilidade, como inscrita na especificidade do investimento do espaço corporal característico do processo adolescente vivido no feminino (Pommereau, 1998).

Destacamos a persistência (transversal ao tratamento de outras problemáticas e visível no número total de respostas tendencialmente elevado) e a diversidade na abordagem ao tratamento dos detalhes intra-maculares, como sinais de capacidade negativa. Inversamente, assinalamos a frequência com que recorre à dupla restrição (restrição da área perceptiva acompanhada de passagem a conteúdos de detalhe) para lidar com áreas de dificuldade como a representação de si e a relação com o masculino, como uma expressão do Negativo de valor potencialmente destruturante. No entanto, esta estratégia não é utilizada com características de exclusividade, existem igualmente apreensões em G combinados exprimindo relações, complexidades e uma diversidade significativa de funcionamentos. Destacamos, neste ponto, o recurso ao movimento activo como estratégia utilizada no sentido de preencher e compensar sentimentos de vazio e incompletude associados à representação de si.

No que toca à representação de relações revela vitalidade e uma diversidade que oscila entre a expressão da relação genitalizada e a relação simbiótica. Mostra ambivalência em torno da representação de figuras simultaneamente desejadas e temidas ao nível relacional, que entendemos como uma expressão do Negativo, aqui a operar de forma a favorecer o

movimento conjuntivo, particularmente no que refere à relação com o objecto exogâmico, com quem o contacto nesta fase é intensamente desejado e simultaneamente temido.

O conflito com o materno, para Ana, exigência da consolidação da identidade feminina adulta, encontra expressão através deslocamento para animais de uma relação de rivalidade feminina.

Relativamente ao problema colocado pelo pulsional sexual, Ana, apresenta novamente diversidade nas abordagens, sugestivas de oscilação na distância ao pulsional. Se por um lado, a partir da desvitalização da raposa (VI), podemos supor uma intensidade vivida como ameaça ao sentimento de integridade, a capacidade de simbolização expressa no deslocamento sobre as “bolas saltitonas”, em que a representação se encontra bastante próxima do conteúdo latente só possível quando a distância ao pulsional é suficiente.

8.2. DISCUSSÃO DO PROTOCOLO BRUNO

Representação de si enquanto da figura inteira de integridade preservada e sexuada

1. Representação de figuras inteiras de integridade corporal assegurada (I 1, III 5, V 9).
2. Representação de unidade coerente de contornos incertos a partir da aglutinação forçada de aspectos parciais da mancha (II 3).
3. Ausência de representação de figuras humanas. Aproximação à representação humana com conteúdos de estátua (III 6, VII 11).

Representação das relações

1. Ausente entre humanos – através da desvitalização das potenciais figuras humanas em resposta de conteúdo estátua (III 6, VII 11).
2. Representação de relação de predação (III).

Masculino e paterno

1. Reconhecimento das dimensões de força e potência, manifestas no Choque Clob e conteúdo fantástico/sobrenatural (IV 7).
2. Representação da possibilidade de acesso ao masculino (IV 8).
3. Recurso à abstracção face ao carácter sexual latente (VI 10).

Temática oral

1. Representação de relação de predação (III 4).
2. Representação de movimento de satisfação autónoma das necessidades alimentares (VIII 12).

Relação continente-conteúdo

1. Representações com valor de contentor materno e feminino, a remeter para a relação primária (VIII 13, X 15).
2. Representação de unidade distinta (conteúdo), de limites indefinidos face ao meio envolvente (contentor), (X16).
3. Representação de ameaça de submersão/indiferenciação (IX 14, III 4).

A análise do protocolo Rorschach do Bruno deixa uma impressão geral de inibição, assente na baixa produtividade ($R=16$), predominância de respostas G simples, sugestivas de pouco investimento na abordagem do material, TRI coartativo, ausência de representações humanas e limitada expressão de relações. Num protocolo em que predomina a impressão geral de controlo e inibição, destacamos a sobreposição ocasional dos determinantes sensoriais relativamente ao determinante formal, sinal flexibilidade que contraria a hipótese de um funcionamento rigidificado.

A ausência de conteúdos humanos sugere dificuldades na representação da figura humana. O Bruno recorre repetidamente à desvitalização de potenciais figuras humanas, através da representação de estátuas. A possibilidade de projecção sobre representações vivas implica uma capacidade de aceitar o movimento das pulsões, que não parece completamente disponível no Bruno, como se nota igualmente, por exemplo, a partir do evitamento da integração do vermelho, no cartão II. Ao recorrer à representação de estátuas para inviabilizar a projecção sobre figuras humanas impossibilita também a projecção de relações, que exige igualmente capacidade de manejo dos aspectos pulsionais e contorna a necessidade de identificação sexual das figuras.

Relativamente à temática oral, as duas referências alimentares acompanham os dois únicos determinantes cinestésicos do protocolo. Em ambas as respostas, o alimento serve como motor da acção, numa dinâmica que da primeira para a segunda resposta, (e na sequência das respostas seguintes em que passa para um registo regressivo induzido pela introdução do pastel), sugere uma leitura de oscilação entre a dependência com o sentimento de estar à mercê do objecto e a autonomia na satisfação das próprias necessidades.

Relativamente aos aspectos do masculino, destacamos por um lado, o recurso a uma abstracção intelectualizada para lidar com o conteúdo latente no cartão VI, que aponta novamente no sentido de dificuldade na gestão da distância ao pulsional. Por outro lado, e num sentido mais construtivo, destacamos o reconhecimento da possibilidade de fazer um percurso de acesso em direcção à identificação com o masculino adulto.

O movimento regressivo induzido pelos cartões pastel, remete para dificuldades precoces ao nível de uma relação continente-conteúdo não promotora de crescimento mental, em que o contentor submerge (IX 14) e aprisiona (III 4) o objecto, ameaçando a sua diferenciação e crescimento.

8.3. DISCUSSÃO DO PROTOCOLO CATARINA

Representação de si enquanto da figura inteira de integridade preservada e sexuada

1. Representação de figuras inteiras de integridade corporal assegurada (I 1, V 7, V 8, VIII 14, X 18, X 19).
2. Representação de figura humana inteira (I 2, III 5, V 9, VII 12).
3. Atribuição do género feminino apoiada em atributos externos (I 2, VII 12).
4. Coexistência de aspectos femininos e masculinos na mesma figura (X 19).

Representação das relações

1. Ausente

Relação continente-conteúdo

1. Representação com valor de contentor, permeada por falha, contra qual organiza um fechamento forçado de aspectos parciais da mancha (II 3).
2. Sequência de representações a remeter para a relação continente-conteúdo (V 9, V 10).
3. Representação de objecto com valor de contentor, que não tem em conta a adequação formal, associada directamente a partir do cartão referente ao feminino/materno (VII 13).

Paterno/masculino

1. Paterno desqualificado nas dimensões de força e potência e evitado perceptivamente com apreensão de detalhe em mancha unitária. (IV 6)
2. Evitamento e exclusão perceptiva de referência fálica com apreensão de detalhe em mancha unitária (VI 11).

A impressão geral que se destaca na análise do protocolo é o recurso, transversal às diversas problemáticas, a mecanismos de evitamento. Evitamento perceptivo, que permite contornar o conteúdo latente, nomeadamente no que diz respeito aos aspectos do paterno e do masculino, com modos de apreensão de detalhe em cartões unitários que solicitam apreensões globais, evitamento da integração da cor (com um impacto excitante demasiado desorganizador) nos cartões pastel. É o Negativo a operar literalmente como “o que não está lá”. Num registo mais favorável ao crescimento mental destacamos a integração e simbolização dos aspectos pulsionais introduzidos pelo vermelho.

Assinalamos a instabilidade na consolidação da identificação sexual manifesta na alternância entre a atribuição do género feminino e masculino às figuras humanas, coexistência de aspectos femininos e masculinos na mesma figura, e atribuição do género feminino excessivamente apoiada sobre atributos externos.

A preocupação relacionada com uma relação do tipo continente-conteúdo, é amplamente expressa ao longo do protocolo e a Catarina assume de forma clara o aspecto dinâmico e bipolar da relação. As dúvidas relativas a uma suficiente capacidade de contenção, que sabemos promotora de crescimento, prendem-se simultaneamente com o aspecto lacunar de objectos contentores permeados por falhas (II 3) bem como com a dinâmica interna do conteúdo que determina o aumento do seu impacto sobre o objecto contentor (V 9 e 10).

8.4. DISCUSSÃO DO PROTOCOLO DIOGO

Representação de si enquanto figura inteira de integridade preservada

1. Ausência de representações humanas
2. Representação de figura inteira, de boa forma e integridade preservada (I 1, II 4, IV 8, VIII 18).
3. Representação de insectos de qualidade formal deficiente no final dos cartões e na sequência de respostas desorganizadas (VI 14, VIII 20).
4. Representação de figuras degradadas, atingidas na integridade corporal ou mortas (V 10).
5. Representação de figura incompleta, em desenvolvimento (V 11), ou em estado de desenvolvimento precoce, situação de vulnerabilidade em que a protecção é assegurada por invólucro exterior (III 7).

Representação de si enquanto figura separada

1. Representações marcadas pela dificuldade no estabelecimento de limites (VII 15, VII 16, IX 21).

Masculino e Paterno

1. Representação onde as dimensões de força e potência são reconhecidas a partir de uma perspectiva de inferioridade (IV 8).
2. Representação em que simboliza a dimensão fálica latente (IV 9).
3. Representação de dimensão disfórica expressa por C' e conteúdo de destruição (VI 13) associadas ao masculino, em contraste com representação de via rápida que a atravessa (VI 12), sugestivas de mecanismo próximo do acting.

Para Diogo a representação de si encontra-se ameaçada na dupla vertente: ser inteiro e ser separado, o que implica ter a definição dos limites eu-outro assegurada. A estes aspectos são secundárias as dificuldades na representação da identidade sexuada e na projecção das relações.

O conjunto das respostas, que agrupámos em primeiro lugar, remete para uma situação de sérias dificuldades na representação de si, com o sentimento de unidade e integridade bastante fragilizado.

Por outro lado, encontramos um compromisso na capacidade do sujeito se reconhecer como uma unidade claramente separada do outro, com os limites entre o interior e o exterior bem definidos, embora sem excesso nem rigidez. As repostas (VII 15, VII 16, IX 21) apontam para dificuldades de separação-indivuação muito antigas, a ser reactualizadas no processo adolescente. Tendo em conta que ambos os cartões remetem para o materno e o feminino, as respostas sugerem dificuldades com uma relação simbiótica, de que luta para se destacar. Apesar de sabermos que na utilização do instrumento o apelo à imaginação só deve estar presente uma vez (aquando da aplicação) e relativamente ao sujeito (não ao clínico), não podemos deixar de pensar uma relação primária de tipo fusional e hiper-excitante (verificamos ao longo do protocolo a hipersensibilidade à estimulação externa, difícil de conter e organizar) da qual só é possível separar-se por meio de “lutas” que remontam a “tempos antigos” (a única aproximação à projecção de relações em todo o protocolo acontece no cartão IX e remete para uma dinâmica de conflito), ou “barragens” (meios físicos) e de que só um “casulo” (invólucro externo) pode proteger.

Este adolescente apresenta um protocolo simultaneamente adaptativo, em que os dados reenviam a uma correcta ancoragem na realidade (F% dentro da norma, 3 respostas Ban), mas com forte componente projectiva, em que respostas simbolizadas, alternam com

expressões muito cruas e concretas, revelando a heterogeneidade nos registos de funcionamento e o contraste entre a possibilidade de um registo mais adaptativo e a fragilidade das barreiras psíquicas. Com efeito, o Diogo apresenta uma forte permeabilidade à estimulação exterior. O impacto sensorial, tanto cromático como acromático, não é mediado por um sistema de para-excitação psíquico capaz de contê-lo e transformá-lo e o seu efeito intrusivo, excitante e desorganizador revela-se nas representações muito cruas, bem como na presença de respostas formais inadequadas (F-). As reacções à cor, utilizadas mais com um valor de descarga do que de compromisso, mostram um adolescente sem defesa face à intensidade das representações que emergem e se impõem. Os movimentos de desorganização mais pronunciados surgem no cartão II, revelando o efeito da ruptura ocasionada pelo ressurgimento do pulsional.

Na identificação ao masculino adulto destaca-se o sentimento de inferioridade narcísica, a que a sobrevalorização da representação fálica simbolizada, permite fazer face. Num registo menos estruturante, destacamos o mecanismo de acting sugerido pelas respostas (VI 12 e 13) onde parece propor uma travessia acelerada como resposta à ansiedade e dificuldades inerentes à construção da identidade masculina adulta.

Diogo é claramente, entre os quatro adolescentes, aquele cuja evolução mais nos preocupa. Acerca da sua situação recordamos as palavras de Bénony & Marnier (2004, p. 38) “a excitação violenta não contida, favorece os comportamentos auto-destrutivos efectuados em acessos de descarga pulsional, com que procura modular os afectos negativos intensos e travar a dor inerente ao trabalho impossível de separação-individuação”.

9. CONCLUSÕES

A primeira conclusão a que chegámos é que avançar para um trabalho exploratório, sem categorias definidas à partida é uma intenção utópica. Não definimos previamente e de forma deliberada, eixos, em torno dos quais se organizaria o trabalho do Negativo, que antecipámos ver expresso a partir dos protocolos Rorschach, além dos muitíssimo genéricos que se referem à relação consigo e relação com o outro. No decurso do trabalho de análise dos protocolos procurámos fazer uma sistematização das temáticas que se constituíram como áreas de dificuldade e das respostas que estes adolescentes foram capazes de criar. Seguimos muito artesanalmente pelo processo “estas respostas têm a ver uma com a outra, há qualquer coisa aqui...” para procurar a redução ao mínimo denominador comum e emergiram naturalmente conceitos organizadores, a revelar a impossibilidade de um olhar ingénuo.

A representação de si apresenta-se como uma área chave de organização do Negativo no processo de reestruturação de identidade adolescente. A organização face a um material em que os cartões unitários solicitam a projecção do corpo, ao estruturar-se como uma mancha simétrica em torno de um eixo mediano e os cartões bilaterais põem à prova o sentimento de integridade, constitui-se como um núcleo central de desafios, numa fase marcada por transformações a nível corporal.

Os quatro adolescentes estudados organizam de forma semelhante respostas que representam de figuras não-humanas inteiras, bem delimitadas, mas apenas as raparigas organizam respostas que correspondem a figuras humanas inteira de boa qualidade formal. Destacam-se, pelo carácter particular que assumem, as formas específicas a cada adolescente para lidar com as dificuldades na representação de si. Ana recorre preferencialmente à restrição da área interpretada, que faz acompanhar por uma restrição da resposta a conteúdos de detalhe. Bruno, no seu registo inibido, recorre à desvitalização, transformando as

potenciais figuras humanas estátuas. Diogo é inequivocamente o adolescente que manifesta dificuldades mais acentuadas. A partir da análise do seu protocolo estabelecemos uma categoria que relacionamos com a representação de si como figura separada. Enquanto para os restantes adolescentes a questão parece situar-se ao nível do ser inteiro, em Diogo existe uma dificuldade paralela ao nível da diferenciação sujeito/objecto, expressa em respostas que remetem para a indefinição de limites. Quanto ao sentimento de integridade, o reconhecimento de figuras não-humanas inteiras de integridade corporal assegurada alterna com a representação de figuras incompletas em fase precoce do desenvolvimento ou atingidas e degradadas na sua integridade.

A representação das relações é outra das áreas de dificuldade particular, que entendemos como secundária a uma dificuldade anterior relacionada com o sentimento de existir enquanto sujeito inteiro e separado. Este parece-nos o único aspecto comum aos 4 sujeitos estudados. Entre os diferentes registos, verificamos que Bruno assegura o aprisionamento do pulsional através da desvitalização das potenciais figuras humanas em estátuas e contorna assim a representação de relações. Ana é a única a representar relações humanas, num espectro que varia entre a tonalidade erotizada e o carácter dependente, passando pelo registo conflitual. A representação de relações está totalmente ausente em Catarina e Diogo. Neste último, assistimos a uma aproximação com a representação de 3 reinos em guerra, a remeter para um conflito de separação, em consonância com as observações registadas acerca da representação de si.

No que respeita à utilização do detalhe intra-macular, todos os sujeitos, excepto Ana procedem exclusivamente à sua integração em respostas que remetem para a relação continente-conteúdo. Face às respostas organizadas por Ana, criámos uma categoria a que chamámos Branco/Falha/Buraco/Vazio. A quantidade de respostas e diversidade de abordagens a que recorre para lidar com este aspecto do estímulo correspondem a diferentes

expressões do Negativo, que aqui parece inequivocamente operar na sua valência mais estruturante. Entre os restantes sujeitos o detalhe intra-macular é integrado em respostas que englobam outros aspectos da mancha e remetem para a relação continente-conteúdo.

A relação continente-conteúdo constitui-se como temática recorrente, ao longo dos 4 protocolos. A primeira e mais óbvia hipótese de explicação para esta prevalência, está relacionada com as características do material, que se presta a este tipo de representações. Por outro lado, sabemos a partir de Bion que a inter-relação continente-conteúdo, em que um continente à procura de realização busca um conteúdo, está na base do processo de evolução dos pensamentos (Bion, 1984/1963, Symington & Symington, 1999/1997). A representação deste tipo de relação, que consoante o vínculo entre as partes pode conduzir, ou não, crescimento mental, é particularmente pertinente no contexto de transformação que a adolescência configura.

Assim, as respostas dos adolescentes espelham representações da relação continente-conteúdo, que põem em causa o processo de crescimento, por vias distintas em cada um dos sexos. Entre os rapazes os objectos contentores ameaçam submergir e/ou engolir os objectos a ser contidos, fazendo-os recuar a um estado de indiferenciação. Recordamos aqui, como para certos autores, já referidos, o processo adolescente pressupõe uma reactualização do processo de separação-individuação.

Entre as raparigas, sobretudo em Catarina, encontramos objectos contentores permeados por falhas, danificados nas suas capacidades de contenção, que deixam dúvidas, portanto, quanto à capacidade de assegurar o crescimento. Encontramos igualmente variações, em que na dupla dinâmica contentor-conteúdo, é o conteúdo, pela intensidade do impacto que gera, que ameaça o transbordo.

Relativamente ao paterno e ao masculino, o carácter sexual evidenciado a partir dos cartões IV e VI, mas sobretudo deste último, é um tema comum a todos os protocolos, que no entanto está longe de gerar respostas idênticas. As raparigas recorreram a mecanismos semelhantes entre si optando por evitar os detalhes de características fálicas mais evidentes, através de restrições perceptivas, com apreensões de detalhe em cartões unitários. Bruno recorre à abstracção contornar a solicitação latente e apenas Diogo se mostra capaz de simbolizar a dimensão fálica.

Relativamente ao paterno, as dimensões de força e potência, solicitação latente no cartão IV desencadeiam estratégias de resposta diferentes em cada adolescente. Ana recorre ao paradoxo ao acompanhar o reconhecimento destes atributos de características de passividade que os neutralizam. Bruno reage com um Choque Clob, em Diogo o reconhecimento é feito a partir de uma perspectiva de inferioridade e Catarina recorre à desqualificação com um registo infantil/lúdico.

Destacamos entre os rapazes um aspecto comum na representação de um caminho, via de acesso ao masculino adulto, que assume, no entanto, expressões bastante diferentes. Para Bruno é um “caminho muito longo, pequenino e estreitinho” no cartão IV a representar uma possibilidade de acesso em que as dificuldades são explicitamente reconhecidas. Para Diogo é uma “auto-estrada” em VI, em que rapidez e facilidade de travessia sugeridas contrastam com a tonalidade disfórica associada à área a atravessar.

Da mesma forma que encontramos entre os rapazes as respostas mais directamente ligadas à expressão da evolução no sentido do masculino adulto, os aspectos mais claramente ligados à representação do feminino adulto surgem exclusivamente entre as raparigas. Em Ana surge a referência à inveja na relação com o feminino na representação de uma relação conflitual deslocada sobre animais. Em Catarina as referências femininas oscilam entre o registo de um reconhecimento baseado em atributos externos, sinal de uma interiorização

frágil e a alternância com respostas associada a um valor de objecto continente e simultaneamente provedor de necessidades básicas de subsistência.

O nosso objectivo de sistematizar a partir das respostas aos protocolos Rorschach, manifestações do Negativo na Adolescência, distinguindo indicadores de valor estruturante e destruturante não foi integralmente conseguido. Conseguimos encontrar entre os sujeitos que estudámos algum consenso relativamente às áreas de dificuldade em torno das quais se organiza o Negativo. Quanto ao seu carácter das manifestações encontradas, não fomos capazes de distinguir de forma sistematizada expressões de valor estruturante, entendidas como “manifestações de capacidade negativa” e outras de sentido destruturante, expressões de “negatividade”. Parece-nos, no entanto, que quando procuramos identificar o aspecto potencialmente estruturante ou destruturante que assumem as expressões do Negativo encontradas ao longo dos protocolos Rorschach, estamos nós próprios a recorrer a uma categorização dicotómica que remete para um juízo de atribuição. De uma certa forma, estamos a conotar as expressões do Negativo com uma qualidade de Bom ou Mau relativamente à saúde mental. Escorregamos para a armadilha disjuntiva enquanto esquecemos a proposta de Kaes (2003) de “Negativo de Obrigação” como condição necessária à realização de um trabalho de ligação. Sabemos que a adolescência é uma fase marcada por avanços e recuos, ao longo dos eixos em que se desenrola, nesta oscilação, uma medida aparentemente não promotora de expansão e crescimento mental em termos imediatos, pode ter o valor de uma bolsa de oxigénio indispensável para garantir o avanço um pouco mais à frente.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albornoz, A. & Nunes, M. L. (2004). A dor e a constituição psíquica. *Psico-USF*, 9 (2), 211-218.

Amaral Dias, C. (1999). *O negativo ou o retorno a Freud*. Lisboa: Fim de Século.

Amaral Dias, C. (2004). *Costurando as linhas da psicopatologia borderland (estados-limite)*. Lisboa: Climepsi Editores.

António, P. (2006). *Avaliação do programa de formação de jovens ciclistas – Licença especial 50 cc da Prevenção Rodoviária Portuguesa. Sinistralidade e relação com a psicopatologia*. Dissertação de Mestrado em Psicologia – área de especialização em Psicologia Clínica. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.

Anzieu, D. (2003). Prefácio à edição francesa (p.19-21). In Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 1997).

Autor Desconhecido (2006). *A nuvem do não-saber*. Lisboa: Assírio e Alvim (obra original publicada aproximadamente em 1380).

Bénony, H. & Marnier, J.P. (2004). L'apport de la clinique projective dans la compréhension de la tentative de suicide à répétition : le cas de Margaux. *Psychologie Clinique et Projective*, 10, 31-55.

Bion, W. (1989). *Elements of Psycho-Analysis*. London: Karnac Books (obra original publicada em 1963).

Blos, P. (1998). *Adolescência. Uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes (obra original publicada em 1962).

Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 1998).

Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 1998).

Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 1997).

Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência: o triunfo do pensamento e a descoberta do amor*. Lisboa: Climepsi Editores.

Coimbra de Matos, A. (2002a). Saúde mental do adolescente. In *Adolescência: o triunfo do pensamento e a descoberta do amor* (p. 37-38). Lisboa: Climepsi Editores (artigo original publicado em 1976).

Coimbra de Matos, A. (2002b). O adolescente: Príncipe Édipo e Rei Narciso. In *Adolescência: o triunfo do pensamento e a descoberta do amor* (p. 147-156). Lisboa: Climepsi Editores (artigo original publicado em 1982).

Coimbra de Matos, A. (2003). A especificidade da psicopatologia da criança e do adolescente. In *Mais amor – menos doença. A psicossomática revisitada* (p.193 – 204). Lisboa: Climepsi Editores (artigo original publicado em 2002).

Douville, O. (2000). À propos de la thèse d'anthropologie de Michelle Cadoret: "Adolescents des mondes contemporains" . *Adolescence*, 18 (2), 763-771.

Emmanuelli, M. & Azoulay, C. (2001). *Les épreuves projectives à l'adolescence*. Paris: Dunod.

Fleming, M. (1992). O processo de separação/individuação adolescente: contribuições da teoria psicanalítica. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 10/11, 89-101.

French, R. (2000). "Negative capability", "dispersal" and the containment of emotion. Comunicação integrada no Annual Meeting of the International Society for Psychoanalytical Study of Organizations. London. Disponível em: <http://www.ispso.org/symposia/london/2000french.htm> (acedido em 21-02-07).

Freud, S. (1972). A negativa. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (vol XIX, p. 295). Rio de Janeiro: Imago. (artigo original publicado em 1925).

Giovacchini, P. (1984). *Character disorders and adaptative mechanisms*. New York: Jason Aronson, Inc.

Granel, J. (s/data). Accidentar-se. Acontecer humano. Motivaciones psicológicas.

Green, A. (1986). Le travail du négatif. *Revue Française de Psychanalyse*, 1, 489-493.

Green, A. (1993). *Le travail du négatif*. Paris: Les Éditions de Minuit.

Green, A. (2005). The work of the negative. In D. Birksted-Breen (Ed.), *Key ideas for a contemporary psychoanalysis. Misrecognition and recognition of the unconscious* (Cap. 13, p. 212-226). London & New York: Routledge.

Grinberg, L. & Grinberg, R. (1998). *Identidade e mudança*. Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 1976).

Horta, M. (2005). Intervenção com o adolescente em risco. *Análise Psicológica*, 1 (XXIII), 27-31.

Jeammet, P. (1994). Adolescence et processus de changement. In D. Widlöcher (Ed.), *Traité de psychopathologie* (p. 687-726). Paris : Presses Universitaires de France.

Jeammet, P. (2002). *Réponses a 100 questions sur l'adolescence* . Paris: Éditions Solar.

Kaes, R. (2003). A negatividade: problemática geral. *Psicologia Universidade de S. Paulo*, 14 (1), 21-36. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=so103-65642003000100003&mg=pt&nrm=iso (acedido em 21-02-07).

Lao Tse (1996). *Tao te king*. Lisboa: Editorial Estampa. (obra original publicada durante o séc III).

Laufer, M. (2000). Desenvolvimento psicológico na adolescência: “Sinais de perigo”. In, Laufer, M. (coord.), *O adolescente suicida* (capítulo 1, p.19-34). Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 1995).

Marcelli, D., & Braconnier, A. (2005). *Adolescência e psicopatologia*. Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 2004).

Marques, M. E. (2001). *A psicologia clínica e o Rorschach*. (2ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 1999).

Marques, M. E. (2003). Prefácio à edição portuguesa (p.11-17). In Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 1997).

Marques, M. E. (2005). Avaliação psicológica do adolescente e do risco. *Análise Psicológica*, 1 (XXIII), 19-26.

Matos, M. (1996). Adolescer e delinquir. *Análise Psicológica*, 1 (XIV), 23-29.

Matos, M. (2001). No limite da adolescência – ou aquém e além da adolescência. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 22, 111-118.

Matos, M. (2005). *Adolescência, representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi Editores.

Matos, M. (2005a). A puberdade agida. In *Adolescência, representação e psicanálise* (p. 65-74) Lisboa: Climepsi Editores.

Matos, M. (2005b). Para compreender os comportamentos de risco no adolescente. In *Adolescência, representação e psicanálise* (p. 123-129) Lisboa: Climepsi Editores.

Mello Breyner Andresen, S. (1989). Arte poética V. In *Ilhas*. Lisboa: Texto Editora.

Meltzer, D. (1977). *Les structures sexuelles de la vie psychique*. Paris: Payot. (obra original publicada em 1972).

Meltzer, D. (1986). *Studies in extended metapsychology. Clinical applications of Bion's ideas*. Perthshire: Clunie Press.

Morel, A., Hervé, F., & Fontaine, B. (1998). *Cuidados ao toxicod dependente*. Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 1997).

Morhain, Y. (1991). *L'adolescence à l'épreuve du Rorschach*. Marseille: Hommes et Perspectives.

Oliveira, R. (2005). Sobre o trabalho clínico nos grupos de reabilitação de condutores. *Análise Psicológica*, 1 (XXIII), 11-18.

Pommereau, X. (1998). *Quando o adolescente se sente mal...é preciso ouvi-lo, compreendê-lo, amá-lo!*. Lisboa: Terramar (obra original publicada em 1997).

Prevenção Rodoviária Portuguesa, (2004). *Prevenção Rodoviária Portuguesa*. Disponível em: <http://www.prp.pt/prp/index.asp> (acedido em 26-03-06).

Rausch de Traubenberg, N. (1998). *A prática do Rorschach*. São Paulo: Vetor (obra original publicada em 1970).

Sousa, M. L. (2005). *Apatia. O negativo da violência*. Trabalho inscrito no IV Encontro Latino-Americano dos estados gerais da psicanálise. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/maria_laurinda_ribeiro_de_sousa_2.pdf (acedido em 21-02-07).

Symington, J. & Symington, N. (1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 1997).

Tavares, G. M. (2004). *O Senhor Brecht*. Lisboa: Caminho.

11. ANEXOS

O Protocolo Rorschach Ana – F (14 anos / 9º ano)

<p>I</p> <p>1. <i>Acho que isto podia ser um lobo (G).</i> (A cara toda com as orelhas e os olhos -Dbl Inf- e o pêlo de lado).</p> <p>2. <i>Ou então dois papagaios (G).</i> (Com o bico e a barriga).</p> <p>3. <i>Ao mesmo tempo parecem assim olhos de rato (Dbl Sup), já fiz uns olhos assim. Esta é esquisita, nunca tinha visto.</i></p> <p>4. <i>Esta parte aqui, sem contar com isto, metade da copa de uma árvore, também sem contar com as partes brancas.</i> (Aqui com as folhas a cair. É a única coisa de harmonioso). (Não gostei muito desta imagem, acho que é de ser lobo).</p>	<p>Gbl FE A/Ad</p> <p>G F- A</p> <p>Dbl F- Ad</p> <p>G F- Bot</p>
<p>II</p> <p>5. <i>Aqui uma borboleta, aqui ao fundo (Verm Inf).</i> (corpo, asas).</p> <p>6. <i>Aqui um pássaro, nesta parte branca (Dbl).</i> (um pássaro a voar).</p> <p>7. <i>A parte preta toda, um morcego.</i></p> <p>8. <i>E ao mesmo tempo, um coelho aqui em cima (D Preto Sup). Só a cabeça de um coelho esquisito. Um coelho velho, não sei...</i> (por causa dos olhos, tem um ar agressivo).</p> <p>9. <i>Estas partes aqui (Verm Sup), parecem duas galinhas.</i> (as duas patas, a cabeça, o corpo).</p>	<p>D F+ A</p> <p>Dbl Kan A</p> <p>D F- A</p> <p>Do F+ Ad</p> <p>D F- A</p>

<p>10. <i>Esta parte só aqui parece a cabeça de um pinguim.</i> (Com o bico aqui só, aqui pouco nítido -Verm sobre Preto- parece um olho fechado).</p>	Dd F- Ad
III	
<p>11. <i>Parecem duas pessoas a dançarem (G).</i></p> <p>12. <i>Isto aqui parece um bocado estranho, mas parece um bebé, um embrião (Verm Sup).</i> (parece um embrião, com o cordão umbilical, pequenino e enrolado, e por causa das duas mulheres).</p> <p>13. <i>Isto aqui parece-me um rim. Estes dois. (Verm Central).</i></p> <p><i>Acho que nesta parte as pessoas seguram dois cestos. Aqui parecem-me sapatos altos bicudos (das pessoas). Acho que são duas mulheres, e daí os bebés, com o cordão umbilical.</i></p>	<p>G K H Ban</p> <p>D Kp H</p> <p>D FC Anat</p>
IV	
<p>14. <i>Parece-me um gigante, um gigante com umas asas, sentado...</i></p> <p>15. <i>Em cima de uma cadeira (D Central Inf).</i> (ou um tronco de árvore a fazer de cadeira)</p> <p><i>Parece que tem imenso cabelo (ondulado, grande e rebelde) e um nariz comprido. Tem umas botas grandes. Parece-me estar a descansar.</i></p>	<p>G KClob (H)</p> <p>D F+ Obj</p>
V	
<p>16. <i>Parece-me um morcego visto detrás.</i> (Acho que está a voar. Está detrás porque não vejo a cara dele).</p> <p>17. <i>Aqui a parte do fim (D Lat), de perfil, faz-me lembrar uma ratazana qualquer que vi num filme.</i></p>	<p>G Kan A Ban</p> <p>D F- A</p>

<p>18. <i>Esta parte das asas parece-me uma nuvem.</i></p> <p>19. (>) <i>Aqui, parece-me uns pauzinhos de caracol...</i> (D Inf).</p> <p>20. <i>E ao mesmo tempo (Λ) as pernas do morcego</i> (D Inf).</p>	<p>D F± Nat</p> <p>Do F+ Ad</p> <p>Do F+ Ad</p>
<p>VI</p> <p>21. <i>A parte de cima parece a cabeça de uma raposa que tem nós no pêlo</i> (D Sup). (o pêlo não está todo no mesmo sítio, está desalinhado).</p> <p>22. <i>Esta parte aqui parece um tapete de pele, acho que ele todo parece um tapete de pele</i> (G). (é todo simétrico, como pele cortada, e a gradação das cores também me faz pensar).</p>	<p>D FE Ad</p> <p>G FE A</p> <p>Comentário Simetria</p>
<p>VII</p> <p>23. <i>Parecem-me dois coelhos. Parece que estão vestidos com duas saias. Parece que são um bocado arrogantes. Parece que se confrontam quase, ou que se invejam. Estão meios virados um para o outro. Talvez sejam coelhas, é um bocado mais típico de mulheres, acho eu.</i> (Aqui a cabeça, com a mão virada para o lado e depois a saia. Arrogantes. Estão viradas de lado, como que a observar a outra, com vontade de magoar, ou de fazer mal à outra).</p>	<p>G Kan A</p>
<p>VIII</p> <p>24. <i>Parecem dois tigres, estas partes</i> (Rosas Lat). (parecem estar a subir qualquer coisa).</p> <p>25. <i>Aqui uma borboleta</i> (Laranja + Rosa Inf).</p> <p>26. <i>Uma foca a levantar a cauda</i> (D Sup) (aqui o corpo e a cauda).</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A</p> <p>D Kan A</p>

<p>27. <i>Isto parece-me o mar, esta parte mais escura o horizonte...</i> (parece-me um pedaço de mar, aqui a pingar. O horizonte na junção do céu com o mar, mas aqui é na junção de dois mares).</p>	<p>D KobC Nat Comentário Ligação</p>
<hr/>	
IX	
<p>28. <i>Parece-me um copo de água, na parte mais clara</i> (Dbl).</p>	<p>Dbl F+ Obj</p>
<p>29. <i>Com dois homens a disputarem por ele. Parece que fazem um braço-de-ferro, não sei...</i> (Laranja + Dbl).</p>	<p>D K H</p>
<p>30. <i>A parte verde parece-me um hipopótamo com asas, parece-me triste.</i> (a cabeça e aqui as asas).</p>	<p>D Kan (A)</p>
<p>31. <i>Isto aqui parece-me uma jarra, ou um copo ao contrário</i> (D Rosa central), e os hipopótamos apoiam-se nele.</p>	<p>D F- Obj</p>
<p>32. <i>Aqui ao lado duas bolas saltitonas</i> (Rosas).</p>	<p>D Kob Obj</p>
<p>33. <i>Mas o desenho todo parece-me um leão, ou um rinoceronte, mais um leão, acho eu...</i> (Aqui o nariz e aqui a parte do bigode do leão -D Verde-, aqui os olhos -D Laranja- e aqui a boca -D Rosa-).</p>	<p>G F- A/Ad</p>
<hr/>	
X	
<p><i>Esta é a mais difícil, não é? As outras imagens são muito pegadas, estas não.</i></p>	<p>Crítica Subjectiva</p>
<p>34. <i>Aqui parecem-me duas pulgas</i> (D Cinza).</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>35. <i>Aqui dois escaravelhos a levarem...</i> (D Azul + Verde).</p>	<p>D Kan A</p>

36. *uma folha* (D Azul + Verde).

D CF Bot

37. *Aqui parecem dois ratos a saltarem* (D Cinza, sem Amarelo).

D Kan A

38. *E aqui, o grande, uma pessoa, um homem com bigode, com ar zangado. Daqueles ruivos. Tem uma coroa* (D Cinza Sup) *e os olhos azuis. Tem as bochechas rosadas* (D Amarelo + Rosa) *e um enfeite na testa* (D Laranja).

D_bl Kp Hd

(Os olhos a azul a juntarem-se... Parece zangado, a juntar as sobrancelhas, o cabelo ruivo -D Rosa- e o bigode -D Verde-).

PROVA DAS ESCOLHAS:

++ | **III**, *Acho que é harmonioso.*

+ | **V**, *Acho que dá um ar sinistro.*

-- | **VI**, *Não gostei, porque não gosto de tapetes de pele, fazem-me impressão. Faz-me impressão as pessoas andarem com peles.*

- | **VII**, *Porque é um bocado de confronto. Acho que são duas coelhas que se invejam um bocado por causa das coisas que têm, acho que não se suportam.*

PSICOGRAMA

R	38	G	7	18%	F	19	A	17	A%	60%
		Gbl	1		+	9	Ad	6	H%	10%
		G	1		-	9	H (A)	1		
		D	21	55%	±	1	H	3	F%	50%
		Dbl	3	8%			Hd	1	F+%	25%
		Dd	1		FE	3	(H)	1		
		D_b1	1		FC	1	Obj	4		
		Do	3		CF	1	Nat	2	Ban	4
					K	2	Bot	2		
TRI	3K : 2ZC	(INTROVERSIVO)					Anat	1		
F.C.	112K : 1,5ZE	TIPO MISTO)								
RC%	39%				Kan	7				
I.A.	5%				Kob	1				
					Kp	2				
					KClob	1				
					Kobc	1				

Elementos Qualitativos:

- Choque Clob (IV)
- Comentário Simetria (VI)
- Comentário Ligação (VIII)
- Crítica Subjectiva (X)

O Protocolo Rorschach Bruno – M (15 anos / 9º ano)

I	<p>1. Um morego. (Aqui o corpo e aqui as asas).</p> <p>2. Uma tarântula. (Aqui o corpo, e isto a preto dá ideia das patas, menos estes bocado – cria um Dd. Não sei se é uma tarântula).</p>
<p>G F+ A Ban</p> <p>G F- A</p>	<p>3. Talvez a forma do mundo, de uma parte do mundo. (O mundo visto num mapa, com os seus bocadinhos – D Preto).</p>
<p>III</p>	<p>4. Lembra aquelas flores que comem algo em movimento. Não sei se são carnívoras. São aquelas flores que se fecham sobre algo que está a passar e pumi (como ela abriu a boca, a borboleta vem aqui ver e pronto, ela fecha.)</p> <p>5. Isto é uma borboleta. (D Verm Central).</p> <p>6. Parecem duas estátuas. São parecidas. (Duas estátuas de pessoas. Parecem estátuas de africanos, pela forma delas. Dá ideia que são lisinhas e polidas).</p>
<p>Gbl Kob Nat</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ Estátua</p>	<p>7. Dá ideia de ser uma espécie de algo sobrenatural. (Aqui a cabeça. Sobrenatural porque em vez de ter algo com mãos, tem umas pinças. Aqui as pernas e os pés).</p> <p>8. Aqui no meio dá a ideia que é um caminho sem fim.</p>
<p>G Flob (A)</p> <p>Choque Clob</p> <p>D F+ Obj</p>	<p>IV</p>

	(D Central – é muito longo, e pequenino aqui, estreitinho).
G F+ A	<p>V</p> <p>9. <i>Parece ser uma ave.</i> (Aqui a cabeça, patas e asas).</p>
G F+ Obj/Abst	<p>VI</p> <p>10. <i>Uma espécie de santuário ao ar livre, com tipo, um cruz.</i> (Aqui é uma cruz – D Sup – tipo Fátima, e aqui um espaço muito aberto. Digo aberto, de não ser fechado).</p> <p><i>Um bocadinho de solidão.</i> (Tudo excepto D Sup – por ser muito pequeno, e não ter algo à volta. Está sozinho).</p>
G F+ Estátua	<p>VII</p> <p>11. <i>Penso que também seja assim parecido com umas estátuas, são idênticas.</i> (Aqui uma espécie de um limite – D Central Inf – e aqui uma estátua e aqui outra. A forma de uma criança, com a cabeça aqui e a forma de um vestido).</p>
D Kan A Ban	<p>VIII</p> <p>12. <i>Parecem dois ursos a tentarem chegar a alguma conclusão, atrás de alguma coisa.</i> (Aqui os dois ursos com a cabeça e o focinho e aqui em cima – D Sup – alguma coisa que eles querem. Talvez alimento, pela forma).</p> <p>13. <i>Também parece ser uma gruta.</i> (Aqui em cima – D Sup – parece uma espécie de uma entrada que dá para um subterrâneo que vai dar aqui – D Médio – com uma espécie de um buraco aqui ao meio - DdbI).</p>
D F- Obj	<p>IX</p> <p>14. <i>Um barco.</i> (D Rosa – aqui o barco, com os flutuadores, um de cada lado).</p>

PROVA DAS ESCOLHAS:

++	X, Este porque me lembra o mar e alegria.
+	VIII, Este porque também é colorido e me lembra dois animais.
--	I, Porque não tem cores alegres e mostra uma tarântula, que é um animal agressivo.
-	IV, Por ser algo sobrenatural, talvez assustador.

X	<p>15. Lembra o mar com criaturas: peixes, caranguejos. (Peixes aqui – D Amarelo, D Verde – com as barbatanas; e caranguejos, com as patas – D Preto Lat).</p> <p>16. Parece ser uma ilha assim distante. (Uma ilha que não está no mapa, porque parece mesmo que não tem nada à volta, é mesmo só aqui).</p>
G CF Nat	
G F± Nat	

O Protocolo Rorschach Catarina – F (14 anos / 8º ano)

<p>I</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>D F+ H</p>	<p>1. Um animal, um morcego ou assim... (G). (As asas e o corpo com as antenas).</p> <p>2. Aqui uma mulher com braços e pernas. (D central – braços, pernas, cabeça e o vestido).</p>
<p>II</p> <p>Gbl F± Paisag</p> <p>Comentário</p> <p>Ligação</p>	<p>3. Dois lagos com peixes. (Gbl). (Dois lagos que se juntam – D preto – e o encarnado lá, Peixes assim redondos).</p>
<p>III</p> <p>D F+ Op].</p> <p>G K H Ban</p>	<p>4. Aqui podia ser uma viola daquelas eléctricas. (D Verm Sup. – as coisas onde se afinam, o braço. As outras violas são mais redondas aqui em baixo, mas as eléctricas são mais parecidas com estas).</p> <p>5. Isto, dois homens. (Aqui a cara, os braços, as pernas).</p>
<p>IV</p> <p>D F+ (A)</p>	<p>6. Isto aqui podiam ser duas caras de cães. (Assim aqui – D Lat Inf – parece o pluto dos Miceys, com o nariz redondo, olhos e boca).</p>
<p>V</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A</p>	<p>7. Podia ser uma borboleta, ou animal com asas, não sei.</p> <p>8. Também podia ser um morcego, porque tem as asas maiores, aqui com os dois pés e o corpo.</p>

D K H	9. Também podia ser uma pessoa a mergulhar. (com as perna e o corpo aqui – D Sup)	D F± Obj	10. Aqui – restante imagem – seria uma piscina.
D F- Vest	VI 11. Uma camisa, assim. (excepto D Sup – Está virada ao contrário, pendurada pelas pontas. Aqui a gola, o fecho e os braços).	D F- Vest	
G F+ Hd/H	VII 12. Duas caras, e o corpo também. (Caras, o corpo, a saia. Com aquelas coisas que as que dançam sevilhanas põem nas cabeças).	D F- Obj	13. Também pode ser um carrinho, daqueles de compras. (D Central – com a pega para empurrar e o cesto).
D F+ A Ban →C	VIII 14. Aqui dois camaleões. (Com o corpo e as patas).	D F+ A Ban →C	
D CF Nat	IX 15. Aqui mato...	D CF Nat	
D KobC Fogo	16. E assim aqui chamas... (Agora ainda por cima estamos no tempo. Aqui mato porque é verde, e o laranja é logo assim uma cor que me faz pensar em fogo).	D KobC Fogo	
D F± Nat	X 17. Aqui aquelas flores trepadeiras. (D Preto Sup – Aqui as raízes e aqui a subir um pau).	D F± Nat	

PROVA DAS ESCOLHAS:

++	X, Porque é o que tem mais cor.
+	III, Porque não tem nada, e ao mesmo tempo parece imensa coisa. Dois homens a dançar, duas carteiras, duas guitarras eléctricas.
--	VI, Porque foi o mais difícil, não consigo ver lá nada.
-	IX, Apesar de ter cor também não parece muita coisa.

D Kan A	18. Duas rãs. (Aqui – D Cast Lat – a saltar).
D F+ A	19. Dois cavalos-marinhos. (D Verde – com a parte de trás assim redonda e para dentro e o bico).

	I
<p>G F+ A Ban Comentário Simetria</p>	<p>1. Parece-me para aí um morcego. Estas imagens com manchas parecem-se todas com animais, como são simétricas... (As asas aqui, e aqui a boca).</p>
II	
<p>G CF Abst Choque Cor D C Sg D F+ A</p>	<p>2. Isto parece-me uma cena de um crime, não sei. Um bocado esquisito. Talvez pelo... (Pelas zonas mais escuras. Talvez também pelos tons de vermelho na imagem). 3. Sangue esbatido. 4. Também parece uma borboleta, ou um insecto qualquer. (Esta mancha vermelha – Verm Inf – com estas coisinhas tipo antenas).</p>
III	
<p>Crítica Subjectiva D_{bl} F- A D F+ Obj Ban D F- Ad</p>	<p>Não estou a assemelhar a nada... 5. Parece-me uma aranha, com um laço em cima. Esta coisa vermelha em cima, na aranha. (Aranha aqui por causa dos olhos, tipo uma tarântula – D Preto). 6. O Vermelho só me parece um laço. (D Verm Central). 7. Isto aqui vermelho também só me parecem uns casulos pendurados. (D Verm Sup).</p>
IV	

<p>D F+ A</p>	<p>8. <i>Um urso.</i> (Visto a partir de baixo, em cima vê-se mais pequeno. A cabeça, os braços e as patas).</p> <p>9. <i>Também me parece ser uma daquelas coisas que os camiónes têm em baixo para levantar – acho que são pilares pneumáticos.</i> (Esta coisa aqui no meio – D Inf Central – parece estar a elevar o urso, e estes pilares servem para elevar grandes pesos. Também pela forma recta, com os apoios de lado).</p>
<p>D F+ A</p>	<p>V</p> <p>10. <i>Parecem-me dois coelhos mortos.</i> (Quando se costuma agarrar nos coelhos mortos ficam com as patas estendidas, assim – Dd Lat – e aqui as cabeças).</p> <p>11. <i>Ou também um borboleta.</i> (Com os tentáculos. Só a zona do meio – D Central – onde está o traço a dividir o corpo, como se ainda não tivessem nascido as asas).</p>
<p>D F+ Obj</p> <p>D C' Nat</p>	<p>VI</p> <p>12. <i>Parece-me uma auto-estrada...</i></p> <p>13. <i>Com floresta queimada dos lados.</i> (Parece-me a imagem dum trabalho que fiz sobre a Amazônia. A auto-estrada no meio, com as zonas à volta queimadas, pretas. Uma linha recta, um bocado larga, com diferentes tons de preto à volta).</p> <p>14. <i>Esta parte aqui também me parece um insecto, por causa das mandíbulas.</i> (Sim, aqui – D Sup – por causa das mandíbulas e por causa das asas).</p>

<p>X</p> <p>G KobC Cena</p>	<p>22. Isto aqui parece-me um cenário de um circo. Tem cores vivas e parece representar movimento. Uma mistura de pessoas e bichos a dançar, ou assim.</p> <p>(Não sei bem, talvez por exemplo aqui bichos – D Preto Sup – são</p>
<p>IX</p> <p>G C Abst</p>	<p>21. Aqui parecem três territórios opostos. Não é bem, é tipo três estados que não se dão assim muito bem uns com os outros e que andaram sempre em guerra. Como nos filmes da antiguidade, em que mostram mapas com três cores diferentes que são três reinos.</p> <p>(As cores marcam três zonas).</p>
<p>VIII</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D C'F Gelo</p> <p>D F- A</p>	<p>18. Parecem dois cães a tentar subir uma coisa qualquer.</p> <p>(Parece cães, pela forma, quatro patas, a tentar subir um monte – D Central).</p> <p>19. Deve ser a grande altitude, com água congelada, pela cor é o que aparenta.</p> <p>20. Talvez uma aranha aqui.</p> <p>(D Sup – estas partes mais salidas parecem as pernas de uma aranha).</p>
<p>VII</p> <p>D C'F Nat</p> <p>G EF Obj</p> <p>Gbl F7 Nat</p>	<p>15. Parece-me os bordos de uma lagoa ou assim...</p> <p>16. Aqui com a parte da barragem.</p> <p>(A parte aqui dos bordos, num tom mais claro, parece estar em contacto com a água, e aqui parece a saída da água).</p> <p>17. Ou então uma ilha qualquer.</p> <p>(Se for a pensar no rectângulo todo, se a parte de fora também for água, também me parece uma ilha).</p>

PROVA DAS ESCOLHAS:

++	IX, Por ter muitas cores e pela forma como estão dispostas. Parece uma cadeia, tudo acoplado uns aos outros.
+	I, Pela forma, e por não ser tudo o mesmo, tem umas zonas mais claras e outras mais escuras, e tem zonas brancas no meio.
--	X, Porque representa cor a mais e movimento a mais. Ofusca um bocado. É muito confuso.
-	III, Não sei bem, não gosto muito da mistura do vermelho e do preto com o vermelho no meio e o preto a rodear.

pequenos e redondos e têm antenas. Não sei, talvez aqui as pessoas – D Amarelo, D Verde – aqui no verde talvez a forma de uma cabeça com uma máscara).

